

ESTUDOS & PESQUISAS
INFORMAÇÃO ECONÔMICA

28

ESTATÍSTICAS DE EMPREENDEDORISMO

2014



endeavor
BRASIL
HIGH-IMPACT ENTREPRENEURSHIP

IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Dyogo Henrique de Oliveira (interino)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente
Paulo Rabello de Castro

Diretor-Executivo
Fernando J. Abrantes

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas
Roberto Luís Olinto Ramos

Diretoria de Geociências
Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática
José Sant`Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Pesquisas

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Diretoria de Pesquisas

Estudos e Pesquisas
Informação Econômica
número 28

Estatísticas de Empreendedorismo

2014

Rio de Janeiro
2016

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISSN 1679-480X Estudos e pesquisas

Divulga estudos descritivos e análises de resultados de tabulações especiais de uma ou mais pesquisas, de autoria institucional. A série **Estudos e Pesquisas** está subdividida em: Informação Demográfica e Socioeconômica, Informação Econômica, Informação Geográfica e Documentação e Disseminação de Informações.

ISBN978-85-240-4395-6 (meio impresso)

© IBGE. 2016

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Capa

Marcos Balster Fiore e Renato Aguiar - Coordenação de *Marketing*/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Estatísticas de empreendedorismo : 2014 / IBGE, Diretoria de Pesquisas. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016.

92 p. - (Estudos e pesquisas. Informação econômica, ISSN 1679-480X ; n. 28)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4395-6

1. Empreendedorismo – Brasil - Estatística. 2. Pequenas e médias empresas – Brasil - Estatística. I. IBGE. Diretoria de Pesquisas. II. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/IBGE/2016-23

CDU 334.722.1(81)
ECO

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Sumário

Apresentação

Introdução

Conceito de empreendedorismo

A importância das empresas de alto crescimento

Tema específico

Notas técnicas

Bases utilizadas

Classificação de atividades econômicas

Âmbito do estudo

Alcance do estudo

Regras de arredondamento

Regras de desidentificação

Comentários gerais

Contexto econômico

 Cenário internacional

 Comércio Internacional

 Taxa de câmbio (R\$ por US\$)

 Taxa de juros (SELIC) e Índice de preços (IPCA)

Crescimento anual da carteira de crédito

Taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto

Índice de preços e metas de inflação

Taxa de desocupação no Brasil, Economias avançadas e Área
o Euro

Panorama geral das empresas ativas

Panorama geral das empresas de alto crescimento

Taxa de crescimento

Geração de postos de trabalho assalariados

Porte

Faixa de idade

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Empresas gazelas

Porte

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Análise setorial das empresas de alto crescimento

Número de empresas: representatividade por atividade
econômica

Número de empresas: distribuição por atividade econômica

Pessoal ocupado assalariado: distribuição por atividade
econômica

Geração de postos de trabalho assalariado por seções de atividade
econômica

Salários e outras remunerações

Média de idade

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Empresas gazelas por seções de atividade econômica

Variáveis econômicas

Valor adicionado bruto

Produtividade do trabalho

Receita líquida

Panorama geral das empresas de alto crescimento contínuo

Seções de atividade econômica

Variáveis selecionadas, por faixa de idade e porte

Tema específico: a trajetória das empresas de alto crescimento contínuo

Análise regional das empresas de alto crescimento

Grandes Regiões

Unidades da Federação

Conclusões

Referências

Glossário

Convenções

-	Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento;
..	Não se aplica dado numérico;
...	Dado numérico não disponível;
x	Dado numérico omitido a fim de evitar a individualização da informação;
0; 0,0; 0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente positivo; e
-0; -0,0; -0,00	Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente negativo.

Apresentação

Esta publicação divulga os resultados da sexta edição do estudo Estatísticas de Empreendedorismo, referente ao ano de 2014, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com a cooperação técnica do Instituto Empreender Endeavor Brasil. A Endeavor é uma instituição global sem fins lucrativos de fomento ao empreendedorismo.

Este estudo foi elaborado a partir das informações do Cadastro Central de Empresas - CEMPRESA, do IBGE, e das pesquisas estruturais por empresa nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços, realizadas pelo IBGE, que contemplam informações sobre o segmento empresarial formalmente constituído da economia brasileira.

Neste texto é apresentada uma contextualização do tema empreendedorismo, explicando a sua relevância e discutindo os conceitos de empresas de alto crescimento. Estas definições são integradas às recomendações da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD). Também são incluídas as notas técnicas, abordando as bases das pesquisas por empresa utilizadas, a classificação de atividades econômicas, o âmbito do estudo e as variáveis investigadas. Ao final, a seção de comentários gerais discorre sobre o desempenho das empresas de alto crescimento, detalhado por um tema específico.

Roberto Luís Olinto Ramos

Diretor de Pesquisas

Introdução

Esta publicação trata da exploração de variáveis que caracterizam empresas de alto crescimento, conceito que considera a geração de postos de trabalho assalariados ao longo do tempo. Os resultados são apresentados em comparações trienais. Os dados mais atuais disponíveis para descrever tal fenômeno se referem ao ano-base de 2014. Portanto, no seu conceito-chave, analisam-se dados do triênio 2012-2014. Tal fato posiciona o estudo Estatísticas de Empreendedorismo 2014 em um momento posterior à crise na economia global ocorrida entre 2008 e 2009¹. Em 2011, os efeitos da crise atingiram principalmente as economias avançadas na Zona do Euro, que apresentaram taxas de desemprego elevadas e alto grau de endividamento público. A contração das economias avançadas impactou o crescimento mundial e, neste contexto, muito se tem discutido como mudanças na economia afetam os fatores do crescimento econômico. (WORLD..., 2014a). Em um cenário de baixo dinamismo das economias, a ideia de empreendedorismo como promotor do crescimento e da inovação vem ganhando destaque. Para Ahmad e Hoffman (2008), o empreendedorismo é um instrumento importante no aumento da produtividade, na competitividade e na geração de novos postos de trabalho. No entanto, se, por um lado, há uma vasta literatura destacando sua importância, por outro, é sabida a complexidade de sua mensuração.

¹ A economia mundial, que até 2007 experimentava um ciclo de expansão, iniciou, em 2008, um processo de retração, com redução das taxas de crescimento do Produto Interno Bruto - PIB em todo o mundo. Entre 2009 e 2012, a Zona do Euro apresentou um crescimento médio negativo do PIB (-0,4). No Brasil, a média foi positiva, abaixo do nível verificado no período anterior, no entanto, com uma redução do crescimento de 4,6% (2005-2008) para 2,7% (2009-2012). Vale ressaltar que, no caso brasileiro, essa desaceleração não veio acompanhada de altas taxas de desemprego como no caso das economias avançadas (8,02%). Com exceção de 2009, a taxa de desemprego brasileira apresentou uma tendência decrescente em todo o período, atingindo mínimos históricos (WORLD..., 2014a).

Esforços recentes vêm sendo feitos no sentido de padronizar e delimitar o conceito de empreendedorismo. Desde o final da década passada (2001-2010) e o início da atual, o estudo do tema e a disponibilidade de informações se encontram em contínuo desenvolvimento (SANTOS et al., 2014). Com o intuito de facilitar a mensuração e possibilitar a comparação internacional, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD) publicou o estudo *Defining entrepreneurial activity: definitions supporting frameworks for data collection*, em 2008, elaborado por Ahmad e Seymour (2008), com definições necessárias para caracterizar tais aspectos. O Brasil tornou-se um parceiro da OCDE a partir de 2007, e o IBGE passou a fazer parte do programa em 2009, lançando, em 2011, seu primeiro estudo referente ao tema, denominado Estatísticas de Empreendedorismo 2008. Os estudos que se seguiram (ESTATÍSTICAS..., 2012, 2013, 2014, 2015) tinham como objetivo aprofundar a análise da dinâmica empreendedora no Brasil. No universo das empresas, optou-se pela utilização das empresas de alto crescimento como objeto de estudo. Tal foco justifica-se pela relevância dessas empresas no crescimento econômico, principalmente na criação de empregos (AHMAD; SEYMOUR, 2008). Dessa forma, ao longo da análise, adota-se o conceito de alto crescimento de empresas como uma aproximação do termo empreendedorismo.

Nas edições anteriores, assim como na atual, utiliza-se a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0², oficialmente adotada pelo Sistema Estatístico Nacional e compatível com a Revisão 4 da Clasificación Industrial Internacional Uniforme de todas las Actividades Económicas - CIU (International Standard Industrial Classification of all Economic Activities - ISIC).

Esta edição traz, adicionalmente, o aprofundamento da análise do universo das empresas de alto crescimento contínuo. Além do recorte tradicional das publicações anteriores, foram adicionados uma análise de variáveis selecionadas (pessoal ocupado assalariado, valor adicionado, valor adicionado médio, receita líquida, produtividade, salários e outras remunerações pagas, e salário médio mensal) por faixa de idade e porte, e um tema específico. O tema específico visa explorar a trajetórias destas empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo, entre 2005-2008, com o objetivo de compreender melhor a resiliência destas empresas em relação às demais.

Conceito de empreendedorismo

O termo "empreendedor" possuiu vários significados ao longo dos últimos séculos (HÉBERT; LINK, 1988). Tradicionalmente, a noção de empreendedorismo é creditada a Jean-Baptiste Say (1767-1832), mas foi o economista franco-irlandês Richard Cantillon (década de 1680-1734), quem introduziu, em 1755, o termo ao utilizá-lo para descrever "alguém que exerce um julgamento de negócios em face da incerteza" (BULL; WILLARD, 1993, p. 185, tradução nossa)³. A partir das contribuições de Cantillon, diversos autores se debruçaram sobre o tema, como Adam Smith (1723-1790), Jean

² Para informações mais detalhadas sobre classificações adotadas pelo IBGE, acessar o endereço: <<http://concla.ibge.gov.br>>

³ Traduzido a partir do texto original: "It [term entrepreneur] first appeared in the writings of Richard Cantillon in 1755 who used the term to describe someone who exercises business judgment in the face of uncertainty" (BULL; WILLARD, 1993, p. 185).

Baptiste Say (1767-1832), Alfred Marshall (1842-1924), Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), Frank Hyneman Knight (1885-1972), Edith Elura Tilton Penrose (1914-1996) e Israel Meir Kirzner (1930-) (HÉBERT; LINK, 1988).

Os trabalhos do austríaco Joseph Schumpeter tiveram papel fundamental na consolidação do empreendedorismo como campo de estudo, ligando-o ao conceito de inovação. O empreendedor passa a ser visto, então, como o agente que utiliza de forma diferente os recursos, deslocando-os de seu uso tradicional a partir de novas combinações. Já Edith Penrose foi uma das primeiras autoras a introduzir conceitos ligados à atividade empreendedora e às capacidades empreendedoras dentro da organização, alterando o foco da análise da figura do empreendedor para a ideia do empreendedorismo inserido no contexto da firma (PENROSE, 1959).

Na literatura recente, o estudo do empreendedorismo aprofundou-se na análise das oportunidades empreendedoras, situações em que novos produtos, serviços, materiais ou métodos organizacionais podem ser introduzidos e vendidos por um preço maior do que o seu custo de produção (CASSON, 1982). No entanto, se, por um lado, há uma vasta literatura destacando sua importância, por outro, não há consenso sobre a definição do conceito de empreendedorismo. Wennekers e Thurik (1999), por exemplo, destacam as diversas dimensões envolvidas no conceito de empreendedorismo, dependentes do nível de análise (individual, firma e níveis agregados da atividade econômica) em foco.

No decorrer deste estudo, adotam-se as seguintes definições propostas por Ahmad e Seymour (2008) em seu estudo publicado pela OCDE:

- **Empreendedores:** são pessoas, necessariamente donos de negócios, que buscam gerar valor por meio da criação ou expansão de alguma atividade econômica, identificando e explorando novos produtos, processos e mercados;
- **Atividade empreendedora:** é a ação humana empreendedora que busca gerar valor, por meio da criação ou expansão da atividade econômica, identificando novos produtos, processos e mercados; e
- **Empreendedorismo:** é o fenômeno associado à atividade empreendedora.

Pela definição, é possível que uma empresa tenha muitos empregados e ainda seja empreendedora, uma vez que o fenômeno não está associado a estratos específicos nem da atividade econômica, tampouco do porte e/ou idade da empresa. Tal fenômeno espalha-se por qualquer tipo de firma que seja capaz de expandir seus negócios por meio da geração de valor e criação de novos produtos, processos e mercados.

Visando à construção de um modelo brasileiro de mensuração de empreendedorismo por meio da integração, organização e interpretação de informações sistemáticas referentes ao tema, e usando como fonte de informação as bases de dados já disponíveis no IBGE, este trabalho tem como objetivo geral dar continuidade à análise exploratória do perfil socioeconômico das empresas de alto crescimento, a partir do cruzamento de informações das bases de microdados do Cadastro Central de Empresas - CEMPRES, do IBGE, no triênio 2012-2014. Tal avaliação se dá com base, fundamentalmente, na apreciação de indicadores apontados como relevantes, pela literatura, tais como idade, porte e setor de atividade das empresas e pessoal ocupado assalariado nessas empresas (DEMOGRAFIA..., 2016).

A importância das empresas de alto crescimento

Ao longo do tempo, a análise do fenômeno do crescimento por meio de seus fundamentos microeconômicos tem colaborado para destacar o papel das empresas de alto crescimento. Nesse sentido, Acs, Parsons e Tracy (2008) ressaltam a necessidade de aprofundar a caracterização das empresas de alto crescimento. De acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics*, publicado em 2007, essas empresas desempenham papel fundamental no tratamento de questões essenciais de políticas públicas, principalmente pela sua participação na geração de emprego. No entanto, este é um objeto de análise ainda pouco tratado em pesquisas teóricas e empíricas. Pouco se sabe sobre as empresas de alto crescimento e ainda menos sobre os seus determinantes.

Segundo estudos empíricos (ACS; PARSONS; TRACY, 2008; AUDRETSCH, 2012), as empresas de alto crescimento, mesmo que representem uma parcela pequena do total de firmas, são responsáveis por percentual considerável da criação de empregos. Há estudos que apontam que tal desproporção é ainda maior no caso brasileiro, o que sugere o grau de importância das empresas de alto crescimento para a dinâmica da economia de países em desenvolvimento (SANTOS et al., 2014). No que concerne às características das empresas, parte da recente literatura empírica de crescimento de firmas corrobora a afirmação proposta por Ahmad e Hoffman (2008) de que há fatores determinantes da performance empreendedora.

A definição de empresas de alto crescimento adotada pelo IBGE está de acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics*, uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos e tem 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação. Em linha com edições anteriores, o presente estudo se debruça também sobre as empresas gazelas, um subgrupo das empresas de alto crescimento, que abrange empresas com idade entre 3 e 5 anos, no ano de referência (2014) – e que apresenta crescimento médio anual superior a 20%, em um período de três anos (EUROSTAT-OECD..., 2007). Esta edição, assim como as anteriores, considera o grupo de empresas de alto crescimento contínuo, aquelas que tiveram crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, durante dois triênios seguidos. As empresas de alto crescimento contínuo são um fenômeno raro, segundo estudo divulgado pela OECD (HIGH-GROWTH..., 2010), e sua mensuração gera possibilidades de evidenciar comportamentos distintos do alto crescimento observado no total de empresas de alto crescimento.

Tema específico

Esta edição apresenta como tema específico uma análise das empresas de alto crescimento contínuo para além do recorte tradicional presente nas edições anteriores.

As empresas de alto crescimento contínuo são empresas com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20,0% ao ano, durante dois triênios seguidos. Na edição de 2014 optou-se por aprofundar no universo das empresas de crescimento contínuo, em decorrência da importância dessas empresas no

processo de geração de empregos durante um período para além da observação do triênio (2012-2014). Considerando que houve redução no número de empresas de alto crescimento em 2013 e 2014, e que em 2014 houve redução do número de empresas ativas no CEMPRE – pela primeira vez desde o início da série histórica – torna-se relevante a observação do grupo de empresas que mostraram resiliência em um período de menor dinamismo econômico.

As empresas de alto crescimento são economicamente importantes, dada a sua capacidade de geração de empregos, portanto, são focos de interesse de políticas públicas que fomentem o empreendedorismo. No entanto, os estudos recentes (DAUNFELDT; HALVARSSON, 2015) e os dados deste estudo, demonstram que o fenômeno do alto crescimento é efêmero – ou seja – as empresas que atingem o alto crescimento em um determinado triênio raramente sustentam este crescimento nos anos seguintes. Desta forma, as empresas de alto crescimento contínuo compõem um grupo importante de análise, pois são empresas que sustentaram um crescimento de 20% ao ano durante um período maior de três anos. Neste relatório a análise das empresas de alto crescimento contínuo abrange as empresas que cresceram dois triênios seguidos, ou seja, além de apresentarem alto crescimento no triênio em questão (2012-2014), estas vêm crescendo desde o triênio anterior (2009-2011).

A literatura sobre o alto crescimento revela uma demanda crescente por dados relacionados a agregações alternativas de empresas, uma vez que a utilização de novas perspectivas é uma maneira de compreender questões atuais que não estão explícitas nos recortes tradicionais (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016).

Nesta edição de 2014, além do recorte tradicional das publicações anteriores, foram adicionados: uma análise de variáveis selecionadas (pessoal ocupado assalariado, valor adicionado, valor adicionado médio, receita líquida, produtividade, salários e outras remunerações pagas, e salário médio mensal) por faixa de idade e porte, e uma análise da trajetória destas empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo, entre 2005-2008. Esta análise foi incorporada ao relatório com o objetivo de compreender melhor a resiliência destas empresas em relação às demais.

A partir da taxa média de crescimento de pessoal ocupado assalariado entre 2005 e 2008, as empresas de alto crescimento contínuo (2009-2014) foram classificadas em: empresas que nasceram entre 2005-2008; empresas que tiveram redução de pessoal ocupado assalariado; empresas cujo pessoal ocupado assalariado se manteve estável; e empresas que tiveram aumento do pessoal ocupado assalariado. O último grupo, empresas que apresentaram crescimento de pessoal ocupado assalariado anterior ao período de alto crescimento contínuo ganhou maior enfoque, dado o potencial de geração de empregos destas empresas por um longo período de tempo. Desta forma, buscou-se observar este grupo de empresas por seções de atividade CNAE 2.0.

Notas técnicas

O presente estudo é um levantamento sistemático de dados das empresas de alto crescimento. Uma vez que o conceito de empresas de alto crescimento se refere àquelas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação, os resultados são apresentados comparativamente entre as empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada ou com as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Outro conceito central para esta publicação é o de Unidade Local. Conforme já utilizado em outras publicações do IBGE, considera-se como tal o endereço de atuação da empresa que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as Unidades Locais estabelecidas no País.

Bases utilizadas

Para a realização deste estudo, foram utilizadas informações provenientes do Cadastro Central de Empresas - CEMPRES e das pesquisas estruturais por empresa do IBGE, de 2011 a 2014, nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços.

O CEMPRES engloba registros de pessoas jurídicas inscritas no CNPJ, independentemente da atividade exercida ou da natureza jurídica. Essas informações resultam da consolidação de registros adminis-

trativos, como a Relação Anual de Informações Sociais - RAIS e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, do então Ministério do Trabalho e Emprego⁴, com os das pesquisas por empresa realizadas pelo IBGE, dando-se prioridade aos dados obtidos por estas⁵. As informações cadastrais das empresas e outras organizações contidas no CEMPRE são: razão social, código da natureza jurídica, classificação da atividade econômica principal e ano de fundação, além de endereço completo e nome de fantasia para as Unidades Locais. O CEMPRE contém ainda dados econômicos, como pessoal ocupado total e assalariado, salários e outras remunerações e, para as empresas oriundas das pesquisas por empresa realizadas pelo IBGE, existem ainda dados sobre pessoal ocupado total; pessoal ocupado assalariado; número médio de pessoal ocupado no ano; custos e despesas de pessoal; outros gastos de pessoal, como Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS, contribuições para a previdência social, contribuições para a previdência privada, indenizações trabalhistas, benefícios concedidos aos empregados etc.; custos dos aluguéis e arrendamentos; custos das mercadorias adquiridas para revenda; custos das operações da atividade principal; outros custos e despesas; receita total; receita bruta; receita operacional líquida; produtividade; valor adicionado bruto⁶.

Uma vez delimitado o conjunto de empresas de alto crescimento pelo CEMPRE, pode-se explorar a estrutura econômica destas nas seguintes pesquisas estruturais por empresa do IBGE:

- Pesquisa Industrial Anual - Empresa - PIA-Empresa;
- Pesquisa Anual da Indústria da Construção - PAIC;
- Pesquisa Anual de Comércio - PAC; e
- Pesquisa Anual de Serviços⁷.

Classificação de atividades econômicas

As empresas e as respectivas Unidades Locais produtivas são classificadas de acordo com a principal atividade econômica desenvolvida, com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0, oficialmente utilizada pelo Sistema Estatístico Nacional e compatível com a Revisão 4 da Clasificación Industrial Internacional Uniforme de todas las Actividades Económicas - CIU (International Standard Industrial Classification of all Economic Activities - ISIC).

⁴ A criação do Ministério do Trabalho e Previdência Social, mediante a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social, foi oficializada por meio da Lei n. 13.266, de 05.04.2016.

⁵ Para informações mais detalhadas sobre aspectos metodológicos da constituição do CEMPRE, consultar a publicação *Demografia das empresas 2014*, divulgada pelo IBGE em 2016.

⁶ Para informações mais detalhadas sobre a conceituação das variáveis exploradas no estudo, consultar o **Glossário** ao final da publicação.

⁷ Para uma descrição completa das metodologias das pesquisas por empresas aqui apresentadas, consultar o portal do IBGE na Internet, no endereço: <<http://www.ibge.gov.br>>.

Âmbito do estudo

Em relação à natureza jurídica, esta publicação considera, no seu âmbito, somente as entidades empresariais, tal como definido na Tabela de Natureza Jurídica⁸.

Em termos de atividade econômica, o âmbito desta publicação, para resultados do CEMPRE, são todas as seções da CNAE 2.0. Quando se tratar de variáveis advindas das pesquisas por empresa, descritas anteriormente, o âmbito se restringirá ao das pesquisas⁹:

- PIA-Empresa: atividade principal compreendida nas seções B e C;
- PAIC: atividade principal compreendida na seção F;
- PAC: atividade principal compreendida na seção G, à exceção do grupo 452 e da classe 4543-9; e
- PAS: atividade principal compreendida nas divisões 37, 39, 50, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 68, 71, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 90, 92, 93, 95 e 96, nos grupos 01.6, 02.3, 38.1, 38.2, 38.3, 45.2, 49.1, 49.2, 49.3, 49.4, 49.5, 51.1, 51.2, 69.2, 70.2, 81.2, 81.3, 85.5, 85.9 e nas classes 45.43, 69.11 e 81.11.

Alcance do estudo

A limitação de âmbito, quando se passa das variáveis do CEMPRE para as pesquisas por empresa, é evidente. O CEMPRE representa o universo de empresas do País em um determinado ano; portanto, os números absolutos dão conta de toda a economia brasileira para o ano-base em questão. Em contrapartida, as pesquisas por empresa seguem modelos amostrais, o que significa que, uma vez identificadas as empresas de alto crescimento e as gazelas nas pesquisas por empresa, cria-se um subconjunto que, na pesquisa, não contém todas as empresas daquele setor. A partir desse subconjunto, as estimativas para as empresas de alto crescimento do setor são produzidas utilizando-se o procedimento de pós-estratificação, que leva em conta o novo domínio: o universo de empresas de alto crescimento proveniente do CEMPRE. Posteriormente, são utilizados dois estimadores para a calibração dos pesos originais, dependendo do setor: estimador de total para subpopulações ou estimador de regressão. No caso do estimador de regressão, ajustam-se os totais obtidos com o estimador de subpopulação aos totais populacionais de número de empresas, pessoal ocupado e salário dos novos domínios, disponíveis no Cadastro Básico de Seleção - CBS. Por fim, na exploração dos resultados regionais, por Unidades da Federação, utiliza-se o conceito definido no início deste tópico: Unidade Local de empresa de alto crescimento. Os resultados estão apresentados, em cartogramas, ao final da publicação.

⁸ Consultar a Tabela de Natureza Jurídica 2014, organizada no âmbito da Comissão Nacional de Classificação - CONCLA, por meio da Resolução CONCLA n. 2, de 23.12.2013, DOU n. 250, de 26.12.2013, com vigência a partir de 1º de janeiro de 2014, no portal do IBGE, na Internet, no endereço: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema>>.

⁹ Para uma descrição detalhada das divisões, grupos e classes da CNAE 2.0, consultar: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas/classificacao-nacional-de-atividades-economicas>>.

Regras de arredondamento

Tendo em vista que as informações monetárias da pesquisa foram coletadas em Reais (R\$) e tabuladas em mil Reais (R\$ 1 000), para cada linha das tabelas de resultados, as informações de uma determinada variável foram somadas, dividindo-se os valores por 1 000 somente no momento da totalização desta linha para esta determinada variável. O arredondamento, após a divisão, foi feito aumentando-se de uma unidade a parte inteira do total da variável, quando a parte decimal era igual ou superior a 0,5. Por esses motivos, podem ocorrer pequenas diferenças de arredondamento entre os totais apresentados e a soma das parcelas em uma mesma tabela, mas que correspondem ao mesmo conjunto de unidades de investigação.

Regras de desidentificação

Com o objetivo de assegurar o sigilo das informações individualizadas, de acordo com a legislação vigente, são adotadas regras de desidentificação na divulgação dos resultados. Quando, para um determinado detalhamento da atividade, existir apenas uma ou duas empresas, todas as informações da linha correspondente são assinaladas com (x).

Comentários gerais

Contexto econômico

Cenário internacional

Como mencionado na **Introdução** desta publicação, o recorte temporal do presente volume compreende o triênio 2012-2014. O Gráfico 1 apresenta a variação percentual do Produto Interno Bruto - PIB para: Brasil; Mundo; Zona do Euro; economias avançadas¹⁰ mercados emergentes e economias em desenvolvimento¹¹; e América Latina e Caribe.

De acordo com o *World economic outlook* (2014b), publicado pelo Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF), em 2014 era esperado que a economia mundial apresentasse maior dinamismo na trajetória de recuperação da crise de 2011, caracterizada por um cenário de endividamento público e altas taxas de desemprego nos países da Zona do Euro. No entanto, as previsões para o crescimento da economia mundial foram revistas para baixo a partir da segunda metade do ano. Particularmente dentre as economias avançadas era esperado um melhor desempenho em 2014, contudo, apesar dos esforços de superação da crise, a recuperação se deu de forma mais lenta que o esperado. Dentre as economias emergentes a redução do potencial de crescimento foi o fator dominante, e mesmo a

¹⁰ Classificação do Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF) para um grupo composto por 35 países, dentre eles: Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, Coreia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Portugal e Reino Unido (COUNTRY..., 2015).

¹¹ Classificação do Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF) para um grupo composto por 152 países, dentre eles: Afeganistão, Argentina, Brasil, Chile, China, Índia e Rússia (COUNTRY..., 2015).

China – que sustenta um alto crescimento – vem apresentando taxas de crescimento menores, indicando a desaceleração de sua economia.

De acordo com o *Global economic prospects* (2015), publicado pelo Banco Mundial (World Bank Group), um fator que pode ter contribuído para o menor crescimento dos mercados emergentes em 2014 foi a redução das exportações, em função da deterioração dos termos de troca, decorrente da queda dos preços das commodities, que dificultou o crescimento dos países exportadores de commodities. Ademais, no caso da América Latina e do Caribe, sendo o Brasil um grande importador na região, a desaceleração da economia brasileira teria impactado no crescimento dos países vizinhos.

No caso do Brasil, o ano de 2014 foi marcado por um período de grandes incertezas, em decorrência do cenário político de disputa eleitoral, combinado com um lento progresso nas reformas estruturais, redução das taxas de investimento e do crescimento da economia brasileira. Ademais, a adoção de uma política monetária e fiscal mais restritiva a partir de 2014, com o objetivo de conter o crescimento do crédito e da inflação e melhorar as condições fiscais, contribuíram para a desaceleração da economia brasileira (GLOBAL..., 2015).

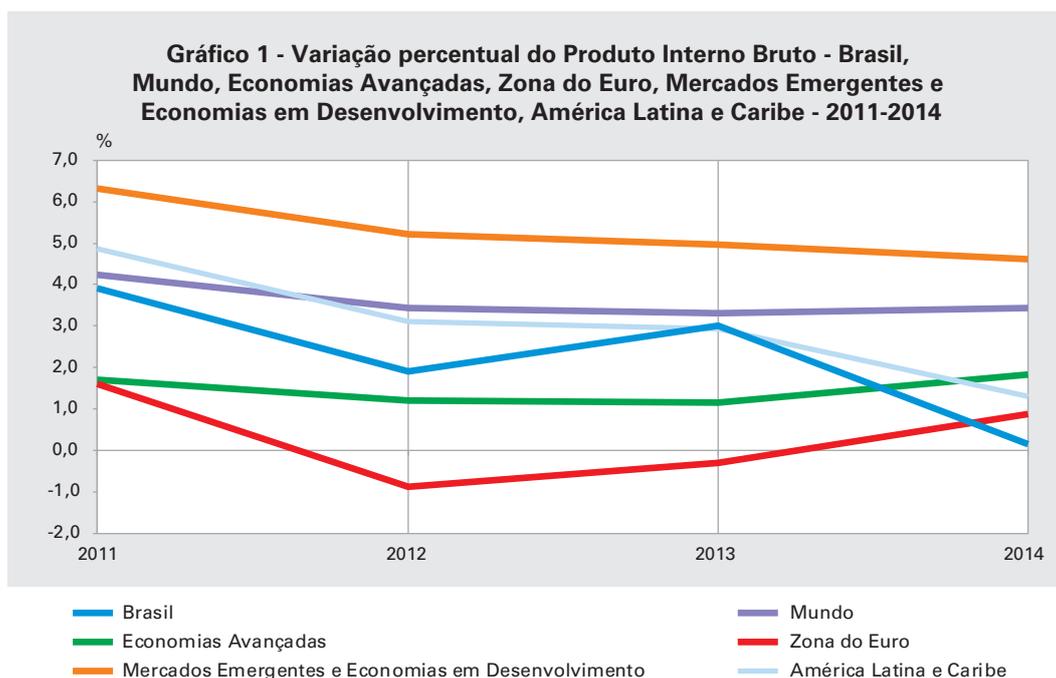
O crescimento mundial em 2014 foi de 3,4%, refletindo a recuperação das economias avançadas em relação ao ano anterior, e a desaceleração dos mercados emergentes e economias em desenvolvimento – que apesar do baixo ritmo de crescimento contribuíram com três quartos do crescimento mundial de 2014 (WORLD..., 2015).

No Gráfico 1 é possível observar que o período 2011-2013 é caracterizado por uma queda nas taxas de crescimento mundial, principalmente no grupo das Economias Avançadas e Países da Zona do Euro. O ano de 2014 marca uma mudança na trajetória das Economias Avançadas, que apresentam melhora das taxas de crescimento em relação ao ano anterior, passando de 1,1% para 1,8%. Esta melhora é mais evidente se observado o grupo dos países da Zona do Euro, que apresentavam taxas de crescimento negativas em 2012 (-0,9%) e 2013 (-0,3%), e em 2014 voltaram a apresentar taxa de crescimento positiva (0,9%). O grupo dos Mercados Emergentes e Economias em Desenvolvimento, por outro lado, continuou apresentando redução das taxas de crescimento – como foi o caso do Brasil, que compõe o grupo. Esses grupos de países, contudo, são bem heterogêneos.

A partir de 2011 o PIB brasileiro apresentou taxas de crescimento abaixo da média mundial¹². Em 2012, todos os grupos de países apresentaram redução do ritmo de crescimento, puxado pelo recuo de mais de 2,0 pontos percentuais do crescimento dos países da Zona do Euro. No mesmo ano, o Brasil seguiu a tendência mundial, reduzindo sua taxa de crescimento de 3,9% para 1,9%. No ano seguinte, o País apresentou uma melhora na taxa de crescimento, quando atingiu 3,0%, aproximando-se da média dos países da América Latina e Caribe (2,9%). Cabe notar também que o desempenho da economia brasileira entre 2012 e 2013 se comportou de forma distinta da observada nas demais economias emergentes e em desenvolvimento, que apresentaram ligeira redução nas taxas de crescimento, apesar deste grupo apresentar taxas de crescimento maiores que a brasileira nos anos anteriores (2011 e 2012).

Em 2014, a taxa de crescimento do Brasil caiu para 0,1%, o pior desempenho no período analisado, apresentando um recuo de 2,9 pontos percentuais em relação ao ano anterior, ao passo que na América Latina e Caribe a redução do PIB entre 2013-2014 foi de 0,4 pontos percentuais.

¹² Os dados da variação percentual do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil são os dados oficiais do governo brasileiro, retirados da fonte primária (CONTAS..., 2016).



Fonte: Brazil, world, advanced economies, euro area, european union, emerging market and developing economies, Latin America and the Caribbean. National Accounts. Gross domestic product, constant prices, percent change, 2011-2014. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2016.

Comércio Internacional

O Gráfico 2, a seguir, mostra que o volume de comércio internacional de bens e serviços decresceu de 7,1% em 2011, para 2,8%, em 2012. Esta redução do ritmo do comércio internacional é explicada pela crise de 2011, caracterizada pela recessão das economias que compõem a Zona do Euro (Gráfico 1). Em 2013, o comércio internacional apresentou sinais de recuperação, apresentando uma variação positiva de 3,4%. Em 2014 esta tendência se manteve, e a variação no volume de comércio internacional de bens e serviços foi de 3,5%.

Segundo o *Global economic prospects* (2015), do Banco Mundial (World Bank Group), o enfraquecimento da dinâmica do comércio internacional foi influenciado principalmente pela redução do ritmo do comércio dos mercados emergentes e economias em desenvolvimento. Ademais, parte da desaceleração do crescimento do comércio mundial é explicada pela desaceleração do crescimento do PIB mundial, como destacado anteriormente.

A variação percentual do volume de exportações da América Latina e Caribe em 2011 foi de 5,6%, e caiu para 2,8% em 2012, acompanhando a redução do ritmo do comércio internacional. Em 2013, no entanto, diferente do movimento observado no comércio mundial e nas exportações brasileiras, houve redução na variação do volume das exportações da América Latina e Caribe, passando para 1,5%, seguido por uma melhora em 2014, chegando a 1,8%. A variação percentual do volume de importações, por outro lado, tem uma trajetória descendente ao longo do período analisado, passando de 11% em 2011, para 4,3% em 2012, 3,4% em 2013 e finalmente, 0,9% em 2014.

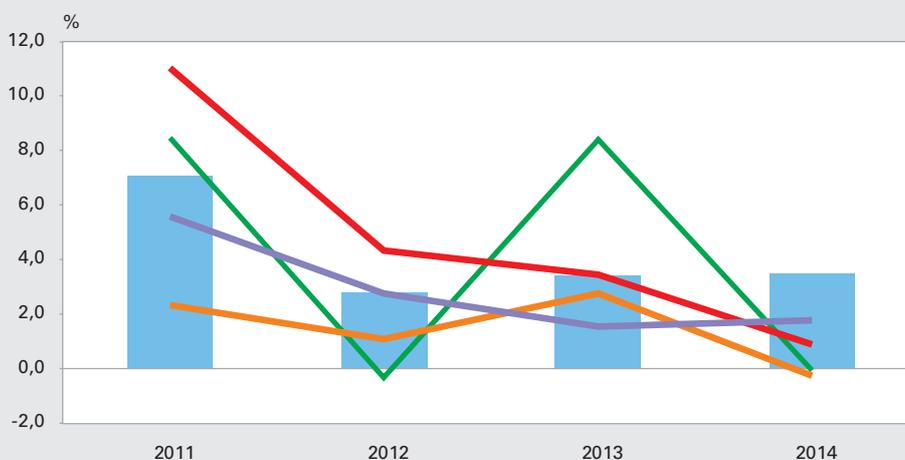
O volume das exportações brasileiras acompanhou o ritmo do comércio internacional entre 2011 e 2013. Em 2011 a variação percentual do volume de exportação

de bens e serviços foi de 2,3%, e em 2012 a variação reduziu para 1,1%. Assim como a tendência observada no comércio internacional, em 2013 a variação do volume das exportações brasileiras apresentou recuperação, chegando a 2,7%. A partir de 2014, no entanto, as exportações brasileiras deixaram de acompanhar o ritmo do comércio mundial, e apresentaram queda de 0,3% em relação ao ano anterior¹³.

As importações brasileiras acompanharam o ritmo das exportações, de forma que a variação percentual do volume de importação de bens e serviços declinou de 8,5% em 2011, para -0,3% em 2012. Em 2013 as importações brasileiras, acompanhando o movimento do comércio mundial, apresentaram uma variação positiva de 8,4%, dando sinais de recuperação. No entanto, diferentemente da tendência observada na dinâmica do comércio internacional, mas acompanhando o ritmo das exportações brasileiras, em 2014 as importações declinaram, e a variação foi negativa, de -0,1%. (Gráfico 2).

É importante ressaltar que os volumes das importações e das exportações são influenciados pelo movimento do câmbio. No caso do Brasil – e da América Latina no geral - a relação entre o câmbio e o comércio exterior incide mais sobre o volume das importações, uma vez que a pauta exportadora do Brasil é composta majoritariamente por produtos primários, cuja demanda apresenta baixa elasticidade em relação aos preços.

Gráfico 2 - Variação percentual do volume de comércio internacional de bens e serviços mundial e variação percentual do volume de importação e exportação de bens e serviços - Brasil, e América Latina e Caribe - 2011-2014

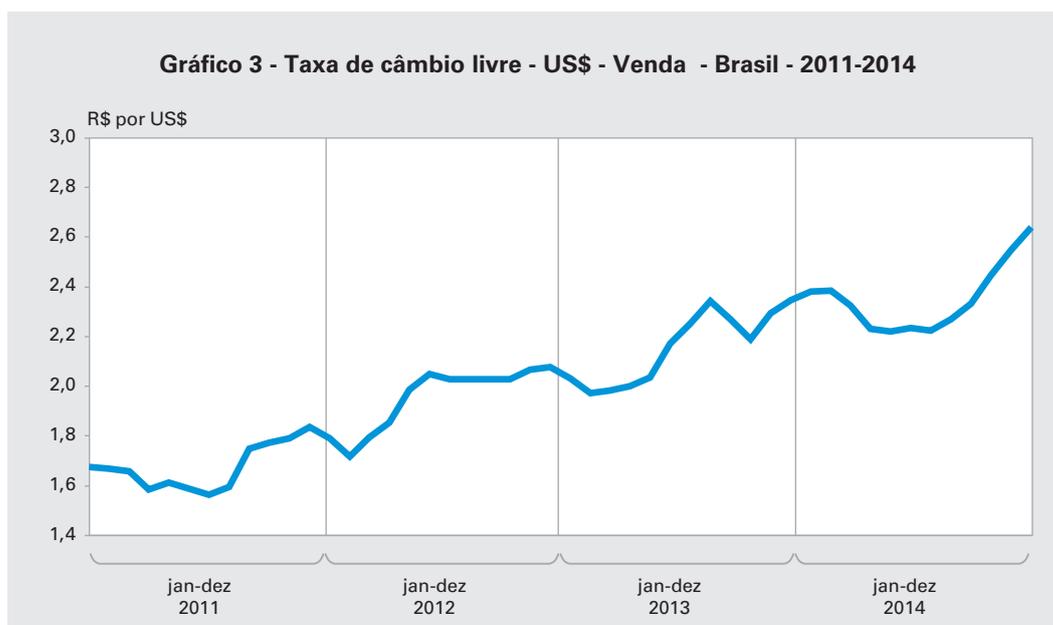


Fonte: Brazil, Latin America and the Caribbean. Trade. Trade volume of goods and services, Volume of imports/exports of goods and services, percent change, 2011-2014. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2016.

¹³ A base de dados do Fundo Monetário Internacional - FMI (International Monetary Fund - IMF) é uma fonte secundária. A fonte primária do volume de exportações e importações de bens e serviços brasileiras são os dados disponibilizados pelo Banco Central do Brasil.

Taxa de câmbio (R\$ por US\$)

A taxa de câmbio do dólar, no período de 2011 a 2014, apresentou tendência à depreciação. Em 2011, após um primeiro semestre de apreciação, em que passou de R\$ 1,67, no início do ano, para um mínimo de R\$ 1,56, iniciou-se um processo de depreciação, chegando a R\$ 2,64 em dezembro de 2014. (Gráfico 3). Considerando o período entre 2011-2014, o dólar obteve elevação de 58,1%.



Fonte: Setor externo. Taxas de câmbio. In: Banco Central do Brasil. SGS: sistema gerenciador de séries temporais. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: set. 2016.

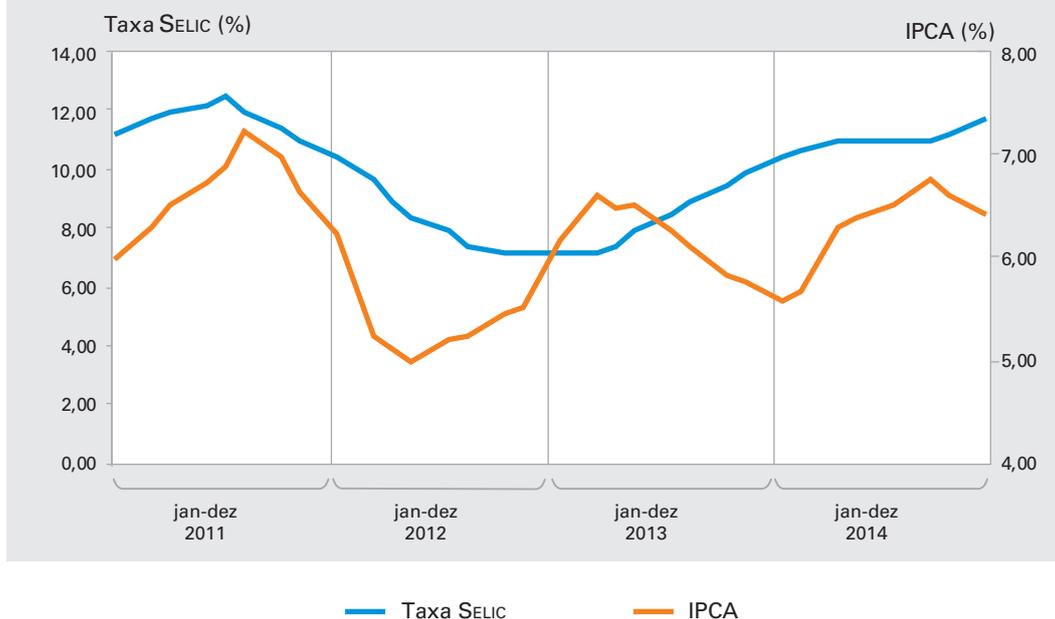
Taxa de juros (SELIC) e Índice de preços (IPCA)

No que se refere ao comportamento da taxa básica de juros SELIC¹⁴, definida pelo Banco Central do Brasil, e do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA, calculado pelo IBGE, o Gráfico 4 contrasta as três trajetórias no período 2011-2014. Na primeira metade de 2011 a taxa SELIC subiu de 11,2% ao ano, em janeiro de 2011, até atingir 12,4%, em julho de 2011 – a maior taxa registrada no período. Na segunda metade de 2011 teve início um processo de redução dos juros, atingindo um mínimo de 7,1% ao ano no final de 2012. A partir de abril de 2013 houve uma inversão, dando início a uma tendência de alta.

A elevação progressiva dos juros continuou até maio de 2014, quando o Banco Central interrompeu o ciclo de aumento da taxa de juros, em razão da desaceleração do nível de atividade econômica, e redução das taxas mensais de inflação (RELATÓRIO DE ESTABILIDADE FINANCEIRA, 2014). Ao final de outubro de 2014 os juros foram elevados novamente, em decorrência de uma pressão inflacionária, e a taxa SELIC chegou a 11,75% ao final do mês de dezembro.

¹⁴ Taxa de referência do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia.

Gráfico 4 - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA e Taxa de Juros do Sistema Especial de Liquidação e Custódia - SELIC 2011-2014



Fontes: 1. Banco Central do Brasil. Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom e evolução da taxa Selic. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/Copom/Port/taxaSelic.asp#notas>>. Acesso em: out. 2016. 2. Sistema nacional de índices de preços ao consumidor. Série histórica do IPCA 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm>. Acesso em: out. 2016.

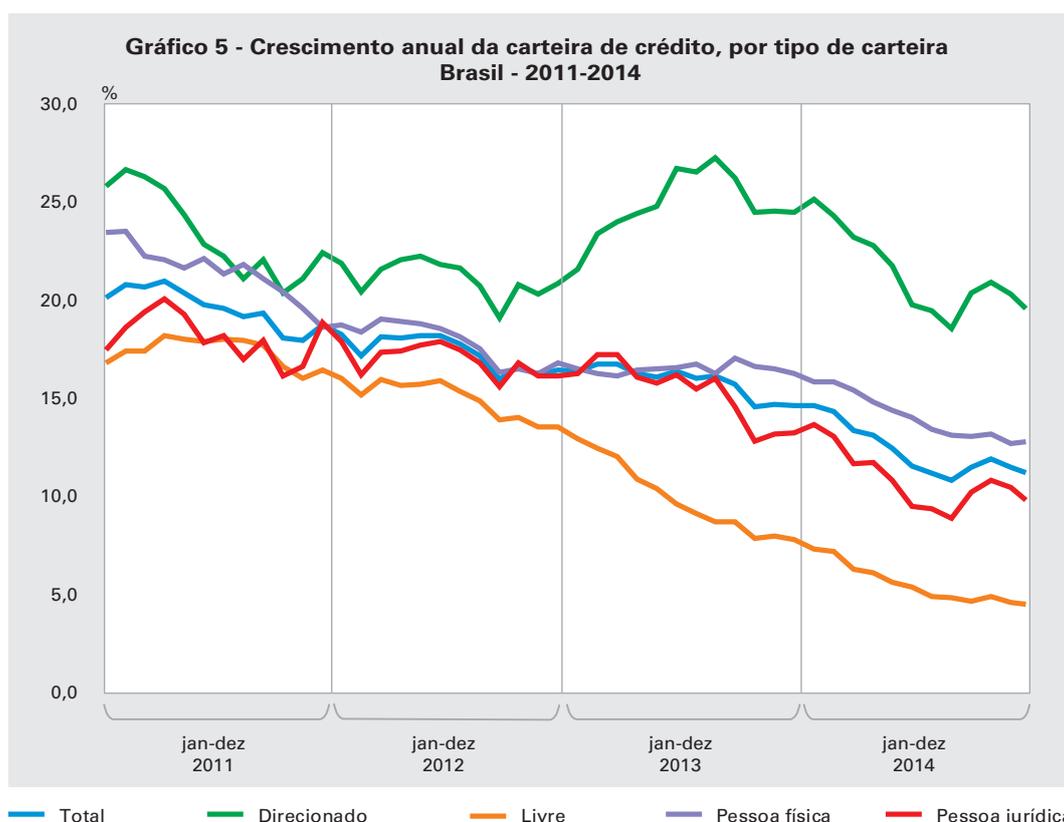
Crescimento anual da carteira de crédito

O Gráfico 5 apresenta as curvas dos créditos livre¹⁵, direcionado¹⁶, pessoa física, pessoa jurídica e total. No período 2011-2014 houve redução das taxas de crescimento do crédito, no Brasil, em todos os grupamentos observados. As taxas de crescimento do crédito concedido nas carteiras de pessoa física e jurídica reduziram 10,6 e 7,9 pontos percentuais, respectivamente. As carteiras de crédito livre e direcionado caíram 12,3 e 6,4 pontos percentuais, respectivamente. É interessante notar que o crédito direcionado, apesar de apresentar trajetória descendente ao longo do período, apresentou crescimento a partir de 2013, quando atingiu 27,3% em agosto de 2013 - a maior taxa registrada no período 2011-2014 - voltando a decrescer em seguida.

Em 2014 foram observadas duas tendências no mercado de crédito brasileiro: o menor ritmo do crescimento do estoque de crédito - principalmente por causa da redução da taxa de crescimento da carteira dos bancos públicos - e a elevação das taxas de juros aos tomadores, influenciadas pela continuidade dos aumentos da taxa SELIC, que impactou na taxa de crescimento do crédito doméstico, em especial o crédito livre (RELATÓRIO DE ESTABILIDADE FINANCEIRA, 2015).

¹⁵ Créditos concedidos conforme critérios dos financiadores.

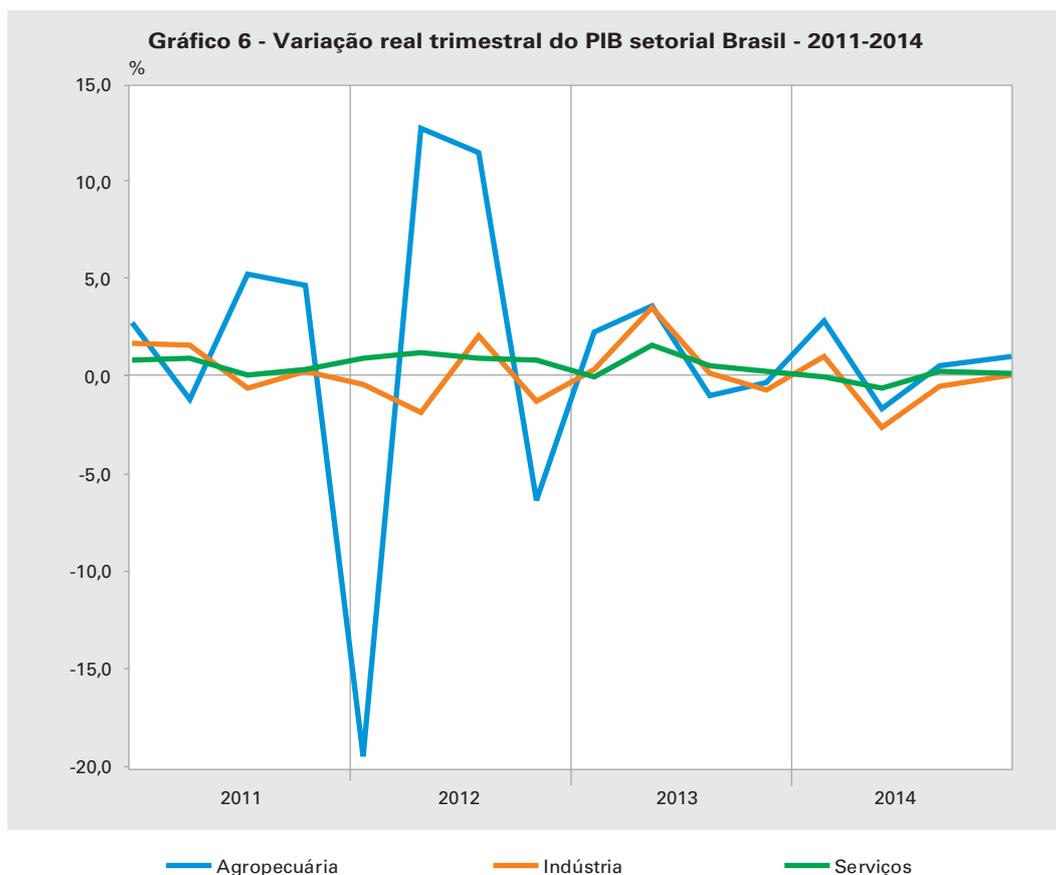
¹⁶ Créditos concedidos a atividades rurais, empréstimos imobiliários e créditos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES.



Taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto

O Gráfico 6 apresenta a evolução da taxa de crescimento real do Produto Interno Bruto - PIB trimestral nos três principais setores econômicos: Agropecuária, Indústria e Serviços.

No período 2011-2014, os três setores exibiram tendência à desaceleração. Nota-se que o setor agropecuário apresentou forte volatilidade em 2012, reflexo de fenômenos climáticos e mudanças significativas nos mercados internacionais de *commodities* agrícolas. Em 2013, a economia brasileira apresentou uma leve recuperação, quando os setores - industrial e serviços - registraram as maiores taxas registradas no período: 3,5% e 1,6%, respectivamente. Contudo, em 2014 a tendência à desaceleração das taxas de crescimento real do Produto Interno Bruto - PIB trimestral dos três setores foi mais acentuada, principalmente no setor industrial, que registrou a menor taxa do período (-2,7%). O setor de serviços, apesar de também ter alcançado a menor taxa registrada no período (-0,6%), em 2014, apresentou taxa de crescimento relativamente estável no período em comparação com os demais setores.

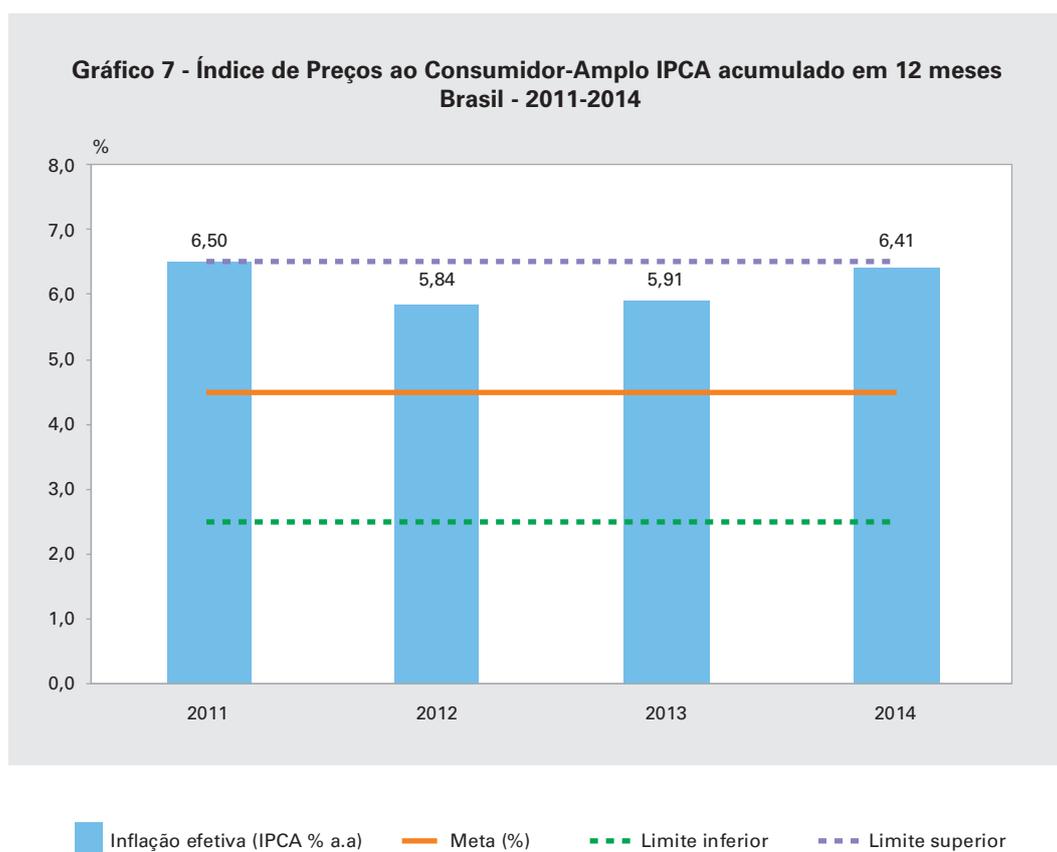


Fonte: Contas nacionais trimestrais: tabelas completas 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Tabelas_Completas/>. Acesso em: out. 2016.

Índice de preços e metas de inflação

O Gráfico 7 apresenta a série histórica anual do IPCA, que mede a inflação efetiva. Essa é a medida oficial utilizada pelo Banco Central do Brasil para o regime de metas da inflação, com seus respectivos limites inferior e superior. No período considerado, de 2011 a 2014, a inflação esteve acima do centro da meta (4,50%) e abaixo do limite superior (6,50%) em todos os anos, sendo que em 2011 ficou exatamente no limite superior (6,50%). Em 2012 e 2013 a inflação reduziu, e o IPCA registrou 5,84% e 5,91%, respectivamente. No entanto, em 2014 a inflação atingiu 6,41%, se aproximando do limite superior da meta novamente.

Nota-se que, apesar de não ter ultrapassado o limite superior da meta oficial, a inflação esteve acima do centro da meta durante todo o triênio considerado.



Fonte: Sistema nacional de índices de preços ao consumidor. Série histórica do IPCA 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm>. Acesso em: out. 2016.

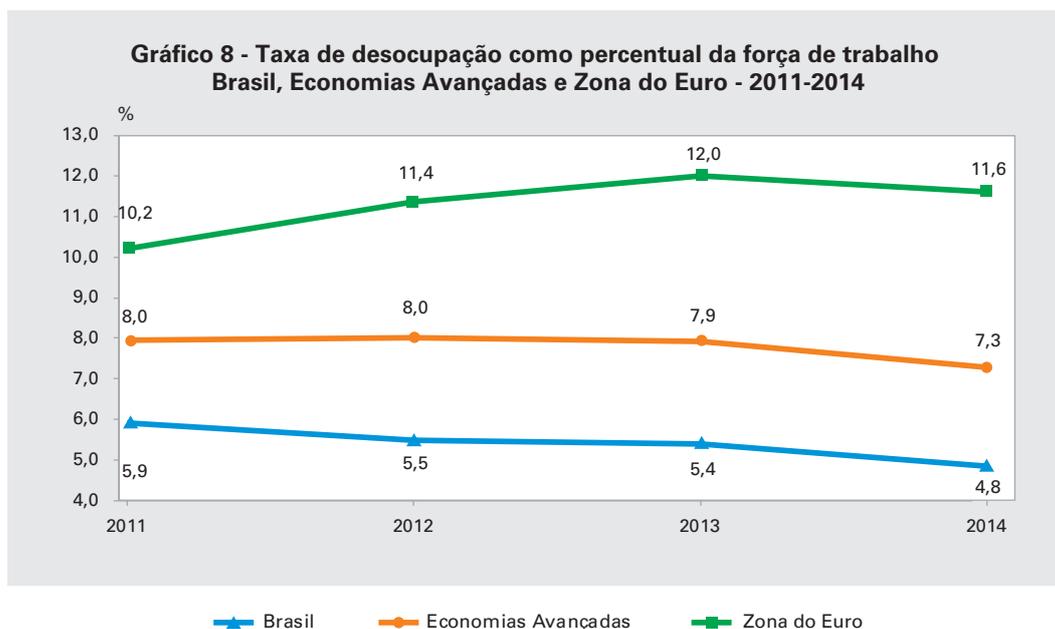
Taxa de desocupação no Brasil, Economias avançadas e Área do Euro

O Gráfico 8 apresenta a dinâmica do mercado de trabalho no Brasil, Economias Avançadas e países da Zona do Euro, a partir da taxa de desocupação como percentual da força de trabalho¹⁷.

No Brasil, no período 2011-2014, a taxa de desocupação apresentou uma redução de 1,1 pontos percentuais, atingindo níveis historicamente baixos. Nota-se que esta dinâmica foi distinta da apresentada pelas economias avançadas e países da Área do Euro, principalmente os últimos, que apresentaram taxas de desemprego elevadas em decorrência da crise de 2011. Ao final de 2014, a taxa de desocupação no Brasil foi a menor registrada ao longo do período 2011-2014 (4,8%), 2,5 pontos percentuais abaixo da taxa observada nas economias avançadas (7,9%) e menos da metade da verificada nos países da Área do Euro (11,6%) no mesmo ano (Gráfico 8).

Em 2014 as Economias Avançadas e os Países da Área do Euro apresentaram melhora nas condições do mercado de trabalho, e as taxas de desemprego caíram 0,6 e 0,4 pontos percentuais em relação ao ano anterior, respectivamente.

¹⁷ As taxas de desocupação do Brasil foram obtidas na Pesquisa Mensal de Emprego, do IBGE. A divulgação de seus resultados foi encerrada em fevereiro de 2016.



Fontes: 1. Advanced economies, euro area, Brazil. People. Unemployment rate, percent of total labor force, 2011-2014. In: International Monetary Fund. WEO: world economic outlook database. Washington, DC: IMF, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2014. 2. Pesquisa mensal de emprego. Pessoas desocupadas. Taxa de desocupação, em percentual, por região metropolitana 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm>. Acessado em: out. 2016.

Em síntese, no ano de 2014 a economia do Brasil apresentou baixo desempenho, ilustrado por uma taxa de crescimento de 0,1% - inferior à taxa de crescimento mundial (3,4%), e dos países da América Latina e Caribe (1,3%) (Gráfico 1). A indústria foi o setor cujo produto teve o pior desempenho entre os demais setores (agropecuária e serviços), registrando a menor taxa de crescimento real do PIB trimestral no ano (-2,7%) (Gráfico 6). O volume das exportações brasileiras apresentou queda em relação ao ano anterior, decorrente de uma redução da demanda mundial – principalmente da China, em função da desaceleração de sua economia. O volume das importações brasileiras também reduziu, o que pode ser explicado em parte pelo movimento de depreciação do câmbio, que vinha ocorrendo desde 2011, acentuando-se na metade do ano. Outro fator que pode explicar a queda no volume das importações é a contração do crédito, resultado de uma política monetária restritiva de juros elevados, que impactou sobre o consumo. A elevação dos juros, que vinha ocorrendo desde o início de 2013, tinha como objetivo conter a inflação – que se manteve dentro da meta no período 2011-2014. Vale destacar que os efeitos da estagnação econômica não impactaram sobre o mercado de trabalho no Brasil, que em 2014 apresentou a menor taxa de desemprego (4,8%) do triênio analisado (Gráfico 8).

Panorama geral das empresas ativas

Segundo dados do CEMPRESA, existiam no Brasil, em 2014, cerca de 4,6 milhões de empresas ativas, responsáveis por ocupar 41,8 milhões de pessoas, sendo 35,2 milhões (84,2%) como assalariados e 6,6 milhões (15,8%) na condição de sócios ou proprietários (Tabela 1). Ao considerar apenas aquelas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada são contabilizadas cerca de 2,5 milhões de empresas, o que indica que 54,4% das empresas ativas, no País, possuíam, em 2014, algum vínculo empregatício.

Dentre os totais das empresas ativas é importante observar que houve queda no número total de empresas ativas de 2013 para 2014, uma variação de 217,7 mil empresas, correspondente a uma redução de 4,6%. No triênio da edição anterior (2011-2013) houve um crescimento de 5,4% no total de empresas ativas, com destaque para o biênio 2012-2013 que apresentou a maior taxa de crescimento, de 3,8%. Estes valores se comparados ao crescimento de 0,6% entre 2010 e 2014, apontam que a queda no número de empresas ativas no último biênio foi acentuada (4,6%), marcando uma inflexão na trajetória de crescimento verificada desde 2010.

As empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, que representavam, em 2014, 10,7% do total, mantiveram a trajetória de crescimento verificada desde 2010, apresentando um aumento de 9,6 mil empresas no biênio 2013-2014. Os dados revelam um crescimento de 15,6% no número de empresas deste grupo, no período de 2010 a 2014, mas, ao considerar os biênios isoladamente, observa-se uma redução na taxa de crescimento de 5,9% (2010-2011) para 2,0% (2013-2014).

A análise conjunta dos grupos revela que no biênio 2013-2014, apesar da redução no total de empresas ativas, uma variação de 217,7 mil empresas, as empresas ativas com uma pessoa ocupada assalariada ou mais apresentaram uma taxa de crescimento de 2,5% - correspondente a um aumento de 61,4 mil empresas. Estes dados apontam que a queda do número total de empresas ocorreu principalmente entre aquelas sem vínculos empregatícios.

É interessante observar estes dados com o biênio anterior, pois entre 2012-2013 a variação no total de empresas ativas ocorreu devido ao aumento no número de empresas sem vínculo empregatício, pois do aumento de 176,2 mil novas empresas, 84,0 mil eram empresas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada (47,7%). Isso significa dizer que entre 2012-2013, 52,3% da variação no total de empresas ativas ocorreu devido ao aumento no número de empresas sem vínculo empregatício. Desta forma, entre 2013-2014, a redução no total das empresas ativas é explicada pela queda no número de empresas sem vínculo empregatício, o que sugere uma maior volatilidade neste conjunto de empresas.

No que diz respeito aos salários e outras remunerações pagos, os resultados da Tabela 1 indicam um crescimento de 10,3% em termos nominais no biênio 2013-2014; no entanto, em termos reais¹⁸, esse crescimento foi de apenas 3,8%, o menor valor dentre os biênios do período. A maior variação ocorreu em 2010-2011 (9,9%). Em 2014, os salários e outras remunerações pagos pelas entidades empresariais totalizaram R\$ 939,7 bilhões, equivalentes a 2,8 salários mínimos médios mensais¹⁹.

¹⁸ Em valores de dezembro de 2014. Todos os valores de rendimento em termos reais do presente estudo foram deflacionados com base no INPC, cujas taxas foram 26,3% (dez./2010), 19,0% (dez./2011), 12,1% (dez./2012), 6,2% (dez./2013).

¹⁹ Para o cálculo deste indicador, utilizou-se a fórmula: massa salarial em t/ (total pessoal ocupado assalariado médio em t* salário mínimo médio em t* 13). Os valores de salário mínimo médio mensal considerados a cada ano foram: R\$ 461,15 (2009), R\$ 510,00 (2010), R\$ 544,32 (2011), R\$ 622,22 (2012), R\$ 678,00 (2013), R\$ 724,00 (2014).

Tabela 1 - Número de empresas ativas, pessoal ocupado, salário e outras remunerações e pessoas ocupadas assalariadas - Brasil - 2010-2014

Variável	2010	2011	2012	2013	2014
Empresas ativas					
Absoluto	4 530 583	4 538 347	4 598 919	4 775 098	4 557 411
Relativo (%)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Empresas ativas com 1 ou mais pessoa ocupada assalariada					
Absoluto	2 125 099	2 246 220	2 333 337	2 417 418	2 478 807
Relativo (%)	46,9	49,5	50,7	50,6	54,4
Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas					
Absoluto	422 926	447 742	464 968	479 237	488 825
Relativo (%)	9,3	9,9	10,1	10,0	10,7
Pessoal ocupado total (assalariados + sócio e pro-prietários)	37 184 416	39 293 724	40 646 593	41 906 597	41 835 528
Pessoal ocupado assalariado	30 821 123	32 706 200	33 915 323	35 050 524	35 220 894
Salários e outras remunerações (preços correntes - 1 000 R\$)	566 094 846	660 201 447	756 570 036	852 191 343	939 763 129
Salários e outras remunerações (preços de dezembro de 2014 - 1 000 R\$)	715 135 168	786 214 550	848 399 233	905 269 229	939 763 129
Salário médio mensal (em salários mínimos)	2,9	2,9	2,8	2,8	2,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2010-2014.

Nota: Valores deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Panorama geral das empresas de alto crescimento

Este tópico se dedica a explorar as características das empresas de alto crescimento no Brasil por meio de indicadores apontados como relevantes na literatura de empreendedorismo. Para tal, a definição de empresas de alto crescimento adotada pelo IBGE está de acordo com o documento *Eurostat-OECD manual on business demography statistics (2007)*, ou seja: uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos e tem 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação.

Cabe destacar que, uma vez que são consideradas as informações das empresas que preencheram o critério de alto crescimento a cada triênio analisado, os dados não necessariamente representam o mesmo conjunto de firmas. Nas tabelas a seguir, como a empresa de alto crescimento é definida no grupo das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com algumas exceções indicadas no texto, este será sempre o grupo-base de comparação e não o total de empresas ativas²⁰.

Em 2014, existiam no Brasil 31 223 empresas de alto crescimento, que ocupavam cerca de 4,4 milhões de pessoas assalariadas e pagavam R\$ 103,2 bilhões em salários e outras remunerações (Tabela 2). Em relação ao ano anterior, a redução foi de 6,4% no número de empresas de alto crescimento, de 10,4% no pessoal ocupado assalariado e de 4,0% nos salários e outras remunerações pagos por essas

²⁰ A exclusão das empresas ativas com até 9 pessoas ocupadas assalariadas evita distorções nas taxas de crescimento, pois pequenas variações absolutas no pessoal ocupado podem ocasionar grandes variações relativas (DEMOGRAFIA..., 2014).

empresas, em valores nominais. Vale ressaltar que o número de empresas de alto crescimento registrou recuo pelo segundo ano consecutivo, sinalizando aumento no ritmo queda, na medida que esse recuo em 2013 foi de 5,2%, em relação a 2012. Observa-se também redução de 5,8% no total de pessoas assalariadas, e queda de 1,1% nos salários e remunerações entre 2012-2013.

Em relação ao total de empresas ativas, a participação das empresas de alto crescimento permaneceu abaixo de 1% nos três anos analisados. No que se refere à participação no total de empresas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada houve uma redução progressiva, passando de 1,5%, em 2012, para 1,4%, em 2013, e atingindo 1,3% em 2014. Este movimento também é observado na participação das empresas de alto crescimento em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, passando de 7,6%, em 2012, para 7,0%, em 2013, atingindo 6,4% em 2014 (Tabela 2).

No que se refere à proporção de pessoal ocupado assalariado em relação às empresas ativas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada houve redução, de 15,6%, em 2012, para 14,2%, em 2013, atingindo 12,7%, em 2014. Esta perda de participação também foi observada no total de salários e outras remunerações pagos em relação às empresas ativas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada, decrescendo de 14,4%, em 2012, para 12,7%, em 2013, chegando a 11%, em 2014. O salário médio mensal absoluto, medido em salários mínimos, também declinou ao longo do período, passando de 2,9 salários mínimos, em 2012, para 2,8, em 2013, chegando a 2,7, em 2014 (Tabela 2).

Tabela 2 - Número de empresas, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e respectivas taxas para as empresas de alto crescimento - Brasil - 2012-2014

Ano	Número de empresas de alto crescimento				Pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento		Salários e outras remunerações do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento		Salário médio mensal absoluto (salários mínimos)
	Absoluto	Taxa em relação (%)			Absoluto	Taxa em relação ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	Absoluto (1 000 R\$)	Taxa em relação ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	
		Ao total de empresas ativas	Ao total de empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Ao total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas					
2012	35 206	0,8	1,5	7,6	5 285 197	15,6	108 758 174	14,4	2,9
2013	33 374	0,7	1,4	7,0	4 977 380	14,2	107 532 069	12,6	2,8
2014	31 223	0,7	1,3	6,4	4 459 556	12,7	103 278 054	11,0	2,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Taxa de crescimento

As empresas de alto crescimento representavam, em 2014, 0,7% das empresas ativas, 1,3% das empresas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada e 6,4% das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (Tabela 2). Apesar de representarem uma parcela pequena do total de empresas ativas no Brasil, elas se destacam em termos de crescimento de postos de trabalho assalariados. As empresas de alto crescimento no período de 2012-2014 apresentam um aumento de pessoal ocupado assalariado de, no mínimo, 72,8%, totalizando os biênios 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014²¹.

A Tabela 3 detalha o crescimento do pessoal ocupado assalariado nas empresas classificadas como de alto crescimento em 2012, 2013 e 2014, por biênio. Entre 2011 e 2014, houve um aumento de 175,0% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento, valor acima do verificado no ano anterior (172,0%). No triênio 2012-2014 houve um aumento de 7,2 pontos percentuais no ritmo de crescimento dessas empresas.

Analisando as taxas de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento, por biênio, percebe-se que, em todos os grupos, o biênio inicial apresenta o valor mais elevado, decrescendo nos subsequentes. Em 2014, observa-se que a taxa de crescimento foi de 60,5% no biênio 2011-2012 (a maior taxa dentre todos os biênios desde 2009) decrescendo para 36,3% no biênio seguinte (2012-2013), atingindo 25,7% no último biênio (2013-2014). É importante ressaltar que a taxa de crescimento percentual no biênio 2013-2014 (25,7%) é a menor entre todos os biênios desde 2009 (Tabela 3).

Tabela 3 - Taxa de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento - Brasil - 2012-2014

Ano	Número de empresas	Taxa de crescimento percentual do pessoal ocupado assalariado (%)					
		Total no triênio correspondente	2009-2010	2010-2011	2011-2012	2012-2013	2013-2014
2012	35 206	167,8	59,3	32,4	27,0		
2013	33 374	172,0		56,4	31,9	31,9	
2014	31 223	175,0			60,5	36,3	25,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2009-2014.

Geração de postos de trabalho assalariados

Apesar de serem poucas em termos quantitativos, pois representam somente 0,7% das empresas ativas brasileiras, as empresas de alto crescimento apresentam um papel relevante na estrutura empresarial brasileira, particularmente na geração

²¹ Uma empresa é classificada como de alto crescimento quando apresenta crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos. Assim, para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2014, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014. De modo análogo, para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2013, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2010-2011, 2011-2012 e 2012-2013. O mesmo ocorre para verificar se a empresa é de alto crescimento em 2012, isto é, consideram-se suas taxas de crescimento nos biênios 2009-2010, 2010-2011 e 2011-2012. Dessa forma, em termos de pessoal ocupado assalariado, tem-se um aumento no triênio 2012-2014 de $(1,20)^3 = 1,728$.

de empregos formais. Para avaliar a geração de pessoal assalariado nas empresas de alto crescimento em 2014, é necessário buscar o valor do seu pessoal assalariado no ano inicial de observação, 2011, e comparar com o valor no ano final, 2014 (Tabela 4 e Gráfico 9).

A Tabela 4 apresenta a geração de postos de trabalho assalariado nas empresas de alto crescimento entre 2011-2014, do mesmo conjunto de empresas, para todos os tipos de empresas analisados.

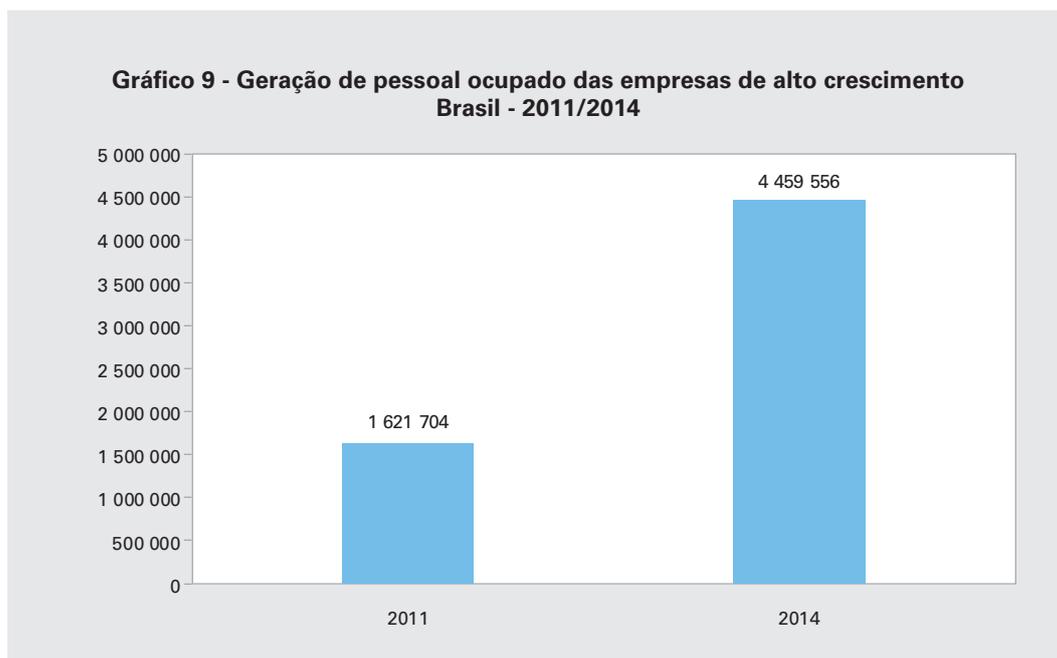
Tabela 4 - Geração de postos de trabalho assalariados pelas empresas, segundo o tipo de empresa - Brasil - 2011/2014

Tipo de empresa	Pessoal ocupado assalariado		Postos de trabalho assalariado gerados (2011/2014)	Taxa de crescimento do pessoal ocupado assalariado (2011/2014) (%)	Representatividade dos postos de trabalho assalariados gerados pelas empresas de alto crescimento (%)
	2011	2014			
Empresas com 1 ou mais pessoa ocupada assalariada	29 140 722	35 220 894	6 080 172	20,9	46,7
Empresas com 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas	5 358 116	6 210 145	852 029	15,9	
Empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (exceto as EAC)	22 160 902	24 551 193	2 390 291	10,8	
Empresas de alto crescimento	1 621 704	4 459 556	2 837 852	175,0	

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

O pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento passou de 1,6 milhão, em 2011, para cerca de 4,4 milhões, em 2014, o que representou um incremento de 2,8 milhões de pessoas ocupadas assalariadas, ou 175,0% (Gráfico 9).

A variação dos postos de trabalho assalariados nas empresas de alto crescimento entre 2011-2014 corresponde a 46,7% da variação nas empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Apesar das empresas de alto crescimento gerarem uma parcela significativa de postos de trabalho, ao observar somente o ano de 2014, o total de pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento representa apenas 12,7% do pessoal ocupado das empresas com 1 ou mais pessoas assalariadas (Tabela 2).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

Porte

Outra característica importante no estudo das empresas de alto crescimento é a análise do seu porte. O intuito é verificar se existe uma relação entre o tamanho e a manutenção do ritmo de crescimento acelerado.

Os dados da Tabela 5 revelam que mais de 50% das empresas de alto crescimento possuíam 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas nos três anos considerados (51,7% em 2012, 52,4% em 2013 e 53,4% em 2014). Observa-se também que o padrão de distribuição da participação relativa do número de empresas se manteve constante ao longo dos anos: mais de 90% das empresas de alto crescimento possuíam 10 a 249 pessoas ocupadas assalariadas no triênio 2012-2014. Este resultado sugere a baixa participação das empresas com 250 pessoas mais ocupadas assalariadas entre as de alto crescimento e está de acordo com estudos anteriores (DEMOGRAFIA..., 2014).

Em contrapartida, o peso das empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas muda se considerarmos a participação relativa no total de pessoal ocupado. Em 2014, este grupo de empresas representava 11,7% do total, e pagava 9,2% de salários e outras remunerações.

Por outro lado, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, apesar de sua baixa representatividade no total de empresas de alto crescimento, apresentavam uma participação, em 2014, de 61,5% do total de pessoal ocupado assalariado neste grupo. Essa ordem de grandeza, em torno de 60,0%, se verifica também em 2012 e 2013. No que concerne à participação relativa de salários e outras remunerações, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas responderam por uma parcela igual ou superior a 66,0% em todos os três anos analisados, com uma tendência à queda entre 2012 e 2014 (de 67,5% para 66,0%).

Tabela 5 - Empresas de alto crescimento, por variáveis selecionadas, segundo o porte da empresa - Brasil - 2012-2014

Porte da empresa	Empresas de alto crescimento		
	2012	2013	2014
Participação relativa do número de empresas (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	51,7	52,4	53,4
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	38,9	38,3	37,9
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	9,4	9,4	8,7
Participação relativa do pessoal ocupado assalariado (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	10,9	11,0	11,7
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	26,3	26,0	26,8
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	62,9	63,0	61,5
Participação relativa de salário e outras remunerações (%)			
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	8,3	8,7	9,2
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	24,2	24,2	24,8
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	67,5	67,2	66,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Faixa de idade

Pode-se observar na Tabela 6 que, em 2014, 79,9% das empresas de alto crescimento estavam concentradas na faixa até 20 anos, participação relativamente constante nos três anos analisados. Esta faixa de idade também concentrava 66,7% do pessoal ocupado assalariado e pagava 65,0% do total de salários e outras remunerações. Entre 2013 e 2014, nas empresas com até 20 anos de idade, houve uma redução da participação no total de salários e outras remunerações, de 66,0% para 65,0%, e uma redução da participação no total de pessoal ocupado assalariado, de 68,0% para 66,7%.

Por outro lado observa-se um maior protagonismo das empresas entre 20 e 30 anos no biênio 2013-2014, principalmente ao considerar a participação destas empresas no total do pessoal ocupado assalariado, que passou de 14,5% para 17%, e nos salários e remunerações, apresentando um aumento de 2,2% (Tabela 6).

Em contrapartida, as empresas com mais de 40 anos de idade representavam 2,4% do total de empresas de alto crescimento em 2014. Contudo, apesar de sua baixa representatividade, essas empresas ocupavam 8,7% do pessoal ocupado assalariado e pagavam 12,1% dos salários e outras remunerações (Tabela 6). Por fim, vale destacar que a faixa de 3 até 5 anos corresponde às empresas gazelas, cujas características serão discutidas em detalhes a seguir.

Tabela 6 - Participação relativa das empresas de alto crescimento, por variáveis selecionadas, segundo as faixas de idade das empresas Brasil - 2012-2014

Faixas de idade das empresas	Participação relativa de empresas de alto crescimento (%)								
	Número de empresas			Total de pessoal ocupado assalariado			Salários e outras remunerações		
	2012	2013	2014	2012	2013	2014	2012	2013	2014
De 3 até 5 anos	13,3	13,6	13,5	8,0	8,2	8,9	7,2	7,6	8,8
Maior que 5 e até 10 anos	29,8	30,2	31,3	23,9	23,8	24,2	21,4	22,5	22,9
Maior que 10 e até 20 anos	36,9	35,8	35,1	36,4	36,0	33,6	34,0	35,9	33,3
Maior que 20 e até 30 anos	13,0	13,4	13,7	13,6	14,5	17,0	13,1	13,8	16,0
Maior que 30 e até 40 anos	4,6	4,4	4,1	9,2	8,7	7,5	11,1	8,9	7,0
Maior que 40 anos	2,4	2,7	2,4	8,9	8,8	8,7	13,2	11,3	12,1

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Por conta do seu grande potencial de geração de emprego, conhecer o perfil do pessoal que está sendo ocupado nas empresas de alto crescimento, como sexo e escolaridade, ajuda a compreender o fenômeno do “alto crescimento”. Com esse intuito, a Tabela 7 detalha o percentual de pessoal ocupado assalariado nessas empresas, segundo tais características.

Entre 2012 e 2014, houve um aumento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro como um todo. Esta tendência se verifica tanto nas empresas de alto crescimento (de 33,5% para 36,6%) quanto nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (de 35,4% para 36,6%). Apesar desse aumento, a participação das mulheres nas empresas de alto crescimento ainda é 26,8 pontos percentuais menor do que a participação dos homens.

Em relação ao nível de escolaridade, entre 2012 e 2014, a participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo nas empresas de alto crescimento passou de 9,3% para 11,4%, enquanto nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas esta variação foi menor, de 11,5% para 13,3%.

Contudo, nos três anos analisados, os percentuais de pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo nas empresas de alto crescimento foram aproximadamente 2,0 pontos percentuais menores do que os observados nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Estes resultados podem indicar que a geração de postos de trabalho nas empresas de alto crescimento não necessariamente está associada a funções que exigem mão de obra qualificada.

Tabela 7 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo o sexo e o nível de escolaridade - Brasil - 2012-2014

Sexo e nível de escolaridade	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas (%)					
	De alto crescimento			Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		
	2012	2013	2014	2012	2013	2014
Sexo						
Homem	66,5	65,1	63,4	64,6	64,0	63,4
Mulher	33,5	34,9	36,6	35,4	36,0	36,6
Nível de escolaridade						
Ensino superior completo	9,3	10,0	11,4	11,5	12,2	13,3
Sem ensino superior	90,7	90,0	88,6	88,5	87,8	86,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Empresas gazelas

Este tópico se refere as empresas gazelas, que representam um subconjunto das empresas de alto crescimento formado por empresas mais jovens. Dando continuidade ao relatório anterior, o conceito de gazela é apresentado de acordo com o entendimento do ano de referência para o cálculo da idade da empresa (AHMAD; SEYMOUR, 2008). Assim, empresas gazelas são aquelas com até três anos de idade no ano inicial de observação ou, dito de outra forma, empresas com até cinco anos de idade no ano de referência.

A Tabela 8 apresenta o número de empresas classificadas como gazelas no triênio 2012-2014. Em 2014, existiam 4 228 empresas gazelas, o que corresponde a uma redução de 9,5% em relação a 2012, quando totalizavam 4 671. A quantidade de empresas deste tipo declinou ao longo de todo o triênio. Já a representatividade das empresas gazelas em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas se manteve relativamente constante nos três anos, em torno de 1%.

No tocante à sua participação em relação às empresas de alto crescimento, observa-se crescimento de 13,3% para 13,6% no biênio 2012-2013, declinando para 13,5% no último biênio analisado. Desta forma, a participação das empresas gazelas em relação às empresas de alto crescimento manteve-se estável, em torno de 13,5% entre 2012-2014.

Entre 2012 e 2014, acompanhando a tendência de queda no número de empresas gazelas, o pessoal assalariado recuou 5,8%. A participação das empresas gazelas no total de pessoal ocupado assalariado nas empresas ativas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada registrou tendência de queda ao longo do triênio, passando de 1,3%, em 2012, para 1,1%, em 2014.

Apesar da redução do número de empresas gazelas, entre 2012 e 2014, houve uma relativa estabilidade na participação destas empresas em relação aos outros grupos. No que diz respeito ao número de empresas, a comparação com as empresas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada mostra que a taxa permaneceu constan-

te em 0,2% e, na comparação com as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, observa-se que a participação das gazelas ficou em torno de 1% nos três anos, conforme mostra a Tabela 9. A taxa de participação das empresas gazelas nos salários e outras remunerações em relação às empresas com 1 ou mais pessoa ocupada assalariada também permaneceu constante em 1,0%, entre 2012 e 2014.

Finalmente, é interessante destacar que apesar da redução no número de empresas e de pessoal ocupado, os salários e outras remunerações apresentaram tendência crescente nos três anos analisados. Em 2014 as empresas gazelas pagavam R\$ 9,0 milhões em salários e outras remunerações, o que corresponde a um salário médio mensal de 2,6 salários mínimos – o maior valor registrado no triênio.

Tabela 8 - Número de empresas de alto crescimento e de empresas gazelas, com indicação das respectivas participações - Brasil - 2012- 2014

Ano	Número de empresas				
	De alto crescimento		Gazelas		
	Absoluto	Participação em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	Absoluto	Participação em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	Participação em relação às empresas de alto crescimento (%)
2012	35 206	7,6	4 671	1,0	13,3
2013	33 374	7,0	4 529	0,9	13,6
2014	31 223	6,4	4 228	0,9	13,5

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014

Tabela 9 - Número de empresas, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações e salário médio mensal das empresas gazelas, com indicação das respectivas taxas de crescimento - Brasil - 2012-2014

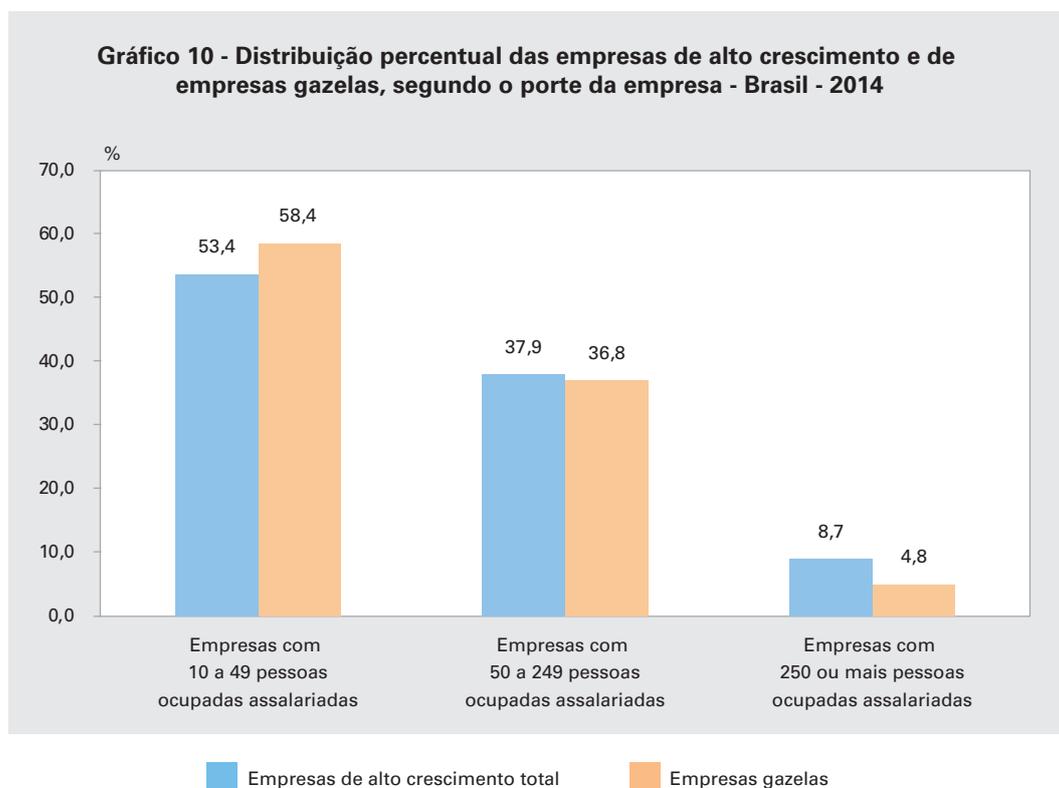
Especificação	2012	2013	2014
Número de empresas	4 671	4 529	4 228
Taxa de crescimento em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	0,2	0,2	0,2
Taxa de crescimento em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	1,0	0,9	0,9
Pessoal ocupado assalariado	424 043	407 231	399 047
Taxa de crescimento em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	1,3	1,2	1,1
Salário e outras remunerações (1 000 R\$)	7 874 772	8 126 559	9 079 718
Taxa de crescimento em relação às empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)	1,0	1,0	1,0
Salário médio mensal absoluto (em salários mínimos)	2,5	2,4	2,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Porte

No que se refere ao tamanho das empresas, em 2014, pode-se observar, no Gráfico 10, que a maioria das empresas das duas categorias consideradas – empresas de alto crescimento e gazelas – estão concentradas na faixa de 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas. A representatividade das empresas desta faixa no total de empresas gazelas foi de 58,4%, taxa superior à participação de tais empresas no grupo das empresas de alto crescimento, 53,4%.

Entre as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, essa relação se inverte: a representatividade das empresas gazelas foi de 4,8%, enquanto a das empresas de alto crescimento, 8,7%.



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

A Tabela 10 apresenta os salários médios mensais das empresas gazelas, em salários mínimos. É possível perceber que há uma relação direta entre o porte das empresas e o salário médio mensal, de forma que as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas pagavam salários mais elevados em todos os anos verificados.

Os salários médios mensais das empresas gazelas com 10 a 49 pessoas assalariadas, e com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas apresentaram estabilidade ao longo do triênio, permanecendo em 1,8 e 2,3 salários mínimos, respectivamente. Por outro lado, o salário médio mensal das empresas gazelas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas aumentou, atingindo o valor de 3,2 salários mínimos em 2014, o maior valor registrado desde 2012.

Tabela 10 - Salário médio mensal das empresas gazelas, segundo o porte da empresa - Brasil - 2012-2014

Porte da empresa	Salário médio mensal das empresas gazelas (salários mínimos)		
	2012	2013	2014
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas	1.8	1.9	1.8
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas	2.3	2.2	2.3
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	3.0	2.9	3.2

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Na Tabela 11 é interessante observar que o grupo das empresas gazelas não acompanha a tendência das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, tampouco das empresas de alto crescimento, no que tange o percentual de pessoal ocupado segundo o sexo e o nível de escolaridade.

No grupo das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas, bem como no grupo das empresas de alto crescimento, houve um aumento na participação das mulheres entre 2012 e 2014, chegando a 36,6% em ambos os grupos em 2014. Nas empresas de alto crescimento esta variação foi maior, registrando um aumento de 3,1 pontos percentuais no decorrer do triênio 2012-2014. Por outro lado, as empresas gazelas apresentaram um movimento oposto aos demais grupos analisados, pois a participação das mulheres no total de pessoal ocupado assalariado declinou de 35,9%, em 2012, para 32,8%, em 2014.

Em relação ao nível de escolaridade, as empresas gazelas apresentaram participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo menor que a observada entre as empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Ademais, houve uma redução na participação do pessoal ocupado assalariado com ensino superior completo entre 2012 e 2014, passando de 7,6% para 7,2%. Este movimento foi oposto ao experimentado pelas empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, que registraram aumentos de 2,1 e 1,8 pontos percentuais, respectivamente.

Tabela 11 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, nas empresas de alto crescimento e nas empresas gazelas, segundo o sexo e o nível de escolaridade - Brasil - 2012-2014

Sexo e nível de escolaridade	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas (%)								
	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas			De alto crescimento			Gazelas		
	2012	2013	2014	2012	2013	2014	2012	2013	2014
Sexo									
Homem	64,6	64,0	63,4	66,5	65,1	63,4	64,1	65,1	67,2
Mulher	35,4	36,0	36,6	33,5	34,9	36,6	35,9	34,9	32,8
Nível de escolaridade									
Ensino superior completo	11,5	12,2	13,3	9,3	10,0	11,4	7,6	7,3	7,2
Sem ensino superior	88,5	87,8	86,7	90,7	90,0	88,6	92,4	92,7	92,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Análise setorial das empresas de alto crescimento

A análise setorial empreendida neste tópico tem como foco as empresas de alto crescimento e sua representatividade em relação ao total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas

Número de empresas: representatividade por atividade econômica

A Tabela 12 apresenta a participação das empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0, agrupadas em setores de atividades. Em 2014, o setor mais representativo foi o de Construção (9,6%), seguido pelo de Serviços (7,0%) e o de Indústria (6,5%). Já o setor de Comércio destaca-se pela menor representatividade relativa (5,1%). Por outro lado, em termos absolutos, a ordem de relevância dos setores se altera: das 31 223 empresas de alto crescimento, 8 264 estão no setor de Comércio; 9 931, em Serviços; e o setor de Construção, cuja representatividade em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas é a mais alta, possui 3 803 empresas.

Tabela 12 - Número de empresas de alto crescimento e de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com indicação de representatividade, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2014

Seções da CNAE 2.0	Número de empresas		
	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Representatividade das empresas de alto crescimento no total das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
Total	31 223	488 825	6,4
Indústria (B+C+D+E)	6 755	103 931	6,5
Serviços (H+I+J+K+L+M+N+O)	9 931	140 943	7,0
Construção (F)	3 803	39 433	9,6
Comércio (G)	8 264	162 652	5,1
Outros (A+P+Q+R+S+T+U)	2 470	41 866	5,9

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

O Gráfico 11 apresenta a participação das empresas de alto crescimento no total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em 19 seções da CNAE 2.0, no triênio 2012-2014. Em 2014, assim como no ano anterior, as seguintes seções se destacaram: Atividades administrativas e serviços complementares²² (10,5%); Construção (9,6%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (9,2%); Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (9,0%); e Informação e

²² As atividades desenvolvidas por unidades compreendidas nesta seção geralmente são serviços terceirizados. A tendência atual da maioria das empresas é terceirizar as atividades administrativas e os serviços de apoio ao seu funcionamento, contratando-os de empresas especializadas que os fornecem a uma variedade de clientes. Para uma descrição detalhada dessa seção da CNAE 2.0, consultar o endereço: <<http://cnae.ibge.gov.br/?view=secao&tipo=cnae&versao=9&ersaoclas=7&secao=N>>.

Comunicação (8,9%). Diferentemente de 2013, a seção Transporte, Armazenagem e Correio (8,8%) não figura entre as cinco maiores taxas de representatividade.

Entre 2012 e 2014, houve redução da participação das empresas de alto crescimento nas empresas de 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em todas as 19 seções consideradas da CNAE 2.0. Dentre as seções consideradas, quatro merecem destaque no período. A maior queda ocorreu na seção Administração pública, defesa e seguridade social (3,7 pontos percentuais). Tal redução verificou-se majoritariamente entre 2012 e 2013, quando sua representatividade caiu 3,3 pontos percentuais. A seção de indústrias extrativas apresentou o segundo maior declínio na participação relativa, de 3,3 pontos percentuais ao longo do triênio. A seção Atividades profissionais, científicas e técnicas, apresentou uma queda de 2,6 pontos percentuais, e por fim a seção Construção, apresentou um recuo de 2,1 pontos percentuais desde 2012.

Gráfico 11 - Representatividade das empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012-2014



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Número de empresas: distribuição por atividade econômica

Dando continuidade à análise setorial das empresas de alto crescimento, a Tabela 13 apresenta a distribuição de cada seção da CNAE 2.0, por ano, no grupo das empresas de alto crescimento. Em termos relativos, observa-se que, em 2014, as três principais seções foram: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (26,5%); Indústrias de transformação (20,5%); e Construção (12,2%). Estas três seções se destacaram por elevadas taxas de participação também em 2012 e 2013, enquanto outras, como Saúde humana e serviços sociais, e Outras atividades de serviços apresentaram baixa representatividade em todos os anos.

No período entre 2012 a 2014, verifica-se que houve uma redução do número de empresas de alto crescimento em todas as seções, com exceção da seção Alojamentos e alimentação que apresentou um aumento de 1,5% ao longo do triênio. A seção Indústrias de transformação registrou a maior redução no número de empresas de alto crescimento (-19,7%), representando uma queda de 2,1 pontos percentuais no triênio.

Tabela 13 - Distribuição das empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012-2014

Seções da CNAE 2.0	Distribuição das empresas de alto crescimento					
	2012		2013		2014	
	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)	Abso-luto	Rela-tivo (%)
Total	35 206	100,0	33 374	100,0	31 223	100,0
C Indústrias de Transformação	7 971	22,6	7 105	21,3	6 399	20,5
F Construção	4 400	12,5	4 037	12,1	3 803	12,2
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	9 294	26,4	8 810	26,4	8 264	26,5
H Transporte, armazenagem e correio	2 350	6,7	2 298	6,9	2 218	7,1
I Alojamento e alimentação	1 700	4,8	1 759	5,3	1 723	5,5
J Informação e comunicação	902	2,6	900	2,7	890	2,9
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 367	3,9	1 271	3,8	1 067	3,4
N Atividades Administrativas e serviços complementares	3 146	8,9	3 144	9,4	3 114	10,0
Outras atividades (K+A+B+E+L+R+D+O+T+U)	1 552	4,4	1 536	4,6	1 353	4,3
P Educação	1 396	4,0	1 385	4,1	1 330	4,3
Q Saúde humana e serviços sociais	691	2,0	705	2,1	665	2,1
S Outras atividades de serviços	437	1,2	424	1,3	397	1,3

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Pessoal ocupado assalariado: distribuição por atividade econômica

Na Tabela 14, é apresentada a distribuição do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento, segundo as seções de atividade da CNAE 2.0, por ano. É importante destacar que diferentemente do Gráfico 9, e da Tabela 4, os dados referentes ao pessoal ocupado das empresas de alto crescimento na Tabela 14 são referentes às empresas selecionadas em cada um dos anos analisados, de forma que a cesta de empresas analisadas varia conforme o ano de referência.

Os dados indicam que as empresas que mais empregaram, em 2014, foram as das seções: Atividades administrativas e serviços complementares (23%), Indústrias de transformação (20,1%); Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (17,1%); e Construção (14,3%). Por outro lado, seções como Administração pública, defesa e seguridade social, bem como Eletricidade e gás apresentaram representatividade próxima de zero no triênio analisado.

Em 2014, as atividades que mais ocupavam eram também as de maior representatividade no total de empresas de alto crescimento (Tabela 13), sendo elas: Indústrias de transformação, Construção, e Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas. No entanto, as empresas da seção Atividades administrativas e serviços complementares apesar de apresentarem maior empregabilidade tanto em termos absolutos, quanto relativos, representavam apenas 10,0% das empresas de alto crescimento em 2014.

Ao considerar as empresas de alto crescimento no período de 2012 a 2014, os dados da Tabela 14 sugerem uma relativa estabilidade na distribuição do pessoal ocupado assalariado entre as seções. Dentre as exceções, destacam-se Atividades administrativas e serviços complementares, cuja participação aumentou 3,4 pontos percentuais, e Construção, que reduziu 2,9 pontos percentuais sua participação nesse período.

Entre 2012 e 2014, houve uma redução de 825,6 mil postos de trabalho nas empresas de alto crescimento, representando uma queda de 15,6% no triênio. Segundo os dados levantados, das 19 seções da CNAE 2.0, apenas seis tiveram variação positiva de pessoal ocupado assalariado no período analisado, com destaque para as seções: Educação; Informação e comunicação; e Outras atividades e serviços. O aumento do pessoal ocupado assalariado nestas três seções foi de 16,4 mil pessoas.

Por outro lado, a redução do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento justifica-se, principalmente, pela queda, em termos absolutos, das seções: Construção; Indústrias de Transformação; e Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas. Estas três seções respondem por uma redução de 668,8 mil postos de trabalho no estoque de postos das empresas de alto crescimento.

Tabela 14 - Distribuição do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012-2014

Seções da CNAE 2.0	Distribuição do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento					
	2012		2013		2014	
	Abso- luto	Rela- tivo (%)	Abso- luto	Rela- tivo (%)	Abso- luto	Rela- tivo (%)
Total	5 285 197	100,0	4 977 380	100,0	4 459 556	100,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	80 158	1,5	70 104	1,4	61 270	1,4
B Indústrias extrativas	36 159	0,7	31 858	0,6	28 702	0,6
C Indústrias de Transformação	1 134 264	21,5	1 121 083	22,5	897 045	20,1
D Eletricidade e gás	2 579	0,0	2 741	0,1	3 650	0,1
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	50 396	1,0	46 832	0,9	52 320	1,2
F Construção	906 693	17,2	799 179	16,1	636 609	14,3
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	925 715	17,5	882 887	17,7	764 214	17,1
H Transporte, armazenagem e correio	364 834	6,9	322 516	6,5	305 544	6,9
I Alojamento e alimentação	161 708	3,1	175 497	3,5	162 082	3,6
J Informação e comunicação	132 669	2,5	160 537	3,2	138 429	3,1
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	66 942	1,3	63 863	1,3	62 946	1,4
L Atividades imobiliárias	17 018	0,3	12 563	0,3	11 557	0,3
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	143 457	2,7	114 868	2,3	107 425	2,4
N Atividades administrativas e serviços complementares	1 035 935	19,6	937 531	18,8	1 023 556	23,0
O Administração pública, defesa e seguridade social	2 948	0,1	3 761	0,1	1 902	0,0
P Educação	77 620	1,5	79 813	1,6	84 534	1,9
Q Saúde humana e serviços sociais	103 175	2,0	114 100	2,3	75 192	1,7
R Artes, cultura, esporte e recreação	13 999	0,3	9 516	0,2	9 927	0,2
S Outras atividades de serviços	28 928	0,5	28 131	0,6	32 652	0,7

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Geração de postos de trabalho assalariado por seções de atividade econômica

Como mencionado anteriormente, as empresas de alto crescimento destacam-se como importantes geradoras de postos de trabalho assalariado. Em 2014, representaram apenas 6,4% das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, mas responderam por 54,3% dos postos de trabalho gerados neste grupo de empresas (Tabela 4). Para avaliar a geração de postos de trabalho assalariado, é necessário comparar o total do pessoal assalariado nos anos inicial e final de observação. A Tabela 15, a seguir, apresenta tais informações nos anos de 2011 e 2014, respectivamente, por seções da CNAE 2.0.

Em termos de variação absoluta, nas empresas de alto crescimento, destacaram-se as seguintes seções na geração de postos de trabalho assalariado: Atividades administrativas e serviços complementares (686,9 mil), Indústrias de transformação (565,6 mil), Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (468,0 mil) e Construção (416,7 mil).

Entre as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, essas quatro seções também se sobressaíram, mas com variações, em geral, menores. A seção Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas registrou a maior variação (1,3 milhões). No outro extremo, a seção Eletricidade e gás foi a que menos gerou empregos, tanto entre as empresas de alto crescimento (2,3 mil pessoas) como entre as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (- 4,0 mil pessoas).

Em termos relativos, outras seções se sobressaíram na geração de postos de trabalho assalariado: Atividades administrativas e serviços complementares (204,0%); Construção (189,5%); e Atividades profissionais, científicas e técnicas (178,7 %). Tais taxas são muito superiores às verificadas nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas nestas quatro seções: 32,9%, 26,0%, e 24,1%, respectivamente. No grupo das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a maior variação ocorreu na seção Artes, cultura, esporte e recreação (39,1%).

Tabela 15 - Geração de postos de trabalho assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2011/2014

Seções da CNAE 2.0	Geração de postos de trabalho assalariado nas empresas							
	De alto crescimento				Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas			
	2011	2014	Variação absoluta	Taxa (%)	2011	2014	Variação absoluta	Taxa (%)
Total	1 621 704	4 459 556	2 837 852	175,0	23 782 606	29 010 749	5 228 143	22,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	22 041	61 270	39 229	178,0	340 895	388 661	47 766	14,0
B Indústrias extrativas	11 888	28 702	16 814	141,4	182 059	210 561	28 502	15,7
C Indústrias de transformação	331 425	897 045	565 620	170,7	6 734 210	7 590 405	856 195	12,7
D Eletricidade e gás	1 347	3 650	2 303	171,0	126 040	122 096	(-) 3 944	(-) 3,1
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	20 515	52 320	31 805	155,0	304 459	344 692	40 233	13,2
F Construção	219 917	636 609	416 692	189,5	2 119 885	2 670 541	550 656	26,0
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	296 253	764 214	467 961	158,0	4 953 334	6 278 306	1 324 972	26,7
H Transporte, armazenagem e correio	111 252	305 544	194 292	174,6	1 860 489	2 224 811	364 322	19,6
I Alojamento e alimentação	66 936	162 082	95 146	142,1	1 024 900	1 358 802	333 902	32,6
J Informação e comunicação	52 912	138 429	85 517	161,6	606 001	756 078	150 077	24,8
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	24 206	62 946	38 740	160,0	859 886	915 330	55 444	6,4
L Atividades imobiliárias	4 292	11 557	7 265	169,3	70 991	93 864	22 873	32,2
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	38 542	107 425	68 883	178,7	540 775	671 191	130 416	24,1
N Atividades administrativas e serviços complementares	336 663	1 023 556	686 893	204,0	2 716 347	3 610 491	894 144	32,9
O Administração pública, defesa e seguridade social	1 033	1 902	869	84,1	24 436	26 079	1 643	6,7
P Educação	35 575	84 534	48 959	137,6	616 236	811 410	195 174	31,7
Q Saúde humana e serviços sociais	30 245	75 192	44 947	148,6	479 401	644 213	164 812	34,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	3 813	9 927	6 114	160,3	63 950	88 955	25 005	39,1
S Outras atividades de serviços	12 849	32 652	19 803	154,1	158 312	204 263	45 951	29,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

Salários e outras remunerações

A Tabela 16 permite comparar o salário médio mensal pago pelas empresas de alto crescimento com aquele pago pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Em 2014, o salário médio mensal pago pelas empresas de alto crescimento (2,7 salários mínimos) foi inferior ao pago pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (3,1 salários mínimos).

Tabela 16 - Salário médio nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012-2014

Seções da CNAE 2.0	Salário médio mensal absoluto nas empresas (salários mínimos)								
	2012			2013			2014		
	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Diferença percentual (%)	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Diferença percentual (%)	De alto crescimento	Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Diferença percentual (%)
Total	2,9	3,0	(-) 6,0	2,8	3,1	(-) 9,6	2,7	3,1	(-) 11,7
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	2,4	2,1	12,8	2,6	2,1	16,2	2,6	2,2	14,6
B Indústrias extrativas	8,1	6,5	18,9	8,3	6,9	17,4	9,7	7,1	26,7
C Indústrias de transformação	3,2	3,5	(-) 8,7	3,0	3,5	(-) 16,8	3,0	3,5	(-) 16,8
D Eletricidade e gás	9,6	9,6	(-) 0,6	10,1	9,0	(-) 11,5	8,7	8,9	(-) 1,7
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	2,5	3,5	(-) 38,5	2,7	3,6	(-) 30,4	2,4	3,6	(-) 47,7
F Construção	3,1	2,8	(-) 8,4	3,0	2,9	3,2	2,9	2,9	(-) 1,4
G Comércio; reparação de veículos a	2,5	2,3	(-) 8,1	2,5	2,3	(-) 6,8	2,5	2,3	(-) 8,7
H Transporte, armazenagem e correio	3,1	3,1	(-) 0,6	3,0	3,2	(-) 6,4	3,0	3,2	(-) 8,3
I Alojamento e alimentação	1,7	1,6	(-) 6,3	1,8	1,6	8,0	1,8	1,7	9,4
J Informação e comunicação	4,6	5,7	(-) 23,7	5,4	5,8	(-) 7,8	6,1	5,9	(-) 2,2
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	6,6	7,6	(-) 14,3	5,6	7,3	(-) 31,1	5,6	7,3	(-) 29,7
L Atividades imobiliárias	3,9	3,3	15,5	3,6	3,2	11,0	2,5	3,3	(-) 29,1
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	4,8	4,6	(-) 5,9	4,1	4,5	(-) 11,3	3,8	4,6	(-) 21,3
N Atividades Administrativas e serviços complementares	1,8	1,9	(-) 1,8	1,8	1,9	(-) 2,4	1,8	1,9	(-) 4,8
O Administração pública, defesa e seguridade social	2,3	5,9	(-) 162,1	3,1	6,0	(-) 94,3	2,1	6,0	(-) 184,8
P Educação	2,0	2,2	(-) 7,6	2,1	2,2	(-) 9,6	2,2	2,3	(-) 5,4
Q Saúde humana e serviços sociais	2,7	2,5	7,0	2,7	2,5	6,0	2,4	2,5	(-) 4,1
R Artes, cultura, esporte e recreação	2,0	1,8	(-) 9,0	2,6	1,8	30,1	2,1	1,9	9,8
S Outras atividades de serviços	2,3	1,9	15,6	2,3	1,9	15,2	2,2	1,9	12,5

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

As empresas de alto crescimento se destacaram por pagar salários médios mensais acima da média do total nas seguintes seções: Indústrias extrativas (9,7 salários mínimos), Eletricidade e gás (8,7 salários mínimos), e Informação e Comunicação (6,1 salários mínimos). No que concerne aos salários médios mensais pagos, as seções Eletricidade e gás (8,9 salários mínimos) e Indústrias extrativas (7,1 salários mínimos) também se sobressaíram entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, junto com a seção Atividades Financeiras, de seguros e serviços relacionados (7,3 salários mínimos).

Em termos percentuais, as seções com maior diferença entre as empresas de alto crescimento e as empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foram: Administração pública, defesa e seguridade social (-184,8%); Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (-47,7%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (-29,7%) e Atividades imobiliárias (-29,1%). Nessas quatro seções, o salário médio mensal das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foi superior ao das empresas de alto crescimento. Já a menor diferença entre os grupos de empresas foi verificada na seção Construção (-1,4%).

As três seções que se destacaram por pagar salários médios superiores dentre as empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foram: Indústrias extrativas (26,7%), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura (14,6%), e Outras atividades de serviços (12,9%).

Em 2014, as empresas de alto crescimento pagaram R\$ 103,2 bilhões em salários e outras remunerações, concentrados, principalmente, na seção Indústrias de transformação (22,5%). Esta seção somada às seções Construção e Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas concentravam 53,1% do valor dos salários e outras remunerações pagas (Tabela 17). Por outro lado, as seções Administração pública, defesa e seguridade social; Eletricidade e gás; e Artes, cultura, esporte e recreação; bem como Atividades imobiliárias, representavam juntas 0,7% das empresas de alto crescimento.

Os dados revelam que, de maneira geral, a distribuição dos salários e outras remunerações das empresas de alto crescimento em cada seção permaneceu relativamente constante ao longo dos três anos considerados. Entretanto, entre 2012 e 2014, algumas seções merecem destaque: Construção e Indústrias de transformação reduziram sua participação no total de salários e outras remunerações pagas em 3,8 pontos percentuais, e 2,6 pontos percentuais, respectivamente. Em contrapartida, as seções Atividades administrativas e serviços complementares, e Informação e comunicação, aumentaram suas participações em 3,0 pontos percentuais, e 2,8 pontos percentuais, respectivamente.

Tabela 17 - Distribuição dos salários e outras remunerações das empresas de alto crescimento, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2012-2014

Seções da CNAE 2.0	Distribuição dos salários e outras remunerações nas empresas de alto crescimento					
	2012		2013		2014	
	Absoluto (1 000 R\$)	Relativo (%)	Absoluto (1 000 R\$)	Relativo (%)	Absoluto (1 000 R\$)	Relativo (%)
Total	108 758 174	100,0	107 532 069	100,0	103 278 054	100,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1 549 464	1,4	1 589 704	1,5	1 445 197	1,4
B Indústrias extrativas	2 149 483	2,0	2 104 847	2,0	2 335 752	2,3
C Indústrias de transformação	27 307 032	25,1	27 321 557	25,4	23 246 691	22,5
D Eletricidade e gás	171 181	0,2	233 048	0,2	269 293	0,3
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	853 637	0,8	893 019	0,8	1 000 044	1,0
F Construção	20 107 043	18,5	17 337 937	16,1	15 196 609	14,7
G Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	16 245 974	14,9	17 156 541	16,0	16 472 315	15,9
H Transporte, armazenagem e correio	8 316 402	7,6	7 440 778	6,9	7 555 213	7,3
I Alojamento e alimentação	2 059 269	1,9	2 553 441	2,4	2 492 523	2,4
J Informação e comunicação	4 518 510	4,2	6 738 700	6,3	7 211 122	7,0
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	3 208 114	2,9	2 852 434	2,7	2 988 784	2,9
L Atividades imobiliárias	441 248	0,4	334 574	0,3	241 062	0,2
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	4 822 348	4,4	3 437 655	3,2	3 301 327	3,2
N Atividades administrativas e serviços complementares	12 990 700	11,9	12 895 760	12,0	15 435 875	14,9
O Administração pública, defesa e seguridade social	48 851	0,0	92 311	0,1	36 757	0,0
P Educação	1 238 677	1,1	1 390 552	1,3	1 675 606	1,6
Q Saúde humana e serviços sociais	2 039 137	1,9	2 462 509	2,3	1 603 209	1,6
R Artes, cultura, esporte e recreação	186 041	0,2	187 479	0,2	171 018	0,2
S Outras atividades de serviços	505 063	0,5	509 224	0,5	599 658	0,6

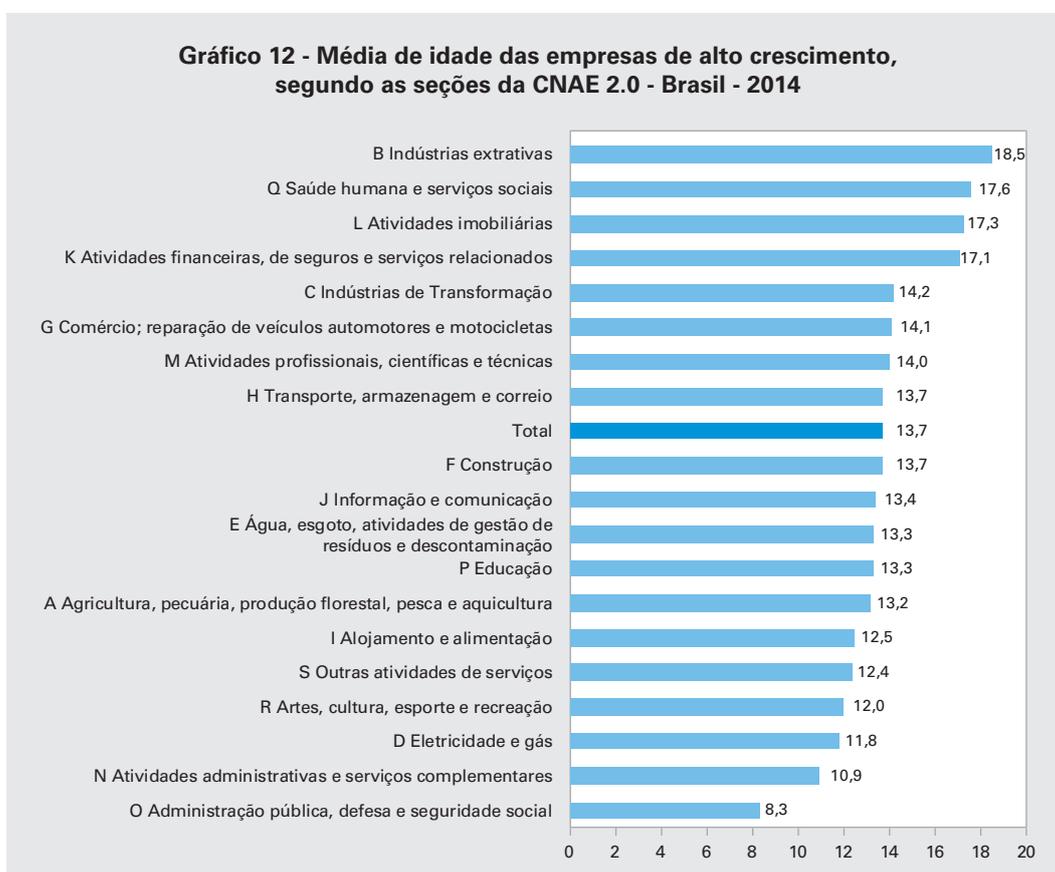
Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2012-2014.

Média de idade

O Gráfico 12 apresenta a média de idade das empresas de alto crescimento, por seções da CNAE 2.0. Em 2014, essa média foi de 13,7 anos – inferior à média de idade das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas, 14,8 anos. É interessante destacar que a média de idade das empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas é 11,7 anos – o que sugere que grande parte das empresas com menor porte (inferior a 10 pessoas ocupadas) são mais jovens.

A seção que apresentou a maior média de idade foi Indústrias extrativas (18,5 anos), seguida por Saúde humana e serviços sociais (17,6 anos), e Atividades imobiliárias (17,3).

Por outro lado, a seção com a menor média de idade foi Administração pública, defesa e seguridade social (8,3 anos), seguida por Atividades administrativas e serviços complementares (10,9%) e Eletricidade e gás (11,8 anos).



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

Sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado assalariado

Em 2014, das 4,4 milhões de pessoas ocupadas assalariadas nas empresas de alto crescimento, 36,6% eram mulheres. No conjunto das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, este percentual também era de 36,6%. Na Tabela 18, essa diferença de sexo na participação do pessoal ocupado assalariado é apresentada segundo as seções da CNAE 2.0.

Tabela 18 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por sexo, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2014

Seções da CNAE 2.0	Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas, por sexo (%)			
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Total	63,4	36,6	63,4	36,6
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	84,7	15,3	82,3	17,7
B Indústrias extrativas	86,7	13,3	87,8	12,2
C Indústrias de transformação	67,7	32,3	69,7	30,3
D Eletricidade e gás	82,1	17,9	80,8	19,2
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	76,2	23,8	79,8	20,2
F Construção	91,4	8,6	91,0	9,0
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	56,8	43,2	56,1	43,9
H Transporte, armazenagem e correio	81,3	18,7	81,7	18,3
I Alojamento e alimentação	40,0	60,0	44,7	55,3
J Informação e comunicação	63,8	36,2	62,2	37,8
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	37,8	62,2	45,1	54,9
L Atividades imobiliárias	67,1	32,9	57,6	42,4
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	56,5	43,5	54,5	45,5
N Atividades administrativas e serviços complementares	50,8	49,2	53,9	46,1
O Administração pública, defesa e seguridade social	76,2	23,8	60,9	39,1
P Educação	35,6	64,4	33,1	66,9
Q Saúde humana e serviços sociais	25,3	74,7	23,6	76,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	52,0	48,0	51,4	48,6
S Outras atividades de serviços	51,5	48,5	49,6	50,4

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

Entre as empresas de alto crescimento, as seções que se destacaram pela elevada participação feminina foram Saúde humana e serviços sociais (74,7%); Educação (64,4%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (62,2%); e Alojamento e alimentação (60,0%). No caso das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, estas mesmas seções se sobressaíram com maioria feminina.

Observa-se que, nas duas seções com maior participação feminina, as taxas nas empresas de alto crescimento ficaram abaixo das verificadas nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas: na seção Saúde humana e serviços sociais, menor em 1,7 ponto percentual, e na Educação, menor 2,5 pontos percentuais. A situação se inverte ao considerar as seções Alojamento e alimentação, e Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, nas quais as taxas de representatividade feminina entre as empresas de alto crescimento foram 4,7 pontos percentuais e 7,3 pontos percentuais maiores, respectivamente.

A seção com maior diferença percentual na participação das mulheres entre as empresas de alto crescimento e o grupo das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas foi Administração pública, defesa e seguridade social, na qual a participação das mulheres dentre as empresas de alto crescimento foi 15,3 pontos percentuais menor.

Por outro lado, nas demais seções da CNAE 2.0, as taxas de participação dos homens superaram as das mulheres, tanto nas empresas de alto crescimento quanto nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. Cabe destacar que a seção Construção registrou a maior concentração de homens, acima de 90,0%.

Com relação ao nível de escolaridade, em 2014, 11,4% do pessoal ocupado assalariado das empresas de alto crescimento possuíam ensino superior completo, percentual inferior ao verificado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 13,3% (Tabela 7). Ao explorar essa diferença por seções da CNAE 2.0, os dados indicam que, em 9 das 19 seções consideradas, a participação do pessoal ocupado assalariado com esse nível de ensino foi maior nas empresas de alto crescimento (Gráfico 13).

Dentre as empresas de alto crescimento, destacam-se por seu elevado percentual de pessoal ocupado assalariado com ensino superior as seções: Educação (55,5%); Informação e comunicação (52,9%); Artes, cultura, esporte e recreação (47,1%); Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (45,3%); e Eletricidade e gás (33,9%). No outro extremo, com baixa participação de pessoal ocupado assalariado com ensino superior, estão as seguintes seções: Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (3,9%); Atividades administrativas e serviços complementares (5,1%); Construção (5,3%); Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (5,6%); Transporte, armazenagem e correio (7,0%).

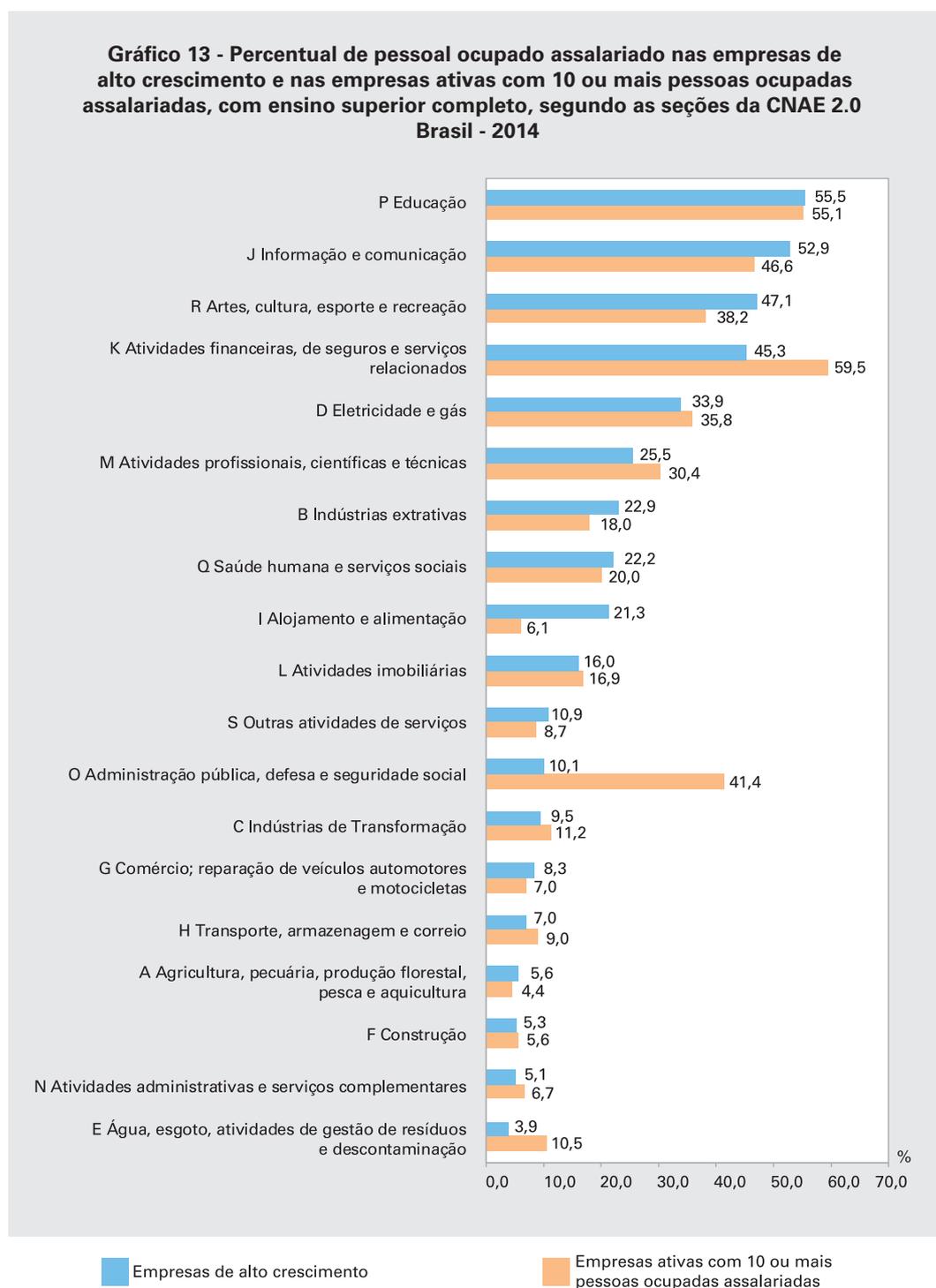
No que se refere às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, duas seções merecem destaque quando comparadas às empresas de alto crescimento: Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (59,5%); e Administração pública, defesa e seguridade social (41,4%). No primeiro caso, a taxa foi 14,2 pontos percentuais superior à observada nas empresas de alto crescimento da mesma seção, e, no segundo, 31,3 pontos percentuais maior.

Considerando a Tabela 18 e o Gráfico 13, é possível traçar um breve perfil da mão de obra ocupada nas empresas de alto crescimento em 2014, no que diz respeito a gênero e nível de escolaridade. A seção Educação, por exemplo, registrou 64,4% de mulheres em seu pessoal ocupado assalariado e empregou uma alta proporção de pessoas com nível superior completo (55,5%). Esse padrão também se verifica nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, que apresentaram, na seção Educação, maior participação de mulheres (66,9%) e de pessoas com nível superior completo (55,1%).

Entre as empresas de alto crescimento, outra seção que se destacou por combinar maior participação de mulheres e altos níveis de escolaridade foi Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (62,2% e 45,3%, respectivamente). Ainda nesta seção, comparando-se as empresas de alto crescimento e as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, observa-se que, nas empresas de alto crescimento, a proporção de mulheres foi superior, enquanto a proporção de pessoal ocupado assalariado com nível superior foi inferior.

Em contrapartida, as seções Construção e Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura apresentaram uma combinação de grande participação masculina (91,4% e 84,7%, respectivamente) e de pessoal ocupado assalariado com baixo nível de escolaridade (5,3% e 5,6%, respectivamente). Estes resultados se assemelham aos encontrados para o conjunto das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas nessas seções.

Gráfico 13 - Percentual de pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com ensino superior completo, segundo as seções da CNAE 2.0 Brasil - 2014



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

Empresas gazelas por seções de atividade econômica

O Gráfico 14 retrata a representatividade das empresas de alto crescimento e das empresas gazelas nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por seções de atividade econômica. Em 2014, do total de 488 825 empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 6,4% eram empresas de alto crescimento e 0,9%, gazelas. Ao considerar as seções da CNAE 2.0, entre as empresas gazelas, destacaram-se: Atividades administrativas e serviços complementares (2,0%); Administração pública, defesa e seguridade social (1,6%); Construção (1,2%). Já entre as empresas de alto crescimento, os valores nestas seções foram, respectivamente: 10,5%, 9,6%, 2,3%.



No que se refere à distribuição das empresas gazelas por seções de atividade, o padrão observado é bem similar ao verificado entre as empresas de alto crescimento em 2014 (Tabela 19). Destacaram-se pela alta representatividade as seguintes seções: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (26,5% nas empresas de alto crescimento e 23,2% nas gazelas); Indústrias de transformação (20,5% nas empresas de alto crescimento e 19,6% nas gazelas); e Construção (12,2% nas empresas de alto crescimento e 15,0% nas gazelas).

Tabela 19 - Distribuição do número de empresas de alto crescimento e das empresas gazelas, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2014

Seções da CNAE 2.0	Distribuição do número de empresas			
	De alto crescimento		Gazelas	
	Absoluto	Relativo (%)	Absoluto	Relativo (%)
Total	31 223	100,0	4 228	100,0
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	326	1,0	54	1,3
B Indústrias extrativas	155	0,5	8	0,2
C Indústrias de transformação	6 399	20,5	828	19,6
D Eletricidade e gás	28	0,1	1	0,0
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	173	0,6	14	0,3
F Construção	3 803	12,2	635	15,0
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8 264	26,5	981	23,2
H Transporte, armazenagem e correio	2 218	7,1	304	7,2
I Alojamento e alimentação	1 723	5,5	342	8,1
J Informação e comunicação	890	2,9	78	1,8
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	371	1,2	29	0,7
L Atividades imobiliárias	149	0,5	14	0,3
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 067	3,4	97	2,3
N Atividades administrativas e serviços complementares	3 114	10,0	594	14,0
O Administração pública, defesa e seguridade social	2	0,0	1	0,0
P Educação	1 330	4,3	134	3,2
Q Saúde humana e serviços sociais	665	2,1	39	0,9
R Artes, cultura, esporte e recreação	149	0,5	24	0,6
S Outras atividades de serviços	397	1,3	51	1,2

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2014.

Variáveis econômicas

Como descrito na seção **Notas técnicas** desta publicação, na análise das variáveis valor adicionado bruto, produtividade e receita, o âmbito deste estudo se restringe às atividades (seções e divisões da CNAE 2.0) presentes nas pesquisas anuais por empresa nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços²³. Em 2014, das 31 223 empresas de alto crescimento, 29 284 empresas estão no âmbito das pesquisas por empresa.

²³ É importante notar que o valor adicionado bruto neste estudo se restringe ao âmbito das pesquisas por empresas e não ao total divulgado pelo Sistema de Contas Nacionais, do IBGE. As seções consideradas da CNAE 2.0 estão especificadas na seção **Notas técnicas** desta publicação. Cabe destacar também que, dado o âmbito diferente, não necessariamente os números absolutos apresentados neste tópico correspondem exatamente aos verificados no anterior.

Valor adicionado bruto

Em 2014, as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas geraram R\$ 1 887,5 bilhão em valor adicionado bruto. Desse total, as empresas de alto crescimento foram responsáveis por R\$ 241,4 bilhões. A distribuição do valor adicionado bruto entre os setores sugere uma concentração da participação das atividades relacionadas à Indústria e aos Serviços, que juntos responderam por 66,6% das empresas de alto crescimento e 72,1% das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. No caso das empresas de alto crescimento, esses dois setores são responsáveis por 23,7% e 42,9%, respectivamente, do valor adicionado; e, nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por 39,1% e 33,0%, respectivamente (Tabela 20).

Entre as empresas de alto crescimento, o setor Comércio responde por 20,1% do valor adicionado bruto. Em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, esta taxa é de 19,6%. No que se refere à distribuição do valor adicionado bruto entre os setores, vale destacar também que a Construção responde por uma parcela maior entre as empresas de alto crescimento (13,4% versus 8,4%).

Por fim, em 2014, o valor adicionado bruto gerado pelas empresas de alto crescimento representou 12,8% do total gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. O setor de Construção, que representa 12,2% das empresas de alto crescimento (Tabela 13), registrou a maior representatividade nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (20,4%), seguido pelo setor de Serviços (16,6%). Indústria e Comércio tiveram representatividade da ordem de 7,8% e 13,1%, respectivamente (Tabela 20).

Tabela 20 - Representatividade e distribuição percentual do valor adicionado bruto das empresas de alto crescimento em relação à distribuição percentual do valor adicionado bruto gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo os setores de atividade econômica - Brasil - 2014

Setores de atividade econômica	Valor adicionado bruto das empresas (%)		
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
	Representatividade em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Distribuição percentual de cada setor no total de empresas de alto crescimento	Distribuição percentual de cada setor no total de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
Total	12,8	100,0	100,0
Indústria (B+C)	7,8	23,7	39,1
Serviços	16,6	42,9	33
Construção	20,4	13,4	8,4
Comércio	13,1	20,1	19,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Em 2014, o total de empresas de alto crescimento respondia por 12,8% do valor adicionado bruto gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, mas esta taxa apresentou grande variação entre as diferentes divisões de atividade da CNAE 2.0 (Tabela 21). Com o intuito de facilitar a exposição, optou-se por apresentar, em ordem decrescente, apenas as 15 primeiras posições.

Dentre as empresas de alto crescimento, cinco delas se destacaram na geração do valor adicionado bruto em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, na sua respectiva atividade: Telecomunicações (35,1%); Esgoto e atividades relacionadas (29,7%); Atividades de apoio à extração de minerais (26,7%); Atividades de vigilância, segurança e investigação (26,2%); e Seleção, agenciamento e locação de mão de obra (25,3%).

Tabela 21 - Representatividade do valor adicionado bruto das atividades econômicas nas empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as divisões da CNAE 2.0, em ordem crescente das 15 primeiras posições ocupadas - Brasil - 2014

Posição ocupada	Divisões da CNAE 2.0	Representatividade do valor adicionado bruto das atividades econômicas nas empresas de alto crescimento no total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
1ª	61 Telecomunicações	35,1
2ª	37 Esgoto e atividades relacionadas	29,7
3ª	09 Atividades de apoio à extração de minerais	26,7
4ª	80 Atividades de vigilância, segurança e investigação	26,2
5ª	78 Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	25,3
6ª	95 Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação de objetos pessoais e domésticos	22,0
7ª	41 Construção de edifícios	21,8
8ª	81 Serviços para edifícios e atividades paisagísticas	20,7
9ª	82 Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	20,4
10ª	42 Obras de infraestrutura	20,1
11ª	93 Atividades esportivas e de recreação e lazer	19,9
12ª	77 Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros	19,5
13ª	62 Atividades dos serviços de tecnologia da informação	18,2
14ª	43 Serviços especializados para construção	18,1
15ª	51 Transporte aéreo	17,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 81 está restrita aos grupos 812 e 813 e à classe 8111.

A Tabela 22 apresenta o valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento e das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, definido como a divisão algébrica do valor adicionado bruto pelo número de empresas, segundo as divisões da CNAE 2.0. No geral, o valor adicionado bruto médio entre as empresas de alto crescimento foi de R\$ 8,2 milhões, acima do valor verificado entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, de R\$ 4,4 milhões.

A atividade Transporte aéreo teve destaque dentre as empresas de alto crescimento, com valor adicionado bruto médio de R\$ 226,2 milhões. Já entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o valor observado neste setor foi de R\$ 90,6 milhões, ocupando a quinta posição. Outra atividade em destaque foi Telecomunicações, com valor adicionado bruto médio R\$ 131,0 milhões, entre as empresas de alto crescimento, e R\$ 46,7 milhões entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, ocupando a oitava posição. A variação

percentual do valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no setor Telecomunicações foi 180,6% - o maior valor dentre as empresas do ranking.

A atividade Extração de petróleo e gás natural ocupa a terceira posição entre as empresas de alto crescimento, com um valor adicionado bruto médio de R\$ 107,2 milhões. Contudo, apesar das empresas de alto crescimento da atividade Extração de petróleo e gás natural apresentarem bom desempenho ao analisar o valor adicionado bruto médio, dentre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas assalariadas a atividade ocupa a primeira posição, apresentando um valor adicionado bruto médio de R\$ 386,4 milhões – 72,2% maior que o valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento.

A atividade Extração de minerais metálicos ocupa a segunda posição entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, com valor adicionado bruto médio de R\$ 377,1 milhões, seguida pela atividade Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis, com valor adicionado bruto médio de R\$ 348,9 milhões. Dentre as empresas de alto crescimento estas duas atividades ocupam a oitava e a nona posição, apresentando valor adicionado bruto médio de R\$ 47,3 milhões e R\$ 40,6 milhões, respectivamente. Vale destacar que a atividade Fabricação de coque, de produtos derivados de petróleo e de biocombustíveis apresenta a maior variação percentual negativa dentre as atividades do ranking, indicando que o valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento é 88,4% inferior em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Tabela 22 - Valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento e das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em ordem crescente das 10 primeiras posições ocupadas das empresas de alto crescimento, segundo as divisões da CNAE 2.0 - Brasil - 2014

Divisões da CNAE 2.0	Empresas de alto crescimento		Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		Variação percentual do valor adicionado bruto médio das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
	Posição ocupada	Valor adicionado bruto médio (1 000 R\$)	Posição ocupada	Valor adicionado bruto médio (1 000 R\$)	
Valor médio		8 245		4 414	86,8
51 Transporte aéreo	1º	226 222	5º	90 576	149,8
61 Telecomunicações	2º	131 001	8º	46 680	180,6
06 Extração de petróleo e gás natural	3º	107 232	1º	386 392	(-) 72,2
09 Atividades de apoio à extração de minerais	4º	98 802	6º	64 051	54,3
30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	5º	56 324	11	27 437	105,3
11 Fabricação de bebidas	6º	54 271	12	27 272	99,0
21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	7º	49 798	7º	51 326	(-) 3,0
07 Extração de minerais metálicos	8º	47 282	2º	377 105	(-) 87,5
19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e biocombustíveis	9º	40 617	3º	348 908	(-) 88,4
50 Transporte aquaviário	10º	28 034	13º	25 818	8,6

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 51 está restrita aos grupos 511 e 512.

Produtividade do trabalho

A Tabela 23 apresenta o ranking das divisões de atividade que registraram os 10 maiores valores de produtividade média do trabalho nas empresas de alto crescimento, bem como as posições ocupadas por essas divisões nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas. A produtividade média no total das empresas de alto crescimento foi de R\$ 58,4 mil por empregado, o que representa 79,2% do valor verificado entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, R\$ 73,7 mil por empregado.

Na análise por divisões da CNAE 2.0, observa-se que a atividade Extração de petróleo e gás natural ocupa a primeira posição nos dois grupos de empresas, registrando produtividades médias de R\$ 911,8 mil por empregado (empresas de alto crescimento) e R\$ 2 565,8 mil por empregado (empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas).

A segunda posição dentre as empresas de alto crescimento é ocupada pela atividade Telecomunicações, apresentando produtividade média de R\$ 570,7 mil por empregado, 46,7% superior à produtividade média dentre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas (R\$ 368,6 mil por empregado) – a maior variação dentre as atividades listadas no ranking. O terceiro lugar nas empresas de alto crescimento, Transporte aquaviário (R\$ 175,4 mil por empregado), ocupou a 9ª posição entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (R\$ 173,3 mil por empregado).

Por fim, vale destacar que a atividade Extração de minerais metálicos apresentou a maior variação percentual negativa ao comparar a produtividade média das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, de forma que a produtividade média por empregado dentre as últimas é R\$ 572,8 mil, 72,9% superior em relação à produtividade das empresas de alto crescimento (R\$ 155,0 mil).

Tabela 23 - Produtividade média do trabalho nas empresas de alto crescimento e nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, em ordem crescente das 10 primeiras posições ocupadas das empresas de alto crescimento, segundo as divisões da CNAE 2.0 - Brasil - 2014

Divisões da CNAE 2.0	Empresas de alto crescimento		Empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas		Variação percentual da produtividade média das empresas de alto crescimento em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (%)
	Posição ocupada	Produtividade média (1 000 R\$/empregado)	Posição ocupada	Produtividade média (1 000 R\$/empregado)	
Total		58,4		73,7	(-) 20,8
06 Extração de petróleo e gás natural	1º	911,8	1º	2565,8	(-) 64,5
61 Telecomunicações	2º	540,7	4º	368,6	46,7
50 Transporte aquaviário	3º	175,4	9º	173,3	1,2
66 Atividades auxiliares dos serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde	4º	173,7	6º	265,1	(-) 34,5
51 Transporte aéreo	5º	166,1	14º	149,7	11,0
60 Atividades de rádio e televisão	6º	156,4	7º	191,7	(-) 18,4
7 Extração de minerais metálicos	7º	155,0	2º	572,8	(-) 72,9
58 Edição e edição integrada à impressão	8º	143,4	25º	103,0	39,2
21 Fabricação de produtos farmacêuticos e farmacêuticos	9º	140,0	11º	165,3	(-) 15,3
9 Atividades de apoio à extração de minerais	10º	129,6	10º	171,7	(-) 24,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

(1) No âmbito da pesquisa a divisão 51 está restrita aos grupos 511 e 512.

Receita líquida

A Tabela 24 apresenta dados referentes à representatividade da receita líquida das empresas de alto crescimento no total das receitas das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, bem como a distribuição em cada grupo, segundo os setores de atividade econômica. Em 2014, as empresas de alto crescimento geraram uma receita líquida de R\$ 813,8 bilhões, de um total de R\$ 6 510,3 bilhões gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Dentre os setores de atividade econômica, Construção merece destaque, pois representou, em 2014, 21,1% do valor total gerado pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas nesta atividade. Por outro lado, as empresas do setor de Construção respondiam por 8,3% da receita líquida das empresas de alto crescimento, valor abaixo do verificado nos outros setores: Comércio (38,6%), Indústria (29,9%) e Serviços (23,2%).

A participação relativa do setor Construção é ainda menor quando consideradas as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 4,9%. Neste grupo de empresas, destaca-se a Indústria, que responde por 41,5% da receita líquida, seguida pelo Comércio, com 36,8%. Assim, estes dois setores juntos respondem por 78,3% da receita líquida gerada nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

Tabela 24 - Representatividade da receita líquida das empresas de alto crescimento em relação à distribuição percentual do total de receitas das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo os setores de atividade econômica - Brasil - 2014

Setores de atividade econômica	Receita líquida das empresas (%)		
	De alto crescimento		Ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas
	Representatividade em relação às empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas	Distribuição percentual das empresas de alto crescimento	Distribuição percentual
Total	12,5	100,0	100,0
Indústria (B+C)	9,0	29,9	41,5
Serviços	17,2	23,2	16,8
Construção	21,1	8,3	4,9
Comércio	13,1	38,6	36,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Panorama geral das empresas de alto crescimento contínuo

Este tópico analisa o universo das empresas de alto crescimento contínuo, composto por empresas com crescimento do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20,0% ao ano, durante dois triênios seguidos. Desta forma, análise de alto crescimento contínuo deste relatório considera o grupo de empresas definidas como de alto crescimento em 2011 (triênio 2009-2011) e que permaneceram em alto crescimento até 2014 (triênio 2012-2014).

Na publicação deste ano optou-se por aprofundar nesse tema específico, em decorrência da importância dessas empresas no processo de geração de empregos durante um período para além da observação do triênio (2012-2014). Considerando que houve redução no número de empresas de alto crescimento em 2013 e 2014, e que em 2014 houve redução do número de empresas ativas no CEMPRE – pela primeira vez desde o início da série histórica – torna-se relevante a observação do grupo de empresas que mostraram resiliência em um período de menor dinamismo econômico.

Na Tabela 25 observa-se que, do total de empresas de alto crescimento em 2011, composto por 34 528 empresas, 39,2% (13 528) continuaram crescendo em 2012; 20,5% (7 071), em 2013; e, por fim, 7,9% (2 717), em 2014. Ou seja, em 2014, 2 717 empresas apresentaram taxas anuais de crescimento do pessoal ocupado assalariado, em média, superior a 20,0% desde 2009. Essas empresas, em 2014, ocupavam 922 125 pessoas assalariadas e pagavam R\$ 22,0 bilhões em salários e outras remunerações. Cabe destacar também que tais empresas, apesar de representarem 8,7% das empresas de alto crescimento de 2014, ocupavam 20,7% do total de pessoal ocupado assalariado e pagavam 21,4% do total de salários e outras remunerações (Tabela 2 e Tabela 25).

Tabela 25 - Empresas de alto crescimento em 2011 e de alto crescimento contínuo de 2012 a 2014, segundo as variáveis selecionadas - Brasil - 2011-2014

Variáveis selecionadas	Empresas			
	De alto crescimento (2009-2011)	De alto crescimento contínuo		
		2012	2013	2014
Número de empresas	34 528	13 528	7 071	2 717
Pessoal ocupado assalariado	5 035 464	2 890 019	1 890 879	922 125
Salários e outras remunerações (1 000 R\$)	95 355 188	63 515 811	43 477 714	22 066 624
Salário médio mensal (em salários mínimos)	3,0	3,0	2,9	2,8

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011-2014.

Seções de atividade econômica

Neste tópico, optou-se por analisar as 2 717 empresas de alto crescimento que cresceram continuamente de 2009 até 2014. A Tabela 26 indica a distribuição destas empresas por seções da CNAE 2.0. Observa-se que quatro seções concentram 69,4% das empresas investigadas: Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (23,3%); Indústrias de transformação (19,7%); Construção (14,6%); e Atividades administrativas e serviços complementares (11,7%).

Conforme ilustrado na Tabela 27, em 2014, quatro seções de atividade representaram juntas 73,1% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento contínuo: Atividades administrativas e serviços complementares (24,3%); Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas (18,1%); Indústrias de transformação (17,4%); e Construção (13,3%). Por outro lado, seções como Eletricidade e gás; Artes, cultura, esporte e recreação; Administração pública, defesa e seguridade social; e Atividades imobiliárias responderam juntas por menos de 0,5% do pessoal ocupado nas empresas de alto crescimento contínuo entre 2009 e 2014.

No que se refere à representatividade do pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento contínuo em relação às empresas de alto crescimento em 2014, destacaram-se as seções Administração pública, defesa e seguridade social (76,8%); Eletricidade e gás (44,4%); Indústrias extrativas (34,7%); e Outras atividades e serviços (32,0%).

Tabela 26 - Número de empresas de alto crescimento em 2011 e número, distribuição e representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em 2014, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2011/2014

Seções da CNAE 2.0	Empresas			
	De alto crescimento 2011	De alto crescimento contínuo 2014		
		Total	Distribuição (%)	Representatividade em relação às empresas de alto crescimento 2011 (%)
Total	34 528	2 717	100,0	7,9
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	374	34	1,3	9,1
B Indústrias extrativas	229	17	0,6	7,4
C Indústrias de transformação	8 050	536	19,7	6,7
D Eletricidade e gás	25	4	0,1	16,0
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	167	20	0,7	12,0
F Construção	4 455	397	14,6	8,9
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	9 219	634	23,3	6,9
H Transporte, armazenagem e correio	2 293	227	8,4	9,9
I Alojamento e alimentação	1 552	56	2,1	3,6
J Informação e comunicação	876	104	3,8	11,9
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	427	56	2,1	13,1
L Atividades imobiliárias	154	10	0,4	6,5
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1 239	100	3,7	8,1
N Atividades administrativas e serviços complementares	2 923	319	11,7	10,9
O Administração pública, defesa e seguridade social	8	1	0,0	12,5
P Educação	1 313	88	3,2	6,7
Q Saúde humana e serviços sociais	627	84	3,1	13,4
R Artes, cultura, esporte e recreação	149	5	0,2	3,4
S Outras atividades de serviços	448	25	0,9	5,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

Tabela 27 - Pessoal ocupado assalariado nas empresas de alto crescimento em 2011 e número, distribuição e representatividade das empresas de alto crescimento contínuo em 2014, segundo as seções da CNAE 2.0 - Brasil - 2011/2014

Seções da CNAE 2.0	Pessoal ocupado nas empresas			
	De alto crescimento 2011	De alto crescimento contínuo em 2014		
		Total	Distribuição (%)	Representatividade em relação às empresas de alto crescimento 2011 (%)
Total	5 035 464	922 125	100	18,3
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	81 149	22 591	2,4	27,8
B Indústrias extrativas	33 072	11 475	1,2	34,7
C Indústrias de transformação	1 188 217	160 476	17,4	13,5
D Eletricidade e gás	1 701	756	0,1	44,4
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	33 154	5 569	0,6	16,8
F Construção	874 888	122 358	13,3	14,0
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	851 786	167 205	18,1	19,6
H Transporte, armazenagem e correio	368 888	68 973	7,5	18,7
I Alojamento e alimentação	115 449	19 137	2,1	16,6
J Informação e comunicação	156 164	33 374	3,6	21,4
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	119 036	15 082	1,6	12,7
L Atividades imobiliárias	14 308	3 086	0,3	21,6
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	148 692	25 751	2,8	17,3
N Atividades administrativas e serviços complementares	822 530	223 814	24,3	27,2
O Administração pública, defesa e seguridade social	2 408	1 850	0,2	76,8
P Educação	80 808	12 045	1,3	14,9
Q Saúde humana e serviços sociais	99 074	18 359	2,0	18,5
R Artes, cultura, esporte e recreação	13 495	403	0,0	3,0
S Outras atividades de serviços	30 645	9 821	1,1	32,0

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011/2014.

Variáveis selecionadas, por faixa de idade e porte

Dentre as 2 717 empresas de alto crescimento contínuo de 2014, 2331 empresas estão no âmbito das pesquisas econômicas. A Tabela 28, a seguir, classifica essas 2331 empresas de alto crescimento contínuo por porte e faixa de idade, e as relaciona com as variáveis selecionadas para análise (pessoal ocupado assalariado, valor adicionado, valor adicionado médio, receita líquida, produtividade, salários e outras remunerações pagas, e salário médio mensal).

Dentre as empresas de alto crescimento contínuo de 2014 predominam as empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas (61,1%), seguidas pelas empresas com 250 pessoas ou mais pessoas ocupadas assalariadas (29,6%), e por fim, as empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas (9,3%). Independente do porte, a faixa de idade que concentrou o maior número de empresas de alto crescimento contínuo

(47,4%), e número de pessoal ocupado assalariado (46,8%), foram das empresas com idade entre 10 e 20 anos. Nesta faixa de idade, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas apresentaram a maior quantidade de pessoal ocupado assalariado (299,0 mil).

O salário médio mensal das empresas de alto crescimento contínuo de 2014 (2,8 salários mínimos) é superior ao salário médio das empresas de alto crescimento (2,7 salários mínimos)²⁴. Os maiores salários médios mensais (3,4 salários mínimos) estão nos grupos das empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas, com idade maior que 30 e até 40 anos; e dentre as empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas, com idade maior que 40 anos. Na faixa das empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas o maior salário médio mensal se concentrou na faixa das empresas com idade maior que 40 anos (3,3 salários mínimos). Estes resultados sugerem que as empresas de alto crescimento contínuo, mais maduras, pagam melhores salários – independente do porte.

Os resultados das análises econômicas revelam que o valor adicionado total das empresas de alto crescimento contínuo em 2014 foi R\$ 48 236,8 milhões. O maior valor adicionado está concentrado nas empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas (R\$ 36 662,0 milhões). Nesta categoria, o destaque vai para as empresas com idade maior que 10 e até 20 anos, que apresenta o valor adicionado bruto de R\$ 16 691,5 milhões. Ao observar o valor adicionado médio na mesma categoria de porte, a faixa de idade que se destaca são as empresas com idade maior que 40 anos, que apresentam o valor adicionado médio de R\$ 161,0 milhões.

Os dados das receitas líquidas das empresas de alto crescimento contínuo apontam que a relação entre a receita, porte e faixa de idade das empresas é semelhante à variável valor adicionado. Assim, as maiores receitas líquidas nas três categorias de porte se concentram dentre as empresas com idade maior que 10 e até 20 anos, e a maior receita líquida está concentrada dentre as empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas, totalizando R\$ 139,7 bilhões.

Por fim, a análise da produtividade das empresas de alto crescimento contínuo revela que a produtividade média destas empresas (R\$ 59,1 mil por empregado) é superior à produtividade das empresas de alto crescimento em 2014 (R\$ 58,4 mil por empregado)²⁵. A análise por porte revela que o grupo das empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas apresentam maior produtividade em relação aos demais grupos. Ao observar a idade das empresas, a faixa que concentrou a maior produtividade média foi das empresas com idade maior que 30 e até 40 anos, exceto no caso das empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, cuja maior produtividade foi observada dentre as empresas com idade superior a 40 anos (R\$ 87,2 mil por empregado). O porte e a faixa de idade com a maior produtividade média são empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas, com idade maior que 30 e até 40 anos (R\$ 99,1 mil por empregado).

Os dados da Tabela 28 corroboram a literatura recente sobre o fenômeno do alto crescimento, uma vez que aponta não haver uma relação clara entre a idade e o porte das empresas, e seus resultados econômicos. No passado, o crescimento das empresas era estudado como um processo linear – com etapas de crescimento – como

²⁴ Ver Tabela 2.

²⁵ Ver Tabela 23.

um ciclo de vida. Nos últimos anos houve uma mudança nessa perspectiva, e ao invés de considerar o crescimento como um fenômeno linear com estágios ordenados, o rápido crescimento das empresas é visto como errático, imprevisível, e frequentemente de duração limitada (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016). Das 34 528 empresas de alto crescimento no triênio 2009-2011, apenas 2 717 (7,9%) continuaram crescendo entre 2012 e 2014, o que demonstra que o alto crescimento contínuo é um fenômeno raro, e se constitui como uma exceção, pois a maioria das empresas não manteve o ritmo de crescimento após o triênio de observação.

Considerando que as empresas de alto crescimento contínuo constituem um pequeno grupo que se destacam pela capacidade de manutenção do crescimento, é interessante que seja feita uma análise sobre a trajetória dessas empresas antes do período de alto crescimento contínuo, como será visto na próxima seção.

Tabela 28 - Empresas de alto crescimento contínuo, por variáveis selecionadas, segundo o porte e as faixas de idade - Brasil - 2014

Porte e faixas de idade	Número de empresas		Variáveis selecionadas						
	Absoluto	Relativo (%)	Pessoal ocupado assalariado	Valor adicionado (milhões)	Valor adicionado médio (milhões)	Receita líquida (milhões)	Produtividade média (mil)	Salários e outras remunerações pagas (média/mil)	Salário médio mensal (em salários mínimos)
Total	2 331	100,0	815 615	48 236,8	20,7	184 351,5	59,1	8 223,8	2,8
Empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas									
Maior que 5 e até 10 anos	54	2,3	2 253	149,4	2,8	299,0	66,3	857,2	2,4
Maior que 10 e até 20 anos	96	4,1	4 123	211,9	2,2	612,7	51,4	902,5	2,5
Maior que 20 e até 30 anos	53	2,3	2 271	139,3	2,6	537,1	61,4	947,1	2,4
Maior que 30 e até 40 anos	10	0,4	421	36,4	3,6	97,1	86,5	1 163,8	3,4
Maior que 40 anos	3	0,1	137	5,5	1,8	25,6	39,8	681,1	1,8
Empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas									
Maior que 5 e até 10 anos	418	17,9	49 537	2 865,9	6,9	10 791,3	57,9	2 542,6	2,4
Maior que 10 e até 20 anos	688	29,5	78 515	5 495,1	8,0	21 494,8	70,0	2 567,9	2,7
Maior que 20 e até 30 anos	245	10,5	29 072	1 848,2	7,5	7 663,3	63,6	2 585,6	2,6
Maior que 30 e até 40 anos	51	2,2	6 225	616,8	12,1	2 229,6	99,1	3 146,9	3,0
Maior que 40 anos	22	0,9	2 522	206,3	9,4	910,5	81,8	3 249,9	3,3
Empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas									
Maior que 5 e até 10 anos	173	7,4	152 034	7 765,7	44,9	29 822,2	51,1	22 188,0	3,0
Maior que 10 e até 20 anos	322	13,8	299 003	16 691,5	51,8	66 871,7	55,8	21 043,4	2,7
Maior que 20 e até 30 anos	123	5,3	90 731	5 613,0	45,6	17 058,7	61,9	17 209,2	2,8
Maior que 30 e até 40 anos	46	2	48 952	2 245,8	48,8	9 221,5	45,9	22 234,2	2,6
Maior que 40 anos	27	1,2	49 819	4 345,9	161,0	16 716,5	87,2	56 437,5	3,4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria e Coordenação de Serviços e Comércio.

Tema específico: a trajetória das empresas de alto crescimento contínuo

As empresas de alto crescimento são economicamente importantes, tendo em vista a capacidade de geração de empregos e, portanto, foco de interesse de políticas públicas de fomento ao empreendedorismo. No entanto, os estudos recentes (DAUNFELDT; HALVARSSON, 2015) e os dados deste estudo, demonstram que o fenômeno do alto crescimento é efêmero – ou seja – as empresas que atingem o alto crescimento em um determinado triênio raramente sustentam este crescimento nos anos seguintes. Desta forma, as empresas de alto crescimento contínuo compõem um grupo importante de análise, pois sustentaram um crescimento de 20% ao ano durante um período superior a três anos.

A literatura sobre o alto crescimento revela uma demanda crescente por dados relacionados a agregações alternativas de empresas, uma vez que a utilização de novas perspectivas é uma maneira de compreender questões atuais que não estão explícitas nos recortes tradicionais (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016). Desta forma, conhecer a trajetória destas empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo pode auxiliar a compreender melhor a resiliência destas empresas em relação às demais.

Das 2 717 empresas que cresceram entre 2009-2014, ou seja, dois triênios seguidos (2009-2011 e 2012-2014), observamos a trajetória dessas empresas nos anos anteriores, entre 2005-2008. Destas 2 717 empresas, duas foram criadas a partir de 2009, totalizando 2 715 empresas no período 2005-2008.

A Tabela 29 apresenta a trajetória das empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo, a partir do cálculo da taxa média de crescimento anual²⁶. Das 2 715 empresas de alto crescimento contínuo (2009-2014) encontradas em 2008, 894 empresas foram criadas entre 2005-2008, ou seja, 32,9% do total das empresas de alto crescimento possuíam idade entre 1 a 3 anos antes de iniciarem a trajetória de alto crescimento em 2009.

Do total das 1 821 empresas que possuíam cadastro desde 2005, 50,6% empresas apresentaram crescimento de pessoal ocupado assalariado, e 14,3% das empresas tiveram redução de pessoal ocupado assalariado no período anterior ao alto crescimento contínuo. Apenas 2,2% das empresas apresentaram estabilidade (Tabela 29).

A Tabela 30 ilustra a taxa média de crescimento anual de pessoal ocupado assalariado das 1 821 empresas de alto crescimento contínuo. Entre 2005 e 2008 o saldo de pessoal ocupado assalariado foi 34 956, e a taxa média de crescimento anual de 15,5%.

A distribuição por atividades das empresas que apresentaram crescimento no período anterior ao alto crescimento contínuo (1 373 empresas) revela que as 10 primeiras atividades do ranking concentram 58,6% do total das empresas. A primeira posição é ocupada pelo comércio varejista (12,7%), seguido do comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas (8,7%), e em terceiro lugar a construção de edifícios (7,4%). A alta concentração das empresas em determinadas atividades revela que há um forte componente setorial no fenômeno do alto crescimento contínuo, em especial ao observar as empresas que cresceram no triênio anterior (Tabela 31).

²⁶ Cálculo da taxa média de crescimento anual no período entre 2005 a 2008: Taxa média = $((\text{Pessoal ocupado assalariado em 2008} / \text{Pessoal ocupado assalariado em 2005})^{(1/3)} - 1) * 100$. A partir do cálculo da taxa média de crescimento anual, é aplicada a seguinte classificação, se a taxa média for inferior a 1% houve redução de pessoal ocupado assalariado da empresa; se a taxa média estiver entre -1% e 1% a empresa é considerada estável; se a taxa média for superior a 1% (>1%) a empresa apresentou crescimento de pessoal ocupado assalariado (LEE; BROWN; SCHLUETER, 2016).

Tabela 29 - Trajetória de crescimento das empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo entre 2005 e 2008, com na base variação do pessoal ocupado assalariado - Brasil - 2014

Empresas	Trajetória de crescimento das empresas no período anterior ao alto crescimento contínuo entre 2005 e 2008	
	Absoluto	Percentual (%)
Alto crescimento contínuo	2 715	100,0
Entrantes entre 2005 e 2008	894	32,9
Varição do pessoal ocupado assalariado		
Redução	388	14,3
Estabilidade	60	2,2
Crescimento	1 373	50,6

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2005-2008.

Tabela 30 - Número de empresas de alto crescimento contínuo, pessoal ocupado assalariado e taxa média de crescimento anual entre 2005-2008 - Brasil - 2014

Empresas de alto crescimento contínuo (2005 e 2008)	Dado numérico
Número de empresas	1 821
Pessoal ocupado assalariado	
2005	64 808
2008	99 764
Taxa média de crescimento anual entre 2005-2008 (%)	15,5

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2005-2008.

Tabela 31 - Distribuição das empresas de alto crescimento contínuo que apresentaram crescimento entre 2005 e 2008, segundo as divisões da CNAE 2.0, em ordem crescente das 10 primeiras posições ocupadas - Brasil - 2014

Posição ocupada	Divisões da CNAE 2.0	Número de empresas	Participação (%)
	Total	1 373	100,0
1º	47 Comércio varejista	175	12,7
2º	46 Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	119	8,7
3º	41 Construção de edifícios	101	7,4
4º	49 Transporte terrestre	97	7,1
5º	10 Fabricação de produtos alimentícios	69	5,0
6º	43 Serviços especializados para construção	54	3,9
7º	42 Obras de infraestrutura	50	3,6
8º	86 Atividades de atenção à saúde humana	50	3,6
9º	62 Atividades dos serviços de tecnologia da informação	45	3,3
10º	85 Educação	44	3,2

Fonte: Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2005-2014.

Ao final desta seção é importante destacar a contribuição da análise da trajetória das empresas de alto crescimento contínuo para compreender o grupo das empresas que apresentaram alto crescimento em dois triênios seguidos (2009-2014). Duas observações merecem destaque: mais da metade (50,6%) das empresas que apresentaram alto crescimento contínuo já apresentavam crescimento no período anterior (2005-2008), e 32,9% das empresas de alto crescimento contínuo eram novas. Ademais, a elevada concentração do número de empresas de alto crescimento contínuo - que cresceram entre 2005-2008 - em poucas atividades (58,6%), sugere que uma taxa de crescimento sustentada por um período mais longo aparenta ter relação com a atividade exercida pela empresa. Assim, as características estruturais e/ou conjunturais, de determinadas atividades podem contribuir para o fenômeno do alto crescimento contínuo.

Análise regional das empresas de alto crescimento

A seguir, avalia-se a distribuição das Unidades Locais das empresas de alto crescimento no território brasileiro, por Grandes Regiões e Unidades da Federação.

Grandes Regiões

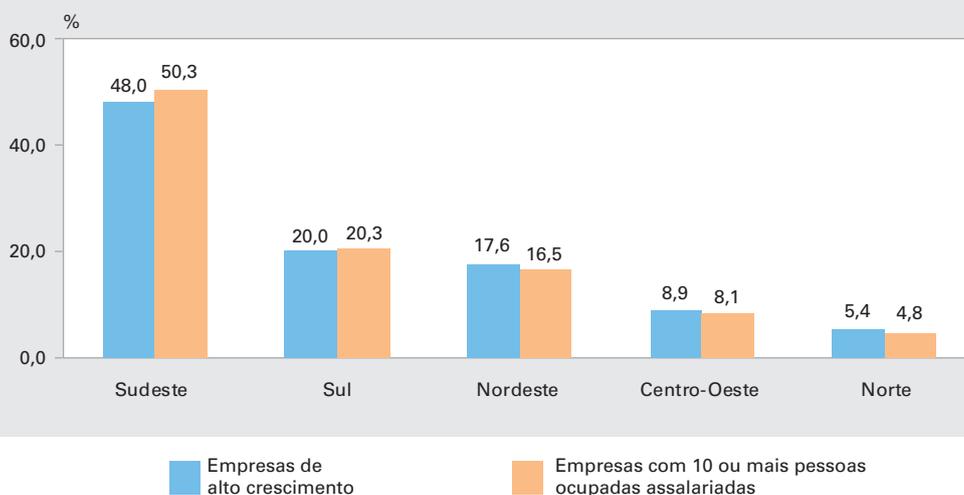
Este tópico apresenta a distribuição espacial das empresas de alto crescimento no Brasil. Tal como apresentado na seção **Notas técnicas** desta publicação, o conceito utilizado para a regionalização dos dados é a aquele que soma, para cada Grande Região ou Unidade da Federação, o número de Unidades Locais de cada empresa. A concentração de Unidades Locais das empresas de alto crescimento é maior nas Regiões Sul e Sudeste, o mesmo ocorrendo quanto ao pessoal ocupado assalariado nestas Unidades Locais. Inversamente, as menores taxas se encontram nas Regiões Norte e Centro-Oeste.

Os dados do Gráfico 15 revelam que quase metade das Unidades Locais das empresas de alto crescimento encontrava-se na Região Sudeste (48,0%), seguida pelas Regiões Sul (20,0%), Nordeste (17,6%), Centro-Oeste (8,9%) e Norte (5,4%). A distribuição das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas apresentou um padrão semelhante, com as Regiões Sul e Sudeste respondendo juntas por 70,6% das Unidades Locais.

O Gráfico 16 apresenta a distribuição do pessoal ocupado assalariado entre as Unidades Locais, por Grandes Regiões. Assim como verificado no gráfico anterior, existe uma predominância da Região Sudeste. Entre as empresas de alto crescimento, 50,8% do pessoal ocupado assalariado se encontra nesta região e, entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a taxa é maior, 53,5%. Na segunda colocação, figura a Região Nordeste, que concentra 20,0% do pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais das empresas de alto crescimento, vindo, a seguir, a Região Sul, com 14,8%. As Regiões Centro-Oeste e Norte ocupam a quarta e a quinta posições, com 8,5% e 5,9%, respectivamente. Já entre as Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, a Região Sul apresenta-se em segundo lugar (17,8%), e a Nordeste, em terceiro (16,5%).

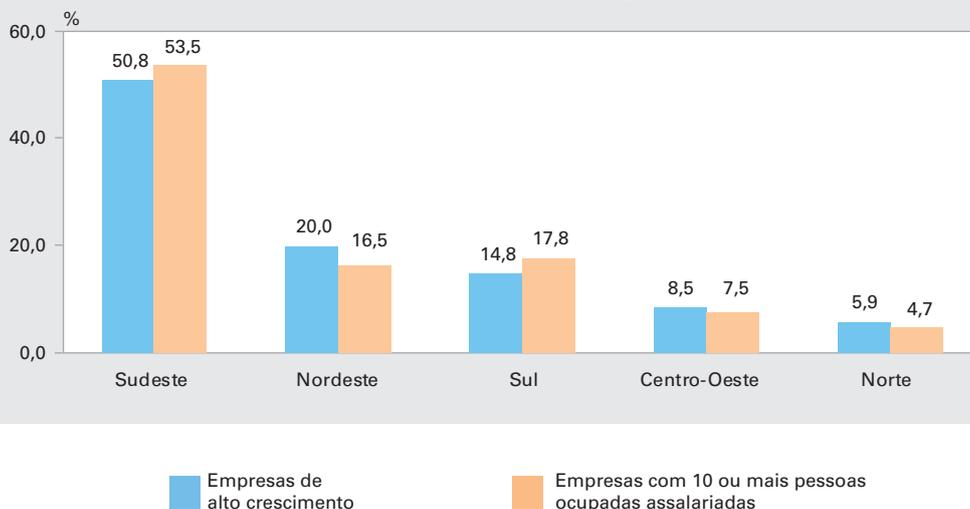
Por outro lado, em termos da participação de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, o cenário é diferente, conforme mostra o Gráfico 17. A Região Norte se destaca, pois 9,4% das Unidades Locais das empresas dessa região são de empresas de alto crescimento, vindo, a seguir, as Regiões Centro-Oeste (9,2%), Nordeste (8,9%), Sul (8,2%) e Sudeste (7,9%). No caso da representatividade em termos de pessoal ocupado assalariado, a Norte também figura em primeiro lugar (19,3%), seguida pelas Regiões Nordeste (18,6%), Centro-Oeste (17,4%), Sudeste (14,6%) e Sul (12,8%).

Gráfico 15 - Distribuição percentual das unidades locais de empresas de alto crescimento e de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Grandes Regiões, em ordem decrescente de unidades locais - 2014

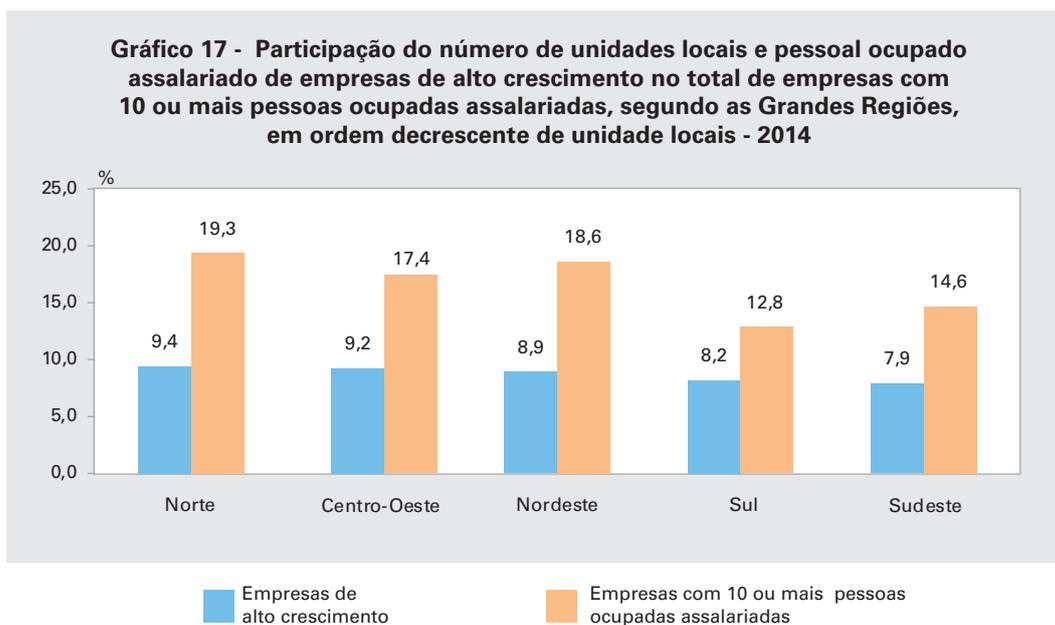


Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011-2014.

Gráfico 16 - Distribuição percentual do pessoal ocupado assalariado de empresas de alto crescimento e de empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Grandes Regiões, em ordem decrescente - 2014



Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011-2014.



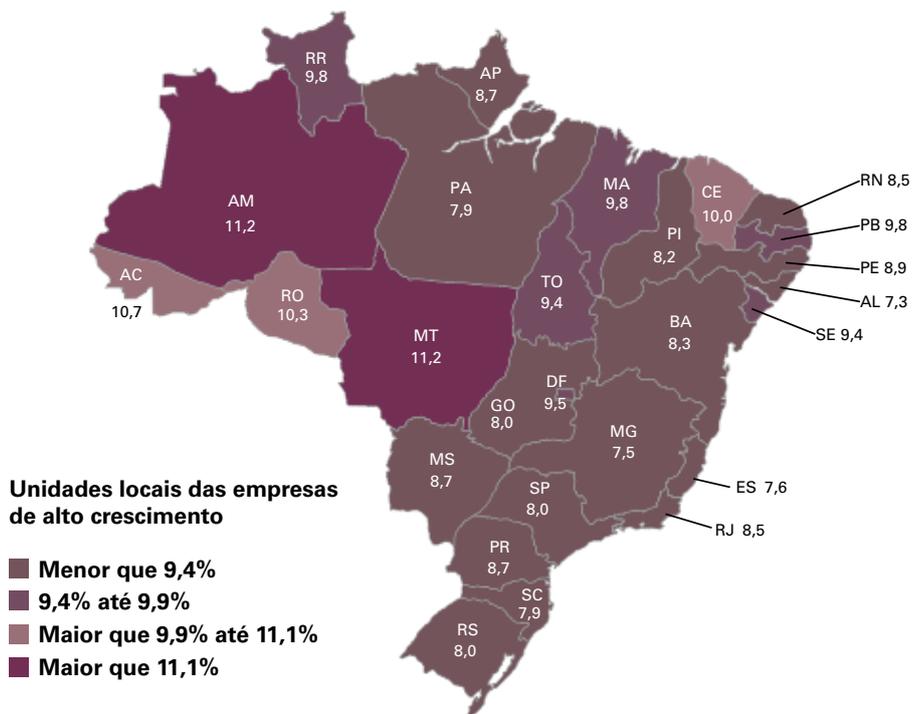
Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2011-2014.

Unidades da Federação

O Cartograma 1 mostra a representatividade de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, por Unidade da Federação. Os dados indicam que, em 2014, as primeiras posições são ocupadas por Unidades da Federação das Regiões Norte e Centro-Oeste. Amazonas e Mato Grosso lideram o ranking (11,2%), seguido pelo Acre (10,7%). Rondônia e Ceará aparecem na quarta e quinta posições, com 10,3% e 10,0%, respectivamente. Por outro lado, as Unidades da Federação de menor representatividade são Alagoas (7,3%), Minas Gerais (7,5%), e Espírito Santo (7,6%).

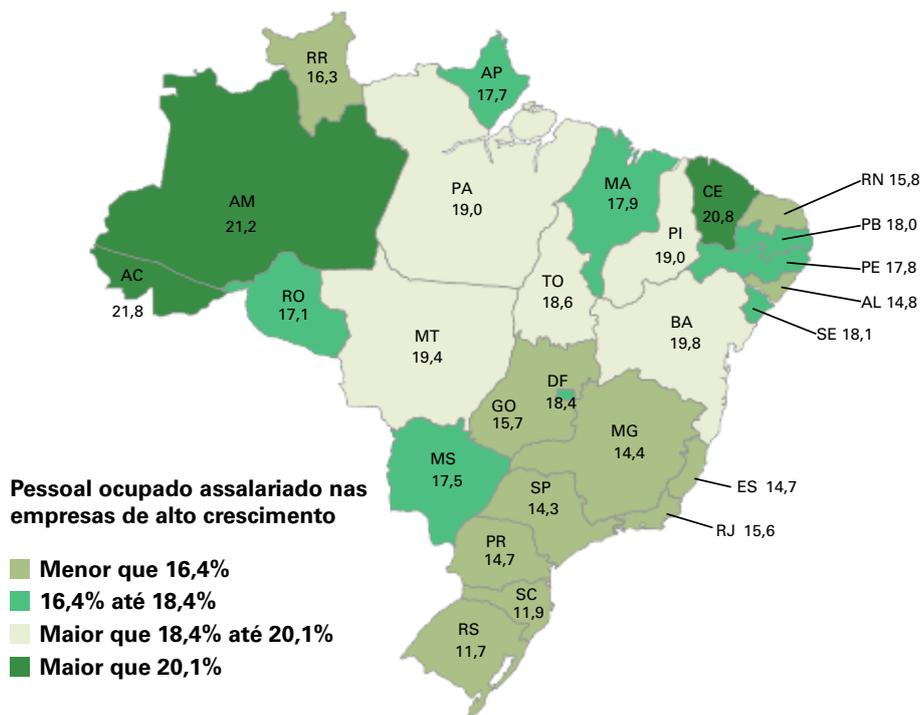
Os dados de representatividade do pessoal ocupado assalariado por Unidades da Federação, apresentados no Cartograma 2, evidenciam a maior representatividade das Unidades Locais das empresas de alto crescimento na Regiões Norte e Nordeste. As Unidades da Federação com maior concentração de pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais das empresas de alto crescimento em relação ao total ocupado nas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas são Acre (21,8%), Amazonas (21,2%), Ceará (20,8), e Bahia (19,8%), enquanto as menores proporções são verificadas em Rio Grande do Sul (11,7%), Santa Catarina (11,9%), São Paulo (14,3%), e Minas Gerais (14,4%).

Cartograma 1 - Unidades Locais das empresas de alto crescimento em relação ao total das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Unidades da Federação - 2014



Fonte: IBGE, Coordenação de Geografia e Cadastro Central de Empresas 2011-2014.

Cartograma 2 - Pessoal ocupado assalariado em Unidades Locais de empresas de alto crescimento em relação ao total das Unidades Locais das empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, segundo as Unidades da Federação - 2014



Fonte: IBGE, Coordenação de Geografia e Cadastro Central de Empresas 2011-2014.

Conclusões

O presente estudo apresenta um panorama das empresas de alto crescimento no Brasil no triênio 2012-2014, contrastando indicadores apontados como relevantes pela literatura, como porte, idade e setor/seção de atividade. O fenômeno do alto crescimento tem aumentado em importância em pesquisas internacionais nos últimos anos, e, ao longo desta investigação, buscou-se destacar a relevância de tais empresas no cenário nacional. A análise exploratória aqui realizada pode ser entendida, portanto, como material de apoio para futuros estudos sobre o tema.

Em 2014, existiam 2,5 milhões de empresas ativas com 1 pessoa ou mais ocupada assalariada, no Brasil e, deste total, 31 223 eram empresas de alto crescimento (1,3%). Em relação às empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, essa participação foi de 6,4%. No entanto, apesar da baixa representatividade, as empresas de alto crescimento ocupavam 4,4 milhões de pessoas assalariadas, o que equivale a 12,7% do total das empresas ativas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, e 15,4% do total das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

No Brasil, entre 2011 e 2014, foram criados 2,5 milhões de postos de trabalho, o que representa um aumento de 7,7%. O pessoal ocupado assalariado das empresas consideradas de alto crescimento passou de 1,6 milhão, em 2011, para cerca de 4,4 milhões, em 2014, o que representou um incremento de 2,8 milhões de pessoas ocupadas assalariadas, ou 175,0%. A variação dos postos de trabalho assalariados nas empresas de alto crescimento entre 2011-2014 corresponde a 46,7% da variação nas empresas com 1 ou mais pessoas ocupadas assalariadas.

A maioria das empresas de alto crescimento estava na faixa de 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas em 2014 (53,4%). Em contrapartida, a importância desta faixa muda se considerarmos a participação relativa no total de pessoal ocupado, 11,7% do total. Por outro lado, as empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, apesar de sua baixa representatividade no total de empresas de alto crescimento (8,7%), apresentavam uma participação de 61,5% do total de pessoal ocupado assalariado neste grupo. A média de idade das empresas de alto crescimento é 13,7 anos, inferior a média das empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (14,8 anos). Do total de empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, 0,9% eram gazelas (4 228), e tais empresas apresentaram estabilidade na representatividade em relação às empresas de alto crescimento entre 2013 e 2014, variando de 13,6% para 13,5%.

Em 2014, as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas geraram R\$ 1 887,5 bilhão em valor adicionado bruto. Desse total, as empresas de alto crescimento foram responsáveis por R\$ 241,4 bilhões (12,8%). No que tange a produtividade média, o total das empresas de alto crescimento foi de R\$ 58,4 mil por empregado, o que representa 79,2% do valor verificado entre as empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, R\$ 73,7 mil por empregado. Por fim, vale destacar que as empresas de alto crescimento responderam por R\$ 813,8 bilhões do total de R\$ 6 510,3 bilhões de receita líquida gerada pelas empresas ativas com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas (12,5%).

Do conjunto das empresas de alto crescimento em 2011, composto por 34 528 empresas, 39,2% (13 528) continuaram crescendo em 2012; 20,5% (7 071), em 2013;

e, por fim, 7,9% (2 717), em 2014. Ou seja, em 2014, 2 717 empresas apresentaram taxas anuais de crescimento do pessoal ocupado assalariado, em média, superior a 20,0% desde 2009. Essas empresas, denominadas empresas de alto crescimento contínuo, ocupavam 922 125 pessoas assalariadas e pagavam R\$ 22,0 bilhões em salários e remunerações, em 2014. Cabe destacar também que tais empresas, apesar de representarem 8,7% das empresas de alto crescimento de 2014, ocupavam 20,7% do total de pessoal ocupado assalariado e pagavam 21,4% do total de salários e outras remunerações.

Ao observar o universo das empresas de alto crescimento contínuo de maneira mais detalhada, percebe-se que dentre as empresas de alto crescimento contínuo de 2014 predominam as empresas com 50 a 249 pessoas ocupadas assalariadas (61,1%), seguidas pelas empresas com 250 pessoas ou mais pessoas ocupadas assalariadas (29,6%), e por fim, as empresas com 10 a 49 pessoas ocupadas assalariadas (9,3%). Independente do porte, a faixa de idade que concentrou o maior número de empresas de alto crescimento contínuo foram as empresas com idade entre 10 e 20 anos. O salário médio mensal das empresas de alto crescimento contínuo de 2014 é superior ao salário médio das empresas de alto crescimento (2,7 salários mínimos). Os resultados das análises econômicas revelam que o valor adicionado total das empresas de alto crescimento contínuo em 2014 foi R\$ 48 236,8 milhões. O maior valor adicionado está concentrado nas empresas com 250 pessoas ou mais ocupadas assalariadas (R\$ 36 662,0 milhões). A análise da produtividade das empresas de alto crescimento contínuo revela que a produtividade média destas empresas (R\$ 59,1 mil por empregado) é superior à produtividade das empresas de alto crescimento em 2014 (R\$ 58,4 mil por empregado).

A análise da trajetória das empresas de alto crescimento contínuo, no período anterior (2005-2008), aponta que das 2 715 empresas de alto crescimento contínuo (2009-2014) encontradas em 2008, 894 foram criadas entre 2005-2008, ou seja, 32,9% do total das empresas de alto crescimento possuíam idade entre 1 a 3 anos antes de iniciarem a trajetória de alto crescimento em 2009. Do total das 1821 empresas que possuíam cadastro desde 2005, 50,6% empresas apresentaram crescimento de pessoal ocupado assalariado, e 14,3% das empresas tiveram redução de pessoal ocupado assalariado no período anterior ao alto crescimento contínuo. Apenas 2,2% das empresas apresentaram estabilidade.

Entre 2005 e 2008, a variação de postos de trabalho foi de 34 956, e a taxa média de crescimento anual de 15,5%. Na distribuição das empresas de alto crescimento contínuo - que vinham crescendo desde 2005 - por atividade, a alta concentração das empresas em determinadas atividades revela que há um forte componente setorial no fenômeno do alto crescimento contínuo, em especial ao observar as empresas que cresceram no triênio anterior.

Por fim, a análise regional indicou que, apesar da Região Sudeste apresentar a maior concentração de Unidades Locais e de população ocupada em Unidades Locais das empresas de alto crescimento, este cenário muda em termos de participação de Unidades Locais das empresas de alto crescimento no total de Unidades Locais com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas, no qual Unidades da Federação das Regiões Norte e Centro-Oeste destacam-se pela elevada participação.

Referências

ACS, Z.; PARSONS, W.; TRACY, S. High-impact firms: gazelles revisited. *Small Business Research Summary*, Washington, DC: U. S. Small Business Administration - SBA, Office of Advocacy, n. 328, June 2008. Disponível em: <<http://permanent.access.gpo.gov/websites/www.sba.gov/advo/research/rs328.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

ADVANCED economies, euro area, Brazil. People. Unemployment rate, percent of total labor force, 2011-2014. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. *WEO: world economic outlook database*. Washington, DC: IMF, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2014.

AHMAD, N.; HOFFMAN, A. *A framework for addressing and measuring entrepreneurship*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2008. 36 p. (OECD statistics working papers, 2008/02). Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/5kzn93rmcg7l.pdf?expires=1477317758&id=id&accname=guest&checksum=BED76E6A1A645D545F1F032CB82B8D37>>. Acesso em: out. 2016.

AHMAD, N.; SEYMOUR, R. G. *Defining entrepreneurial activity: definitions supporting frameworks for data collection*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2008. 18 p. (OECD statistics working papers, 2008/1). Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/5kzn93v3mg9t.pdf?expires=1477317723&id=id&accname=guest&checksum=9910A6EF7A581953E5C2BF5367FB6E7E>>. Acesso em: out. 2016.

ANDREWS, D.; CRISCUOLO, C. *Knowledge-based capital, innovation and resource allocation: a going for growth report*. Paris: Organisation

for Economic Co-operation and Development - OECD, 2013. 55 p. (OECD economic policy papers, n. 4). Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/5k46bh92lr35.pdf?expires=1477317569&id=id&accname=guest&checksum=F90543191DEFC914D21034EC33016DD2>>. Acesso em: out. 2016.

AUDRETSCH, D. B. *Determinants of high-growth entrepreneurship*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2012. [37] p. Trabalho apresentado no OECD/DBA International Workshop on High-growth firms: local policies and local determinants, realizado em Copenhagen, 2012. Disponível em: <http://www.oecd.org/cfe/leed/Audretsch_determinants%20of%20high-growth%20firms.pdf>. Acesso em: out. 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom e evolução da taxa Selic*. Brasília, DF, 2016a. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/Pec/Copom/Port/taxaSelic.asp#notas>>. Acesso em: out. 2016.

_____. *Notas econômico-financeiras para a imprensa: histórico*, jan./2015. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htmls/infecon/notas.asp?idioma=p>>. Acesso em: out. 2016.

BRAZIL, Latin America and the Caribbean. Trade. Trade volume of goods and services, Volume of imports/exports of goods and services, percent change, 2011-2014. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. *WEO: world economic outlook database*. Washington, DC: IMF, 2014a. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2016.

BRAZIL, world, advanced economies, euro area, european union, emerging market and developing economies, Latin America and the Caribbean. National Accounts. Gross domestic product, constant prices, percent change, 2011-2014. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. *WEO: world economic outlook database*. Washington, DC: IMF, 2014b. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: set. 2016.

BULL, I.; WILLARD, G. E. Towards a theory of entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, New York: Elsevier, v. 8, n. 3, p. 183-195, May 1993. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0883902693900262>>. Acesso em: out. 2016.

CANTILLON, R. *Essai sur la nature du commerce en général*. London: Macmillan for the Royal Economic Society, 1931. 394 p.

CARLEIAL, L.; CRUZ, B. *A hora e a vez do desenvolvimento regional brasileiro: uma proposta de longo prazo*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2012. 36 p. (Texto para discussão, 1729). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1729.pdf>. Acesso em: out. 2016.

CARVALHO, R. de Q. (Coord.). Inovação tecnológica na indústria paulista: uma análise com base nos resultados da pesquisa Pintec. In: LANDI, F. R. (Coord.). *Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo 2004*. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, 2005. v. 1, cap. 8. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/indicadores/>>. Acesso em: out. 2016.

CASSON, M. *The entrepreneur: an economic theory*. Totowa: Barnes & Noble, 1982. 418 p.

CENSO demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, [2016]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

CLAYTON, R. L. et al. High-employment-growth firms: defining and counting them. *Monthly Labor Review*, Washington, DC: U.S. Bureau of Labor Statistics - BLS, v. 136, n. 6, p. 3-13, June 2013. Disponível em: <<http://www.bls.gov/opub/mlr/2013/06/mlr201306.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

CONTAS nacionais trimestrais: tabelas completas 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Tabelas_Completas/>. Acesso em: out. 2016.

CONTAS regionais do Brasil 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 46 p. (Contas nacionais, n. 38) Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Regionais/2010/contasregionais2010.pdf>. Acesso em: out. 2016

COUNTRY composition of WEO groups. In: INTERNATIONAL MONETARY FUND. *WEO: world economic outlook database*. Washington, DC: IMF, 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/02/weodata/groups.htm>>. Acesso em: set. 2016.

DAUNFELDT, S. O.; HALVARSSON, D. Are high-growth firms one-hit wonders? Evidence from Sweden. *Small Business Economics*, New York, v. 44, n. 2, p. 361-383, Feb. 2015. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s11187-014-9599-8>>. Acesso em: out. 2016.

DEMOGRAFIA das empresas 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 145 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 23). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/demografiaempresa/2012/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

DEMOGRAFIA das empresas 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 81 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 27). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/demografiaempresa/2014/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 89 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 15). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 87 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 19). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2010/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2011. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 99 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 22). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2011/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 87 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 24). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2012/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

ESTATÍSTICAS de empreendedorismo 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 91 p. (Estudos e pesquisas. Informação econômica, n. 26). Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/empreendedorismo/2013/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

EUROSTAT-OECD manual on business demography statistics. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD; Luxembourg: Statistical Office of the European Commission - Eurostat, 2007. 99 p. Disponível em: <<http://www.oecd.org/std/39974460.pdf>>. Acesso: out. 2016.

FELDMAN, M. P. The entrepreneurial event revisited: firm formation in a regional context. *Industrial and Corporate Change*, Oxford: Oxford University Press, v. 10, n. 4, p. 861-891, Dec. 2001. Disponível em: <<http://icc.oxfordjournals.org/content/10/4/861.full.pdf+html>>. Acesso em: out. 2016.

GENERAL assessment of the macroeconomic situation. *OECD Economic Outlook*, Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, v. 90, n. 2, p. 9-67, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/1211021e.pdf?expires=1477333645&id=id&accname=ocid54025470&checksum=E48CF57B982EFEE3DEF7223B880FAFF0>>. Acesso em: out. 2016.

GESTÃO do território 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 118 p. Acompanha 1 CD-ROM. Acima do título: Redes e fluxos do território. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/redes_fluxos/gestao_do_territorio_2014/default.shtm>. Acesso em: out. 2016.

GLOBAL economic prospects: having fiscal space and using it. Washington, DC: World Bank Group, Jan. 2015. 193 p. Disponível em: <https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/GEP/GEP2015a/pdfs/GEP15a_web_full.pdf>. Acesso em: out. 2016.

GURRÍA, A.; PADOAN, P. C. *Press conference*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2013. 5 p. Coletiva de imprensa apresentando o fascículo OECD Economic Outlook,

n. 94, nov. 2013. Disponível em: <http://www.oecd.org/eco/outlook/Handout_English.pdf>. Acesso em: out. 2016.

HÉBERT, R. F.; LINK, A. N. *The entrepreneur: mainstream views and radical critiques*. 2nd ed. New York: Praeger, 1988. 196 p.

HIGH-GROWTH enterprises: what governments can do to make a difference. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2010. 234 p. (OECD studies on SMEs and entrepreneurship). Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/high-growth-enterprises_9789264048782-en>. Acesso em: out. 2016.

HIGH-TECH industry and knowledge-intensive services (HTEC): reference metadata in euro SDMX metadata structure (ESMS). Luxembourg: Statistical Office of the European Union - Eurostat, 2016. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/cache/metadata/DE/htec_esms.htm>. Acesso em: out. 2016.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. *WEO: world economic outlook database*. Washington, DC: IMF, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em: out. 2016.

INTERNATIONAL standard industrial classification of all economic activities - ISIC. Rev. 4. New York: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, 2008. 291 p. (Statistical papers. Series M, n. 4/rev. 4). Disponível em: <<http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas.html>>. Acesso em: out. 2016.

KANTIS, H.; ISHIDA, M.; KOMORI, M. *Entrepreneurship in emerging economies: the creation and development of new firms in Latin America and East Asia*. Washington, DC: Inter-American Development Bank - IDB, 2002. 123 p. Disponível em: <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=1448796>>. Acesso em: out. 2016.

KIRZNER, I. M. Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an austrian approach. *Journal of Economic Literature*, Pittsburgh: American Economic Association - AEA, v. 35, n. 1, p. 60-85, Mar. 1997. Disponível em: <<http://econfaculty.gmu.edu/pboettke/summer/summer%20docs/kirzner1997.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

KNIGHT, F. H. *Risk, uncertainty and profit*. Boston: Houghton Mifflin, 1921. 381 p.

KNOWLEDGE intensive activities by NACE Rev. 2. In: HIGH-TECH industry and knowledge-intensive services (HTEC): reference metadata in Euro SDMX Metadata Structure (ESMS). Luxembourg: Statistical Office of the European Union - Eurostat, 2016. Anexo 8. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/cache/metadata/DE/htec_esms.htm>. Acesso em: out. 2016.

LEE, N.; BROWN, R.; SCHLUETER, T. *Modes of firm growth*. Coventry: Enterprise Research Centre - ERC, 2016. 52 p. (ERC research paper, n.

46). Disponível em: <http://www.enterpriseresearch.ac.uk/wp-content/uploads/2016/05/ERC-ResPap46-LeeBrownSchlueter-RBNL_acks.pdf>. Acesso: out. 2016.

MEASURING entrepreneurship: a collection of indicators: 2009 edition. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2009. 62 p. OECD-Eurostat Entrepreneurship Indicators Programme. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1581491>. Acesso em: out. 2016.

MODERATE global growth is set to continue, but weak demand in the euro area remains a concern. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, Sept. 2014. 8 p. (Interim economic assessment). Disponível em: <<http://www.oecd.org/eco/outlook/Interim-Assessment-Handout-Sep-2014.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

OECD science, technology and industry scoreboard 2009. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2009. 143 p. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/9209031e.pdf?expires=1476808656&id=id&accname=guest&checksum=129887257A87719EAF05725D134F0DF4>>. Acesso em: out. 2016.

OECD science, technology and industry scoreboard 2011: innovation and growth in knowledge economies. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2011. 204 p. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/9211041e.pdf?expires=1476808651&id=id&accname=guest&checksum=2A52D84B1DC8E85C3469491D2833638E>>. Acesso em: out. 2016.

OECD science, technology and industry scoreboard 2013: innovation for growth. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2013. 275 p. Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/9213051e.pdf?expires=1476808250&id=id&accname=guest&checksum=F169F12B9B1D8A0BF4E00A1624C19FF5>>. Acesso em: out. 2016.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Working Party on Indicators for the Information Society. *Information economy: sector definitions based on the international standard industry classification (ISIC 4)*. Paris: OECD, 2007. 16 p. (DSTI/ICCP/IIS(2006)2/final). Disponível em: <<http://www.oecd.org/sti/sci-tech/38217340.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

PANORAMA de la inserción internacional de América Latina y el Caribe: 2010-2011: la región en la década de las economías emergentes. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe - Cepal, 2011. 135 p. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1180/1/S2011084_es.pdf>. Acesso em: out. 2016.

PANORAMA económico y social de la comunidad de estados latinoamericanos y caribeños, 2013. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe - Cepal, 2014. 49 p. Disponível

em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/35917/1/S20131079_es.pdf>. Acesso em: out. 2016.

PENROSE, E. T. *The theory of the growth of the firm*. New York: Wiley, 1959. 272 p.

PESQUISA ANUAL DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO 2014. Rio de Janeiro: IBGE, v. 24, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2014/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

PESQUISA ANUAL DE COMÉRCIO 2014. Rio de Janeiro: IBGE, v. 26, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pac/2014/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

PESQUISA ANUAL DE SERVIÇOS 2014. Rio de Janeiro: IBGE, v. 16, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pas/pas2014/default.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

PESQUISA INDUSTRIAL 2014. Empresa. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/2014/defaultempresa.shtm>>. Acesso em: out. 2016.

PESQUISA mensal de emprego. Pessoas desocupadas. Taxa de desocupação, em percentual, por região metropolitana 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm>. Acessado em: out. 2016.

PINHEIRO, A. et al. Traços da aquisição de software para inovação no Brasil: uma análise fatorial com base na PinteC 2011 In: PESQUISA sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br, 2014. p. 103-116. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: out. 2016.

REINHART, C. M.; ROGOFF, K. S. From financial crash to debt crisis. *American Economic Review*, Pittsburgh: American Economic Association - AEA, v. 101, n. 5, p. 1676-1706, Aug. 2011. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles.php?doi=10.1257/aer.101.5.1676>>. Acesso em: out. 2016.

RELATÓRIO DE ESTABILIDADE FINANCEIRA. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, v. 13, n. 2, set. 2014. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2014_09/refP.pdf>. Acesso em: out. 2016.

_____. Brasília, DF: Banco Central do Brasil, v. 14, n. 1, mar. 2015. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/estabilidade/2015_03/refP.pdf>. Acesso em: out. 2016.

SANTOS, C. et al. Empreendedorismo e setor TIC: uma abordagem baseada em empresas de alto crescimento. In: PESQUISA sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios

e empresas 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br, 2014. p. 117-127. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf>. Acesso em: out. 2016.

SCHREYER, P. *High-growth firms and employment*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, 2000. 48 p. (OECD science, technology and industry working papers, 2000/3). Disponível em: <<http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/5lgsjhvj7mtd.pdf?expires=1476808071&id=id&accname=guest&checksum=DDA3846203F97ED9C87EBE59561DC3FF>>. Acesso em: out. 2016.

SCHUMPETER, J. A. *The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Cambridge [Estados Unidos]: Harvard University Press, 1934. 255 p. (Harvard economic studies, v. 46).

SETOR externo. Taxas de câmbio. In: BANCO CENTRAL DO BRASIL. *SGS: sistema gerenciador de séries temporais*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: set. 2016.

SISTEMA nacional de índices de preços ao consumidor. Série histórica do IPCA 2011-2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm>. Acesso em: out. 2016.

WENNEKERS, S.; THURIK, R. Linking entrepreneurship and economic growth. *Small Business Economics*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, v. 13, n. 1, p. 27-55, Aug. 1999. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1008063200484>>. Acesso em: out. 2016.

WORLD economic outlook: April 2014: recovery strengthens, remains uneven. Washington, DC: International Monetary Fund - IMF, 2014a. 216 p. (World economic and financial surveys). Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/01/pdf/text.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

WORLD economic outlook: October 2014: legacies, clouds, uncertainties. Washington, DC: International Monetary Fund - IMF, 2014b. 222 p. (World economic and financial surveys). Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/02/pdf/text.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

Glossário

consumo intermediário Soma do custo das operações industriais, comerciais e de serviços, aluguéis e arrendamento, arrendamento mercantil, publicidade e propaganda, fretes e carretos, prêmios de seguros, *royalties*, serviços prestados por terceiros, despesas com vendas, água e esgoto, viagens e representações e demais custos e despesas operacionais.

custos das operações da atividade principal Custos dos insumos necessários para a exploração da atividade principal exercida pela empresa.

custos de infraestrutura Gastos com água, esgoto e energia.

custos dos aluguéis e arrendamentos Gastos com aluguel e arrendamento de imóveis.

custos e despesas de pessoal *Ver* gastos de pessoal (total)

demais receitas (outras receitas) Toda e qualquer receita não proveniente do conceito de exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa.

despesas totais Somatório de todas as despesas declaradas pelas empresas de alto crescimento.

empresa Entidade empresarial com registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal, estabelecida no País.

empresa de alto crescimento Empresa com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, por um período de três anos. Para efeito do presente estudo, são consideradas as empresas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas no ano inicial de observação.

empresa de alto crescimento contínuo Empresa com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano, por um período ininterrupto, desde o ano inicial de observação, superior a três anos.

empresa gazela Empresa de alto crescimento com até cinco anos de idade no ano de referência.

gastos de pessoal (total) Gastos com salários, retiradas e outras remunerações, valores referentes à parte do empregador das contribuições para as previdências social e privada, FGTS, indenizações trabalhistas e por dispensa incentivada, e outros benefícios concedidos aos empregados, tais como: auxílio-refeição, transportes, despesas médicas e hospitalares, creches, educação etc.

média de idade das empresas Razão entre o somatório das idades das empresas ativas no ano de referência e o total de empresas ativas neste ano.

outros custos e despesas Demais custos e despesas com aluguéis e arrendamentos, arrendamento mercantil, depreciação, amortização e exaustão, propaganda, fretes e carretos, impostos e taxas, prêmios de seguros, *royalties* e assistência técnica, variações monetárias passivas, despesas financeiras, resultado negativo de participações societárias, serviços não industriais prestados por terceiros, demais custos e despesas operacionais (como correio, telefone etc.) e despesas não operacionais.

pessoal ocupado assalariado Pessoas efetivamente ocupadas no ano de referência, incluindo pessoas com vínculo empregatício formal, assim como aquelas sem vínculo formal, como membros da família e cooperativados com atividade na unidade.

pessoal ocupado total Pessoas efetivamente ocupadas no ano de referência, incluindo pessoas assalariadas com e sem vínculo empregatício, bem como proprietários e sócios com atividade na unidade.

produtividade Razão entre o valor adicionado bruto e o pessoal ocupado assalariado.

receita bruta Receita bruta proveniente da exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa, sem deduções dos impostos e contribuições (ICMS, PIS/PASEP, IPI, ISS, Simples Nacional, COFINS etc.), das vendas canceladas, abatimentos e descontos incondicionais.

receita operacional líquida Receitas bruta provenientes da exploração das atividades principais e secundárias exercidas pela empresa, com deduções dos impostos e contribuições (ICMS, PIS/PASEP, IPI, ISS, Simples Nacional, COFINS etc.), vendas canceladas, abatimentos e descontos incondicionais.

receita total Cálculo de acordo com o âmbito do setor de atividade ao qual pertence a empresa²⁷.

salário médio mensal Razão entre o total de salários e outras remunerações praticados no ano de referência e o número médio de pessoas ocupadas assalariadas em atividade no ano, dividida por 13 meses.

salário mínimo mensal médio Valor médio do salário mínimo no ano, calculado a partir da soma dos valores do salário mínimo no ano, dividida por 13. Em 2014, o valor médio do salário mínimo mensal foi de R\$ 724,00 (setecentos e vinte e quatro reais).

salários e outras remunerações Importâncias pagas no ano a título de salários fixos, honorários, comissões, ajuda de custo, 13º salário, abono financeiro de 1/3 das férias,

²⁷ Para informações mais detalhadas, consultar a seção **Notas técnicas** nas publicações de resultados das pesquisas econômicas.

participações nos lucros, dentre outras, às pessoas assalariadas com vínculo empregatício, sem dedução das parcelas correspondentes às cotas de previdência e assistência social (IAPAS/INSS) ou de consignação de interesse dos empregados (aluguel de casa, conta de cooperativa etc.).

salários, retiradas e outras remunerações Soma das importâncias pagas no ano, a título de salários fixos, pró-labore, retiradas de sócios e proprietário, honorários, comissões sobre vendas, ajuda de custo, 13º salário, abono de férias, gratificações e participação nos lucros (quando não resultantes de cláusula contratual). Não são deduzidas as parcelas correspondentes às cotas de previdência social (INSS), recolhimento de imposto de renda ou de consignação de interesse dos empregados (aluguel de casa, contas de cooperativas etc.). Não estão incluídas as diárias pagas a empregados em viagens, honorários e ordenados pagos a membros dos conselhos administrativo, fiscal ou diretor que não exerçam qualquer atividade na empresa, indenizações por dispensa incentivada e participações ou comissões pagas a profissionais autônomos. Os salários, retiradas e outras remunerações são investigados segundo os pagamentos ao pessoal ocupado assalariado ligado ou não à produção e ao pessoal ocupado não assalariado (proprietários e sócios).

taxa de empresas de alto crescimento Relação entre o número de empresas de alto crescimento e o número de empresas ativas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas no ano de referência.

taxa de empresas gazelas 5 Relação entre o número de empresas gazelas e o número de empresas ativas com 10 pessoas ou mais ocupadas assalariadas com até cinco anos de idade no ano de referência.

unidade local Endereço de atuação da empresa que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as unidades locais estabelecidas no País.

unidade local de empresa de alto crescimento Endereço de atuação de empresa de alto crescimento que ocupa, geralmente, uma área contínua na qual são desenvolvidas uma ou mais atividades econômicas, identificado pelo número de ordem (sufixo) da inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ, da Secretaria da Receita Federal. São consideradas as unidades locais de empresas de alto crescimento estabelecidas no País²⁸.

valor adicionado bruto Diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário. Refere-se ao valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo.

valor bruto da produção Soma da receita líquida de vendas, variação de estoques de produtos acabados e em elaboração e produtos de fabricação própria realizada para o ativo imobilizado, deduzido do custo das mercadorias vendidas.

²⁸ Unidades locais ativas em um ano, mas inativas em outro do período de análise são consideradas. Assim, para 2014, o total de unidades locais inclui as unidades locais inativas em 2014, mas ativas em 2012 ou 2013, por exemplo.

Equipe técnica

Diretoria de Pesquisas

Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastro e Classificações

Andrea Bastos da Silva Guimarães

Gerência do Cadastros de Empresas e Estabelecimentos

Vinicius Mendonça Fonseca

Coordenação de Serviços e Comércio

Vânia Maria Carelli Prata

Coordenação de Indústria

Flávio Renato Keim Magheli

Elaboração do estudo

Planejamento

Isabella Nunes Pereira

Juliano Seabra (Instituto Endeavor Brasil)

Pedro Lipkin Peçanha Rosa (Instituto Endeavor Brasil)

Análise dos resultados

Isabella Nunes Pereira

Caroline Yukari Miaguti (Instituto Endeavor Brasil)

Elaboração dos comentários

Caroline Yukari Miaguti (Instituto Endeavor Brasil)

Tabulação

Hugo Segrilo Simas (Instituto Endeavor Brasil)

Colaboradores

Diretoria de Pesquisas

Coordenação de Serviços e Comércio

Maria Deolinda Borges Cabral

Coordenação de Indústria

Flávio Renato Keim Magheli

Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastro e Classificações

Adriane Gonzalez Rodrigues D'Almeida

Fabiano da Silva Giovanini

Fátima das Graças Macedo Barbosa

Gustavo Alexandre Nogueira da Costa

Katia Cilene Medeiros de Carvalho

Thiego Gonçalves Ferreira

Vinícius Mendonça Fonseca

Projeto Editorial

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Coordenação de Produção

Marise Maria Ferreira

Gerência de Editoração

Estruturação textual, tabular e de gráficos

Beth Fontoura

Katia Vaz Cavalcanti

Marisa Sigolo

Diagramação tabular e de gráficos

Aline Carneiro Damacena

Beth Fontoura

Diagramação textual

Marisa Sigolo

Programação visual da publicação

Luiz Carlos Chagas Teixeira

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Gerência de Documentação

Pesquisa e normalização bibliográfica

Ana Raquel Gomes da Silva

Juliana da Silva Gomes

Karina Pessanha da Silva (Estagiária)

Lioara Mandoju

Nádia Bernuci dos Santos

Solange de Oliveira Santos

Vera Lúcia Punzi Barcelos Capone

Normalização textual e padronização de glossários

Ana Raquel Gomes da Silva

Elaboração de quartas capas

Ana Raquel Gomes da Silva

Gerência de Gráfica

Impressão e acabamento

Maria Alice da Silva Neves Nabuco

Gráfica Digital

Impressão

Ednalva Maia do Monte

Série Estudos e Pesquisas

Informação demográfica e socioeconômica - ISSN 1516-3296

Síntese de indicadores sociais 1998, n. 1, 1999.

Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil, n. 2, 1999.

População jovem no Brasil, n. 3, 1999.

Síntese de indicadores sociais 1999, n. 4, 2000.

Síntese de indicadores sociais 2000, n. 5, 2001.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2000, n. 6, 2001.

Mapa do mercado de trabalho no Brasil 1992-1997, n. 7, 2001.

Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000, n. 8, 2002.

Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000, n. 9, 2002.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2000, n. 10, 2002.

Síntese de indicadores sociais 2002, n. 11, 2003.

Síntese de indicadores sociais 2003, n. 12, 2004.

Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do censo demográfico 2000, n.13, 2004.

Indicadores sociais municipais: uma análise da amostra do censo demográfico 2000, n.14, 2004.

Síntese de indicadores sociais 2004, n. 15, 2005.

Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000, n. 16, 2005.

Síntese de indicadores sociais 2005, n. 17, 2006.

Sistema de informações e indicadores culturais 2003, n. 18, 2006.

Síntese de indicadores sociais 2006, n. 19, 2006.

Tendências demográficas: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000, n. 20, 2007.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2007, n. 21, 2007.

Sistema de informações e indicadores culturais 2003-2005, n. 22, 2008.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2008, n. 23, 2008.

Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2008, n. 24, 2008.

Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil 2009, n. 25, 2009.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2009, n. 26, 2009.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010, n. 27, 2010.

Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010, n. 28, 2010.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2012, n. 29, 2012.

Tábuas abreviadas de mortalidade por sexo e idade - Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação, n. 30, 2013.

Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007- 2010, n. 31, 2013

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013, n. 32, 2013.

Estatísticas de Gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010, n. 33, 2014.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014, n. 34, 2014.

Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2015, n. 35, 2015.

Informação geográfica - ISSN 1517-1450

Saneamento básico e problemas ambientais em Goiânia, n. 1, 1999.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2002, n. 2, 2002.

Reserva ecológica do IBGE: ambientes e plantas vasculares, n. 3, 2004.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2004, n. 4, 2004.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2008, n. 5, 2008.

Vetores Estruturantes da Dimensão Socioeconômica da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco 2009, n.6, 2009.

Indicadores de Desenvolvimento Sustentável Brasil 2010, n. 7, 2010.

Geoestatísticas de Recursos Naturais da Amazônia Legal 2003, n. 8, 2011.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2012, n. 9, 2012.

Indicadores de desenvolvimento sustentável: Brasil 2015, n. 10, 2015.

Informação econômica - ISSN 1679-480X

As micros e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001, n. 1, 2003.

Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil, n. 2, 2004.

Indicadores agropecuários 1996-2003, n. 3, 2004.

As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2002, n. 4, 2004.
2. ed. 2004.

Economia do turismo: análise das atividades: características do turismo 2003, n.5, 2006.

Demografia das empresas 2005, n.6, 2007.

Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005, n.7, 2008.

As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2005, n.8, 2008.

Economia da saúde: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005, n.9, 2008.

Demografia das empresas 2006, n.10, 2008.

O Setor de Tecnologia da Informação e Comunicação no Brasil 2003-2006, n. 11, 2009.

Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2006, n.12, 2009.

Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2007, n.13, 2010.

Demografia das Empresas 2008, n. 14, 2010.

Estatísticas de Empreendedorismo 2008, n. 15, 2011.

Demografia das Empresas 2009, n. 16, 2011.

Demografia das Empresas 2010, n. 17, 2012.

Economia do turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2009, n. 18, 2012.

Estatísticas de Empreendedorismo 2010, n. 19, 2012.

As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2010, n. 20, 2012.

Demografia das Empresas 2011, n. 21, 2013.

Estatísticas de Empreendedorismo 2011, n. 22, 2013.

Demografia das Empresas 2012, n. 23, 2014.

Estatísticas de Empreendedorismo 2012, n. 24, 2014.

Demografia das Empresas 2013, n. 25, 2015.

Estatísticas de Empreendedorismo 2013, n. 26, 2015.

Demografia das Empresas 2014, n. 27, 2016.

Estatísticas de Empreendedorismo 2014, n. 28, 2016.

Se o assunto é **Brasil**,
procure o **IBGE**.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

ESTATÍSTICAS DE EMPREENDEDORISMO

2014

Com o lançamento desta publicação, o IBGE traz a público seu mais recente estudo sobre o tema empreendedorismo, realizado com a colaboração técnica do Instituto Empreender Endeavor Brasil. As estatísticas são provenientes do Cadastro Central de Empresas - CEMPRE e das pesquisas econômicas anuais nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços, também do IBGE, e contemplam informações sobre o segmento empresarial formalmente constituído da economia brasileira.

A publicação traz considerações sobre os procedimentos metodológicos adotados na elaboração do estudo, os aprimoramentos introduzidos e seus referenciais teóricos, além de notas sobre as bases de dados utilizadas. A análise dos resultados tem como objeto central as empresas de alto crescimento – aquelas com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano por um período de três anos consecutivos e com 10 ou mais pessoas ocupadas assalariadas no ano inicial de observação – e discorre sobre a *performance* destas no triênio de 2012 a 2014. Os comentários contextualizam o cenário econômico internacional e seus reflexos na economia brasileira no período considerado, traçam um panorama geral das empresas ativas no Brasil e detalham, em particular, aquelas de alto crescimento, com informações sobre número, porte, idade média, setores de atividade econômica, postos de trabalho assalariado, sexo e nível de escolaridade do pessoal ocupado, salários e outras remunerações, valor adicionado bruto, produtividade do trabalho, entre outras características. Seus resultados são pautados na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0.

Para além do recorte tradicional das edições anteriores, o estudo ora apresentado traz, adicionalmente, um aprofundamento da análise das empresas de alto crescimento contínuo, cujo universo é formado por aquelas com crescimento médio do pessoal ocupado assalariado de pelo menos 20% ao ano durante dois triênios seguidos – neste caso, 2009-2011 e 2012-2014. Esta edição também visou explorar a trajetória desse segmento entre 2005 e 2008, em um espaço de tempo, portanto, anterior ao de alto crescimento contínuo, com o objetivo de compreender melhor a resiliência de tais empresas em relação às demais, justo em um período de menor dinamismo econômico.

Ao final da publicação, um glossário com os termos e conceitos considerados relevantes contribui para a compreensão dos resultados.

O conjunto dessas informações, também disponibilizado no portal do IBGE na Internet, concorre para o debate sobre a dimensão e a importância do empreendedorismo no País, assunto de relevância cada vez mais acentuada na economia, tanto em nível nacional quanto global.

Publicações complementares:

Demografia das empresas 2014

Estatísticas do cadastro central de empresas 2014

